



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
ESCOLA DE ENFERMAGEM**

JULIANA MACIEL MACHADO PAIVA

**TRAJETÓRIA PROFISSIONAL DOS EGRESSOS DOS CURSOS TÉCNICOS EM
ENFERMAGEM NA MODALIDADE INTEGRADA**

**SALVADOR
2021**

JULIANA MACIEL MACHADO PAIVA

**TRAJETÓRIA PROFISSIONAL DOS EGRESSOS DOS CURSOS TÉCNICOS EM
ENFERMAGEM NA MODALIDADE INTEGRADA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Enfermagem e Saúde da Escola de Enfermagem da Universidade Federal da Bahia, como requisito para obtenção do grau de Mestre, área de concentração “Enfermagem, cuidado e saúde”, linha de pesquisa “Formação, Gestão e Trabalho em Enfermagem e Saúde”.

Orientador: Prof. Dr. Gilberto Tadeu Reis da Silva

Co-orientadora: Profa. Dra. Giselle Alves da Silva
Teixeira

SALVADOR
2021

JULIANA MACIEL MACHADO PAIVA

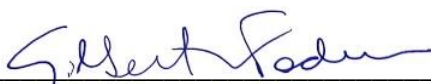
**TRAJETÓRIA PROFISSIONAL DOS EGRESSOS DOS CURSOS TÉCNICOS EM
ENFERMAGEM NA MODALIDADE INTEGRADA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Enfermagem e Saúde da Escola de Enfermagem da Universidade Federal da Bahia, como requisito para obtenção do grau de Mestre, área de concentração “Enfermagem, cuidado e saúde”, linha de pesquisa “Formação, Gestão e Trabalho em Enfermagem e Saúde”.

Aprovada em 19 de Julho de 2021

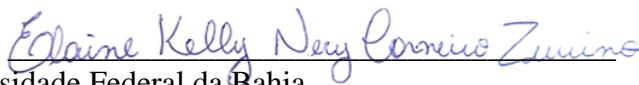
BANCA EXAMINADORA

Gilberto Tadeu Reis da Silva



Pós-Doutor em Ciências da Saúde pela Universidade Federal de São Paulo e professor titular da Escola de Enfermagem da Universidade Federal da Bahia.

Elaine Kelly Nery Carneiro Zunino



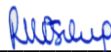
Doutora em Enfermagem pela Universidade Federal da Bahia.

Juliana Costa Ribeiro Barbosa



Doutora em Enfermagem pela Universidade Federal da Bahia.

Rosana Maria de Oliveira Silva



Doutora em Enfermagem pela Universidade Federal da Bahia e professora adjunta da Escola de Enfermagem da Universidade Federal da Bahia.

FICHA CATALOGRÁFICA

Ficha catalográfica elaborada pelo Sistema Universitário de Bibliotecas (SIBI/UFBA),
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Maciel Machado Paiva, Juliana
Trajetória profissional dos egressos dos cursos
técnicos em enfermagem na modalidade integrada /
Juliana Maciel Machado Paiva. -- Salvador, 2021.
110 f.

Orientador: Gilberto Tadeu Reis da Silva.
Coorientadora: Giselle Alves da Silva Teixeira .
Dissertação (Mestrado - Mestrado em Enfermagem e
Saúde) -- Universidade Federal da Bahia, Escola de
Enfermagem, 2021.

1. Ensino médio. 2. Educação técnica em enfermagem.
3. Educação profissionalizante. 4. Técnicos de
enfermagem. 5. Egresso. I. Reis da Silva, Gilberto
Tadeu. II. Alves da Silva Teixeira , Giselle. III.
Título.

DEDICATÓRIA

À Deus por ser essencial em minha vida, meu guia e socorro presente na hora da angústia.

Ao meu pai e minha avó, meus portos seguros, que sempre me apoiaram a compreender e enfrentar as dificuldades para chegar até aqui. Mesmo distantes fisicamente, caminharam ao meu lado.

À minha mãe e meu irmão, pelas palavras de incentivo a todo momento.

AGRADECIMENTOS

São tantos e tão especiais...

A Deus por permitir a existência e o aumento da minha fé a cada dia. “*Tudo é do pai, toda honra e toda glória, é Dele a vitória alcançada em minha vida...*” (Frederico Cruz).

Ao meu pai Gutemberg e à minha avó Nelcina, que ao meu lado, permitiram que o sonho de ser Mestre se concretizasse.

À minha mãe, irmão e aos familiares que sempre acreditaram em mim e me incentivaram a seguir em frente.

Às minhas amigas e amigos pelos momentos de alegria e descontração!

Aos meus colegas de trabalho pela compreensão e incentivo e aos meus alunos por permitirem colocar os meus conhecimentos em prática e poderem construir e transformar o processo formativo junto a mim.

Ao Grupo de Estudos e Pesquisas em Administração de Serviços de Enfermagem – GEPASE, em especial ao meu orientador Dr. Gilberto Tadeu, co-orientadora Giselle Teixeira e colegas de pesquisa Elaine e Juliana por toda dedicação, paciência e pelos momentos de construção de conhecimento.

Às instituições coparticipantes e aos egressos que participaram deste estudo pela confiança e pelo tempo dedicado à contribuir com a pesquisa científica.

Muito obrigada a todos por contribuírem para meu crescimento como ser humano e profissional.

AGRADECIMENTOS

O presente trabalho foi realizado com o apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (FAPESB).

RESUMO

PAIVA, Juliana Maciel Machado. **Trajetória profissional dos egressos dos cursos técnicos em enfermagem na modalidade integrada.** 110 p. Dissertação (Mestrado em Enfermagem e Saúde), Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2021.

No cenário da formação técnica em enfermagem existe uma distância considerável entre a escolha profissional e a consolidação dessa escolha através da atuação na profissão. Essa lacuna é permeada por uma série de elementos facilitadores e desafiadores que impactam na garantia da atuação destes profissionais enquanto técnicos em enfermagem. Portanto, se configura como objetivo principal deste estudo analisar a trajetória profissional dos egressos dos cursos técnicos em enfermagem na modalidade integrada na Bahia. E como objetivos específicos: caracterizar os egressos da formação técnica em enfermagem na modalidade integrada; identificar os elementos que facilitaram a trajetória profissional dos egressos da formação técnica em enfermagem na modalidade integrada e identificar os desafios enfrentados dos egressos da formação técnica em enfermagem na modalidade integrada em sua trajetória profissional. Trata-se de um estudo descritivo-exploratório, realizado através de entrevistas com 19 egressos que finalizaram o curso técnico em enfermagem na modalidade integrada entre 2015 e 2018. A pesquisa teve como instituições coparticipantes 3 escolas no estado da Bahia. A coleta de dados se desenvolveu de forma presencial e à distância com apoio de tecnologias. A tratativa destes dados se deu com o apoio de um software de análise qualitativa. 84,2% dos egressos eram do sexo feminino; as faixas etárias entre 21 e 30 anos e entre 31 e 40 anos representam 36,8% dos egressos; 63,2% eram solteiros, e 57,9% pardos. Através das falas dos egressos foi possível elencar os elementos facilitadores para inserção no mundo do trabalho, sendo evidenciados itens como formação profissionalizante, experiência proporcionada pelos estágios e aulas práticas, experiências profissionais anteriores, iniciativas governamentais e rede de indicações; também foram identificados os desafios: falta de experiência na profissão, limitações das iniciativas governamentais, baixa oferta de vagas no interior do estado, rede de indicações e precariedade dos vínculos.

Descritores: Ensino médio; Educação técnica em enfermagem; Educação profissionalizante; Técnicos de enfermagem; Egresso.

RESUMEN

PAIVA, Juliana Maciel Machado. **Trayectoria profesional de egresados de cursos técnicos de enfermería en la modalidad integrada.** 110 p. Disertación (Maestría en Enfermería y Salud), Universidad Federal de Bahía, Salvador, 2021.

En el escenario de la formación técnica en enfermería, existe una distancia considerable entre la elección profesional y la consolidación de esa elección a través del actuar en la profesión. Esta brecha está permeada por una serie de elementos facilitadores y desafiantes que inciden en garantizar el desempeño de estos profesionales como técnicos de enfermería. Por tanto, el objetivo principal de este estudio es analizar la trayectoria profesional de los egresados de los cursos de técnico de enfermería en la modalidad integrada en Bahía. Y como objetivos específicos: caracterizar a los egresados de la formación técnica en enfermería en la modalidad integrada; identificar los elementos que facilitaron la trayectoria profesional de los egresados de la formación técnica en enfermería en la modalidad integrada e identificar los desafíos que enfrentan los egresados de la formación técnica en enfermería en la modalidad integrada en su trayectoria profesional. Se trata de un estudio descriptivo-exploratorio, realizado a través de entrevistas a 19 egresados que completaron el curso técnico en enfermería en la modalidad integrada entre 2015 y 2018. La investigación tuvo como instituciones coparticipantes 3 escuelas del estado de Bahía. La recolección de datos se realizó de manera presencial y a distancia con el apoyo de tecnologías. Estos datos se manejaron con el apoyo de un software de análisis cualitativo. El 84,2% de los egresados fueron mujeres; los grupos de edad entre 21 y 30 años y entre 31 y 40 años representan el 36,8% de los egresados; El 63,2% eran solteros y el 57,9% morenos. A través de los discursos de los egresados, se pudo enumerar los elementos que facilitan la inserción en el mundo laboral, destacándose ítems como la formación profesional, experiencia brindada por pasantías y clases prácticas, experiencias profesionales previas, iniciativas gubernamentales y red de indicaciones. ; También se identificaron desafíos: falta de experiencia en la profesión, limitaciones de las iniciativas gubernamentales, baja oferta de vacantes en el interior del estado, entramado de indicios y precariedad de vínculos.

Descriptores: Bachillerato; Educación técnica en enfermería; educación vocacional; Técnicos de enfermería; Salida.

ABSTRACT

PAIVA, Juliana Maciel Machado. **Professional trajectory of graduates of technical courses in nursing in the integrated modality**. 110 p. Dissertation (Masters in Nursing and Health), Federal University of Bahia, Salvador, 2021.

In the scenario of technical training in nursing, there is a considerable distance between professional choice and the consolidation of that choice through acting in the profession. This gap is permeated by a series of facilitating and challenging elements that impact on guaranteeing the performance of these professionals as nursing technicians. Therefore, the main objective of this study is to analyze the professional trajectory of graduates of nursing technician courses in the integrated modality in Bahia. And as specific objectives: to characterize the graduates of technical training in nursing in the integrated modality; identify the elements that facilitated the professional trajectory of graduates of technical training in nursing in the integrated modality and identify the challenges faced by alumni of technical training in nursing in the integrated modality in their professional trajectory. This is a descriptive-exploratory study, conducted through interviews with 19 graduates who completed the technical course in nursing in the integrated modality between 2015 and 2018. The research had as co-participating institutions 3 schools in the state of Bahia. Data collection was carried out in person and at a distance with the support of technologies. These data were handled with the support of qualitative analysis software. 84.2% of the graduates were female; the age groups between 21 and 30 years old and between 31 and 40 years old represent 36.8% of the graduates; 63.2% were single, and 57.9% brown. Through the speeches of the graduates, it was possible to list the elements that facilitate insertion into the world of work, with items such as professional training, experience provided by internships and practical classes, previous professional experiences, government initiatives and network of indications being highlighted; Challenges were also identified: lack of experience in the profession, limitations of government initiatives, low supply of vacancies in the interior of the state, network of indications and precariousness of bonds.

Descriptors: High school; Technical education in nursing; Vocational education; Nursing technicians; Egress.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1	Fase de organização do corpo documental no software WebQda®. Salvador, Bahia, 2020.....	40
Figura 2	Processo de codificação do <i>corpus</i> da pesquisa. Salvador, Bahia, 2020.....	41
Figura 3	Caracterização dos egressos participantes da pesquisa conforme sexo. Salvador, Bahia, 2020.....	46
Figura 4	Caracterização dos egressos participantes da pesquisa conforme idade ao concluir o curso. Salvador, Bahia, 2020.....	47
Figura 5	Caracterização dos egressos participantes da pesquisa conforme auto declaração de cor. Salvador, Bahia, 2020.....	49

LISTA DE TABELAS

Tabela 1	Número de escolas que ofertavam curso técnico em enfermagem na modalidade integrada no Nordeste, por estado no ano de 2018. Salvador, Bahia, 2020.....	34
Tabela 2	Número de concluintes de cursos técnico em enfermagem na modalidade integrada por escola coparticipante e ano de conclusão do curso. Salvador, Bahia, 2020.....	36

LISTA DE ABREVIATURAS

ABEn	Associação Brasileira de Enfermagem
CAAE	Certificado de Apresentação para Apreciação Ética
CEB	Câmara de Educação Básica
CEPEE	Comitê de Ética em Pesquisa de Enfermagem da Universidade Federal da Bahia
CEP	Comitê de Ética em Pesquisa
CFE	Conselho Federal de Educação
CNCT	Catálogo Nacional de Cursos Técnicos
CNE	Conselho Nacional de Educação
COFEN	Conselho Federal de Enfermagem
CONEP	Comissão Nacional de Ética em Pesquisa
DNSP	Departamento Nacional de Saúde Pública
EaD	Educação à Distância
EEUFBA	Escola de Enfermagem da Universidade Federal da Bahia
EFTS	Escolas de Formação Técnica do Sistema Único de Saúde
EP	Ensino Profissionalizante
EPI	Ensino Profissional Integrado
EPITI	Ensino Profissional Integrado em Tempo Integral
FIOCRUZ	Fundação Oswaldo Cruz
GEPASE	Grupo de Estudos e Pesquisa em Administração em Serviços de Enfermagem
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
LDB	Lei das Diretrizes e Bases da Educação Nacional
NOB/RH-SUS	Norma Operacional Básica de Recursos Humanos do SUS
PNE	Plano Nacional da Educação
PROEJA	Programa Nacional de Integração da Educação Profissional à Educação Básica na modalidade de Educação de Jovens e Adultos
SISTEC	Sistema Nacional de Informações da Educação Profissional e Tecnológica
SUS	Sistema Único de Saúde
TCC	Trabalho de Conclusão de Curso
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
UC	Unidade de Contexto
UFBA	Universidade Federal da Bahia
UR	Unidade de Registro

SUMÁRIO

	PRÓLOGO	14
1	INTRODUÇÃO	16
2	REVISÃO DE LITERATURA	22
2.1	FORMAÇÃO TÉCNICA EM ENFERMAGEM E A FORMAÇÃO PARA O SUS	22
2.2	FORMAÇÃO TÉCNICA INTEGRADA AO ENSINO MÉDIO	25
2.3	FORMAÇÃO E TRAJETÓRIA PROFISSIONAL	28
3	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	33
3.1	CLASSIFICAÇÃO METODOLÓGICA	33
3.2	INSTITUIÇÕES COPARTICIPANTES	34
3.3	PARTICIPANTES DO ESTUDO	35
3.4	O PROCESSO DE COLETA DE DADOS	37
3.5	ANÁLISE DOS DADOS	39
3.6	ASPECTOS ÉTICOS DA PESQUISA	42
4	APRESENTAÇÃO, ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	43
4.1	APRESENTAÇÃO DOS EGRESSOS	43
4.2	CARACTERIZAÇÃO DOS EGRESSOS	46
4.3	ELEMENTOS FACILITADORES E DESAFIOS PARA A INSERÇÃO NO MUNDO DO TRABALHO	50
4.3.1	Artigo 1	50
4.3.2	Artigo 2	69
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	86
	REFERÊNCIAS	89
	APÊNDICES	94
	APÊNDICE A – TERMO DE AUTORIZAÇÃO DA INSTITUIÇÃO COPARTICIPANTE	94
	APÊNDICE B – TERMO DE CONCESSÃO	95
	APÊNDICE C – FORMULÁRIO DAS INSTITUIÇÕES COPARTICIPANTES	97
	APÊNDICE D – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	103
	APÊNDICE E – ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA	105
	ANEXOS	108
	ANEXO A – PARECER DO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA	108

PRÓLOGO

Em 13 de maio de 2013, coincidentemente meu aniversário, eu estava adentrando na Universidade Federal da Bahia (UFBA) como graduanda em enfermagem. Um sonho conquistado. Vários sentimentos me acometiam: angústia, felicidade, dúvidas, incertezas, medo do novo. No entanto, eu tinha certeza que a partir daquele dia eu seria uma nova pessoa e em processo de transformação constante.

Ao decorrer da graduação, diante da pouca abordagem, comecei a me interessar pelas áreas de ensino e gestão na enfermagem, quando senti a necessidade de aprofundar os meus estudos sobre estas áreas. Então, ao final do terceiro semestre, em 2014, estimulada por meus interesses na carreira acadêmica e na área de gestão me vinculei ao Grupo de Estudos e Pesquisa em Administração em Serviços de Enfermagem (GEPASE) da UFBA, onde fui direcionada ao projeto em andamento denominado “Avaliação da formação técnica de nível médio em enfermagem”.

É importante ressaltar que participar do GEPASE se tornou e ainda é uma experiência exitosa e grandiosa para o meu desenvolvimento profissional e acadêmico. Foi onde pude me aproximar, verdadeiramente, do mundo das pesquisas científicas, e também, foi onde desenvolvi o gosto por pesquisar e realizar estudos para contribuir com a formação em enfermagem.

Então, pesquisar sobre o perfil dos egressos de uma Escola de Formação Técnica em Saúde (EFTS) do estado da Bahia era um dos objetivos do projeto pelo qual me interessei e aprofundei os estudos nesta temática. Vendo o quantitativo de técnicos de enfermagem no Brasil e a importância destes profissionais para a consolidação do Sistema Único de Saúde (SUS), percebi a importância de pesquisar sobre os egressos do curso técnico em enfermagem da EFTS, o que deu origem ao meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) da graduação.

Meu TCC trouxe à tona grandes lacunas e dificuldades. Primeiramente, foi perceptível a escassez de estudos sobre formação técnica em enfermagem e também sobre o perfil dos estudantes deste nível de formação, o que dificultou o embasamento teórico e o desenvolvimento do trabalho, principalmente no que se refere à discussão dos resultados. Encontrei, também, uma barreira quanto ao arquivo documental da instituição de ensino, pois havia um subregistro de informações, desorganização do arquivo acadêmico e antiguidade dos registros – o que implicou em números de telefones, que muitas vezes não

existem mais – resultando em uma enorme dificuldade para contatar os egressos, gerando fragilidade no estudo.

Os resultados do estudo mostraram que a categoria técnica em enfermagem é desvalorizada socialmente e economicamente, passa por problemas quanto às condições de trabalho, é composta por pessoas que procuram um desenvolvimento e aperfeiçoamento profissional e com grandes lacunas acerca da sua trajetória no mercado de trabalho.

Ainda como graduanda e integrante do GEPASE, fui estudante voluntária de iniciação científica durante dois anos e bolsista por dois anos consecutivos, estudando a mesma temática. Pude construir um pensamento crítico e reflexivo acerca da formação técnica de nível médio, inclusive na enfermagem, já que se trata de uma formação (nível médio) à margem da educação do país, quando comparada à formação de nível superior. A partir dos estudos desenvolvidos foi possível conhecer a realidade sócio demográfica, a formação e o mundo do trabalho dos profissionais técnicos em enfermagem no estado da Bahia.

Neste processo identifiquei o quão importante é a oferta de uma formação de qualidade para os profissionais de nível médio em enfermagem, já que estes se acarretam em maior número dentro do campo da enfermagem e são os mais próximos à prestação de cuidados diretos aos usuários nos serviços de saúde, sejam eles públicos ou privados.

Nesse sentido, estimulada pelo que pesquisava e havendo a necessidade de conhecer estes profissionais de forma mais ampla, e a sua inserção no mundo do trabalho, ao fim da graduação tomei a decisão de concorrer ao processo seletivo para mestrado em enfermagem e saúde da Escola de Enfermagem da UFBA (EEUFBA), quando desenvolvi o presente estudo.

Ainda, é válido trazer à tona que se manter nas pesquisas acerca da formação técnica em enfermagem não é uma trajetória fácil ou simples. Esta é permeada por dificuldades como a falta de visibilidade pela sociedade, o que torna o conteúdo de pouco o nenhum interesse pela maioria das pessoas.

1 INTRODUÇÃO

Esta dissertação tem objeto de estudo a trajetória profissional dos egressos dos cursos técnicos em enfermagem na modalidade integrada.

O técnico em enfermagem é um profissional que compõe a equipe multiprofissional da saúde, atuando em diversos serviços de saúde e tem o seu exercício profissional regulamentado através da Lei nº 7.498/86, de 25 de junho de 1986 (COFEN, 1986).

No início do século XX, as ações de saúde pública no Brasil eram voltadas apenas para campanhas de vacinação, intervenções de saneamento ambiental, isolamento de doentes infectados e ações emergenciais curativas. A assistência médico-individual era restrita aos profissionais liberais.

Na década de 1920, com o fortalecimento econômico e político do país, através da oligarquia paulista cafeeira, e com a aceleração da industrialização nos espaços urbanos, o modelo sanitário vigente foi muito criticado, e assim, emergiu a corrente médico-sanitária, com foco na saúde do indivíduo/trabalhador e na defesa das ações educacionais voltadas à higiene ambiental e individual, tendo estas como principais ferramentas no campo da saúde pública.

Diante do exposto, surge a necessidade de mão-de-obra qualificada na saúde, porém em um contexto de baixa escolaridade da população e insuficiência de vagas no ensino superior, cria-se, emergencialmente, o curso de auxiliar de enfermagem. A formação se deu em larga escala para sanar a falta de pessoal de enfermagem e atender as necessidades do país. Esses profissionais trabalhavam, principalmente, acompanhando os profissionais médicos e sanitaristas (BORGES et al., 2012).

Apenas na década de 1960, com a necessidade de profissionais capacitados para atuar na área hospitalar, na supervisão de pequenas unidades e realizar o cuidado a pacientes graves entre outros, surgem os cursos técnicos em enfermagem. Em 1965, a Associação Brasileira de Enfermagem (ABEn) uniu esforços junto ao Conselho Federal de Educação (CFE) para a regulamentação do curso técnico em enfermagem, sendo este reconhecido em 1985 (GÖTTEMS; ALVES; SENA, 2007).

Hoje, conforme o Catálogo Nacional de Cursos Técnicos (CNCT) o Técnico em Enfermagem tem como atribuições: realizar, sob a supervisão do enfermeiro, cuidados integrais de enfermagem a indivíduos, família e grupos sociais vulneráveis ou não; atuar na

promoção, prevenção, recuperação e reabilitação dos processos saúde-doença em todo o ciclo vital; participar do planejamento e da execução das ações de saúde junto à equipe multidisciplinar, considerando as normas de biossegurança, envolvendo curativos, administração de medicamentos e vacinas, nebulizações, banho de leito, cuidados pós-morte, mensuração antropométrica e verificação de sinais vitais; preparar o paciente para os procedimentos de saúde; participar de comissões de certificação de serviços de saúde, tais como núcleo de segurança do paciente, serviço de controle de infecção hospitalar, gestão da qualidade dos serviços prestados à população, gestão de riscos, de comissões de ética de enfermagem, transplantes, óbitos e outros; e colaborar com o enfermeiro em ações de comissões de certificação de serviços de saúde, tais como núcleo de segurança do paciente, serviço de controle de infecção hospitalar, gestão da qualidade dos serviços prestados à população, gestão de riscos, comissões de ética de enfermagem, transplantes, óbitos e outros (BRASIL, 2014a).

No Brasil estão cadastrados no Conselho Federal de Enfermagem (COFEN) 1.448.604 técnicos de enfermagem. Estes representam 57,95% do total de profissionais da enfermagem. Na Bahia, são 62,29% da força de trabalho em enfermagem, totalizando 89.038 trabalhadores (CONSELHO FEDERAL DE ENFERMAGEM, 2021). São, portanto, o maior grupo de trabalhadores da saúde no Brasil e estão presentes em quase todos os serviços de saúde, sejam eles públicos ou privados.

A formação do técnico em enfermagem no Brasil se dá através da Lei n.º 5.692, de 11 de agosto de 1971, que fixa as Diretrizes e Bases para o Ensino de 1º e 2º graus, a qual integra, real e efetivamente, o curso Técnico de Enfermagem e o curso de Auxiliar de Enfermagem no sistema educacional do país, ao nível de 2º grau (COSTA; BORGES; DONOSO, 2013).

Atualmente, a carga horária mínima para a formação técnica em enfermagem é de 1200 horas com, ao menos, mais 400 horas de estágio curricular supervisionado. O curso presencial pode prever até 20% da sua carga horária diária em atividades não presenciais. Já na modalidade de ensino à distância (EaD) deve haver, no mínimo, 50% da carga horária em atividades presenciais. O curso tem duração estimada de dois anos e meio, sendo esta considerada para a modalidade subsequente (BRASIL, 2014a).

Além da modalidade subsequente, na qual o curso técnico é realizado após a finalização do ensino médio de base, existem mais duas modalidades: Concomitante e Integrada. Na modalidade Concomitante, enquanto o aluno está cursando o ensino médio

de base, ele pode realizar o curso técnico em enfermagem em outra instituição. Já na modalidade Integrada, o aluno cursa o ensino técnico e o ensino médio ao mesmo tempo, em uma mesma instituição, com componentes curriculares integrados e articulando entre si.

Dentre as modalidades previstas para formação do técnico em enfermagem, a formação profissional integrada ao ensino médio vem sendo estimulada pelas políticas públicas, expressas através do Plano Nacional da Educação (PNE) 2014-2024 que traz, entre outras metas, oferecer no mínimo 25% das matrículas de educação de jovens e adultos, nos ensinos fundamental e médio, na forma integrada à educação profissional (EP) (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 2014).

O PNE parte do pressuposto que a modalidade integrada proporcionará melhores condições de cidadania, de trabalho e de inclusão social aos jovens e adultos em busca de uma formação profissional de qualidade e de novos horizontes para suas vidas, através da sua inserção profissional (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 2014).

Isto porque a formação profissional integrada ao ensino médio se caracteriza por uma formação técnica baseada em pressupostos expostos na legislação brasileira de politecnia, formação omnilateral e escola unitária. Entende-se politécnica como o domínio dos fundamentos científicos das diferentes técnicas que caracterizam o processo de trabalho moderno; omnilateral como a integração de todas as dimensões que orientam o processo de desenvolvimento humano (trabalho, ciência e cultura) (RAMOS, 2017) e unitária uma escola que equilibre equanimemente o desenvolvimento da capacidade de trabalhar manual e intelectualmente (SAVIANI, 2018).

A Lei de Diretrizes e Bases (LDB) da Educação Nacional (Lei nº 9.394/96) estabeleceu que a educação deve compreender os processos formativos que se iniciam na vida familiar, na convivência humana e se desenvolvem, especialmente, nas instituições de ensino e no trabalho. Assim, o ensino médio da educação básica tem, dentre outros objetivos, a preparação básica para o trabalho, de modo que, atendida à formação geral do educando, o direcione para o exercício de profissões técnicas (BRASIL, 1996)

Entretanto, a edição do Decreto n. 2.208/97, estabeleceu que seria necessária uma organização curricular própria para a educação, independente do Ensino Médio. Portanto, a busca de uma concepção unitária em termos da formação ser alcançada por meio do ensino médio sofreu um grave retrocesso, proibindo a formação na modalidade integrada. Posteriormente, o princípio basilar foi resgatado no Decreto nº 5.154/04 de 23 de Julho de

2004 no governo do presidente Luís Inácio Lula da Silva, o qual manteve a educação profissional como etapa formativa própria, contudo, no nível médio, possibilitando a oferta na modalidade integrada entre formação profissional e ensino médio (BRASIL, 2014b).

Assim, a formação técnica integrada ao ensino médio tem como principal característica a formação técnica ao mesmo tempo que cursa o ensino médio de base. Ou seja, não é necessário aguardar a finalização da última etapa da educação básica para fazer o curso técnico. Assim o aluno finaliza o ensino médio junto a uma formação profissional. O mesmo tem uma duração prevista de 3 anos, diferentemente da modalidade subsequente que tem duração de 2 anos e meio.

De acordo com Simões (2007), o ensino técnico integrado com o ensino médio, representa para a juventude uma possibilidade que vai além da sobrevivência econômica e inserção social. Este tipo de formação, com uma proposta educacional que integra diferentes campos do saber, torna-se fundamental para os jovens na perspectiva de seu desenvolvimento pessoal e na transformação da realidade social onde estão inseridos.

Ainda nesta perspectiva, Santiago e colaboradores (2017) afirmam que a formação profissional integrada ao ensino médio traz contribuições para a construção de um itinerário formativo com muito mais possibilidades, realidade nem sempre presente no ensino médio tradicional.

Busca-se, portanto, com essa modalidade de formação, não a divisão de possibilidades que projete o egresso apenas como técnico de enfermagem em sua atuação no mercado de trabalho, e sim a soma de possibilidades que o introduzem no mundo do trabalho como um profissional com domínio de diferentes técnicas e saberes que caracterizam o processo de trabalho moderno.

Mesmo diante do estímulo governamental e do entendimento de que a formação profissional integrada ao ensino médio permite uma educação centrada no sujeito e o seu empoderamento e abre um leque de possibilidades para inserção no mundo do trabalho, os dados do Sistema Nacional de Informações da Educação Profissional e Tecnológica (SISTEC) demonstram que apenas 227 escolas ofertam o curso técnico de enfermagem nessa modalidade no Brasil, correspondendo a 10,6% das escolas cadastradas.

Na formação técnica integrada ao ensino médio, os jovens saem da escola com o ensino médio finalizado e uma profissão que pode ajudá-lo no ingresso ao mercado de trabalho e início de uma trajetória profissional.

Entretanto, em uma realidade de modificações constantes no mercado de trabalho e no sistema de ensino, existe uma necessidade de alinhamento entre a formação ofertada pelas instituições de ensino e o mercado de trabalho. Mesmo que a obtenção de uma formação técnica venha a ser vista como garantia de inserção profissional e de estabilidade profissional, é possível observar as dificuldades dos indivíduos capacitados em se inserir no mundo do trabalho (RAMOS; PARENTE; SANTOS, 2014).

A inserção profissional é um fenômeno social que pode se modificar ao longo do tempo e representa a transição do indivíduo do processo formativo para o sistema de emprego. Trata-se de um processo complexo, composto por atores e influenciado por fatores históricos/ sociais em determinado contexto institucional, o qual configura-se como construção pessoal, social e profissional do indivíduo (ALMEIDA, 2014; ALVES, 2009; DRANCOURT; BERGER, 1995).

Assim, existe uma lacuna importante entre a escolha profissional e a consolidação dessa escolha com o efetivo exercício profissional no mundo do trabalho. Essa lacuna é permeada por uma série de elementos facilitadores e desafiadores para inserção deste profissional no mundo do trabalho.

Frente a estas considerações, o problema de pesquisa que procuramos responder neste estudo, foi assim formulado: Como se deu a trajetória profissional dos egressos dos cursos técnicos em enfermagem na modalidade integrada na Bahia? Como se deu a inserção profissional? Quais os aspectos facilitadores e desafios que permeiam a inserção e permanência destes egressos na profissão?

Na busca de respostas à pergunta central definimos o seguinte objetivo para este estudo: Analisar a trajetória profissional dos egressos dos cursos técnicos em enfermagem na modalidade integrada na Bahia.

E como objetivos específicos:

- Caracterizar os egressos da formação técnica em enfermagem na modalidade integrada;
- Identificar os elementos que facilitaram a trajetória profissional dos egressos da formação técnica em enfermagem na modalidade integrada;
- Identificar os desafios enfrentados dos egressos da formação técnica em enfermagem na modalidade integrada em sua trajetória profissional.

Analisar a trajetória profissional dos egressos oriundos deste tipo de formação nos permitirá conhecer os elementos facilitadores e desafiadores que permeiam a trajetória de

jovens profissionais da enfermagem na Bahia. A análise de uma realidade local nos ajudará a pensar em possibilidades para fortalecimento dos elementos facilitadores identificados, bem como, propor estratégias para enfrentamento dos desafios revelados.

Neste contexto, a importância desse estudo se estabelece ao visar aprofundar o conhecimento sobre a trajetória profissional dos egressos da formação técnica em enfermagem na modalidade integrada, possibilitando o desenvolvimento científico e tecnológico sobre a temática, contribuindo para a melhoria contínua desta formação. Busca-se subsidiar políticas públicas relacionadas esta modalidade de ensino por meio de ações mais efetivas para superação das suas limitações, assim como para a inserção destes profissionais no mundo do trabalho.

Ainda é importante pontuar o motivo pela qual foi escolhida a modalidade integrada de ensino. Trata-se de uma modalidade relativamente nova quando comparada a outras, e vem tomando uma maior visibilidade dentre os interessados na educação profissionalizante. A mesma já está bastante disseminada em alguns estados, como no caso do Ceará, e vem se expandido por todo o país. A modalidade integrada traz promessas de transformações na trajetória profissional e na vida dos indivíduos.

2 REVISÃO DA LITERATURA

2.1 FORMAÇÃO TÉCNICA EM ENFERMAGEM E A FORMAÇÃO PARA O SUS

A responsabilidade do ordenamento na formação dos trabalhadores da saúde atribuída ao Sistema Nacional de Saúde foi um dos grandes avanços da Constituição Federal de 1988 para educação na área da saúde, pois se percebeu que historicamente a formação não respondia às necessidades de profissionalização para o setor saúde em função da pequena oferta de vagas e do desalinhamento curricular à realidade dos serviços (PEREIRA; RAMOS, 2006).

Alinhado a isso, a Norma Operacional Básica de Recursos Humanos do SUS (RAMOS et al., 2012) ressalta a importância da formação e do aperfeiçoamento dos profissionais da saúde, além de reafirmar a responsabilidade do SUS na ordenação de seus recursos humanos.

Desde então, o desenvolvimento e a formação dos profissionais de saúde de acordo às exigências do SUS têm se tornado uma preocupação para os atores sociais interessados na plena consolidação do sistema.

Assim, a formação dos trabalhadores do SUS deve ter como objetivos a transformação das práticas de saúde e da organização do processo de trabalho, se estruturando a partir da reflexão crítica e problematizadora da realidade das práticas nos serviços de saúde e ampliando "[...] sua capacidade de dar acolhimento e cuidado às várias dimensões e necessidades de saúde das pessoas, dos coletivos e das populações" (CECCIM; FEUERWERKER, 2004, p. 43).

Para alcançar esses objetivos, a formação dos profissionais de saúde não deve se restringir à atualização técnico-científica, mas englobar aspectos subjetivos e cognitivos, em que se verifica a produção de habilidades técnicas e de conhecimentos visando garantir ao educando condições para atualizar as suas potencialidades, em suas diversas dimensões, possibilitando inovar e transformar a realidade (CECCIM; FERLA, 2006; CECCIM; FEUERWERKER, 2004).

É de extrema importância uma formação com métodos de ensino menos tradicionais e tecnicistas, que empodera o sujeito, tornando-o mais crítico e reflexivo e que contribua com o bem-estar social. Apesar dos avanços, estes princípios ainda são um grande desafio na formação desse pessoal.

Assim, com o empenho de educadores e demais atores da educação, foram criadas/atualizadas diretrizes, leis e legislações correlatas da Educação Profissional, as quais trouxeram avanços importantes para a EP técnica de nível médio da área da saúde.

Ao se organizarem as diretrizes curriculares nacionais para o ensino técnico da área da saúde foi necessário fazer articulações entre as habilidades profissionais dos trabalhadores da saúde e o conceito ampliado de saúde, que se encontrava em processo de reformulação devido à Reforma Sanitária, que culminou com a institucionalização do SUS, através das Leis nº 8.080/90 e nº 8.142/90 (SANT'ANNA et al., 2008).

Nesse sentido, a educação profissional técnica de nível médio na área da enfermagem, começou a sofrer diversas mudanças curriculares e no projeto político pedagógico pela influência das novas políticas de educação e saúde, que visavam a centralidade no sujeito em formação.

A maior mudança se deu com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, a Lei nº 9394/96, que insere a busca por um ensino baseado em competências, modificando a formação desses profissionais, em busca do desenvolvimento da capacidade de adaptação às tecnologias e novos estilos de vida de forma criativa e flexível permitindo um perfil mais próximo dos egressos e das necessidades Políticas de Saúde, através de uma estrutura curricular menos rígida (BRASIL, 1996).

Em 1999, o Parecer CNE/CNB nº 16/99 tratou das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Profissional de Nível Técnico. Nele, haviam duas premissas básicas: as diretrizes deveriam possibilitar a definição de metodologias de elaboração de currículos com base em competências profissionais gerais do técnico por área; e cada instituição deveria ter autonomia para elaborar seu currículo pleno, de modo a considerar as peculiaridades do desenvolvimento tecnológico com flexibilidade e a atender às demandas do cidadão, do mercado de trabalho e da sociedade (BRASIL, 1999).

Neste contexto, os cursos de EP iniciam um processo para obter, a passos lentos, autonomia para construir planos de cursos, com características mais flexíveis, interdisciplinares e contextualizadas, com objetivo de captar novas realidades do processo do trabalho da área da saúde. Além de formar um cidadão com habilidades profissionais capazes de mantê-lo no mercado de trabalho, bem como torná-lo agente multiplicador do conceito ampliado de saúde, que passou a ser definida como resultante de uma prática social cujos fatores condicionantes e determinantes vão além do modelo biomédico de cura da doença (SANT'ANNA et al., 2008).

Ainda, ressalta-se que, formar em competência não significa descartar o conhecimento, e tão pouco uma competência é o próprio conhecimento. As competências utilizam, integram ou mobilizam o conhecimento em situação de ação (LUCCHESI; BARROS, 2006). Assim, sob esta perspectiva, as escolas que formam recursos humanos na área da enfermagem não podem mais ficar alheias aos novos conceitos introduzidos tanto na educação quanto na saúde.

A construção de novos modos de ensinar e aprender na esfera da saúde passa a ser um dos objetivos das escolas; entretanto, para que isto ocorra é necessário reorganizar os currículos, tornando estes norteadores da articulação com os serviços de saúde e incorporando novas metodologias de ensino capazes de formar profissionais competentes para atender às demandas de saúde da população brasileira (SANT'ANNA et al., 2008).

No que tange a formação de técnicos em enfermagem, o alinhamento com o SUS é, não apenas recomendado, mas de extrema importância para o fortalecimento das ações de saúde. Este profissional está presente em quase todos os serviços de saúde, sendo, muitas vezes, o único profissional acessível em determinadas comunidades no interior do país.

Atualmente, a enfermagem possui aproximadamente 2,5 milhões de profissionais, e destes, 57,95% são compostos por técnicos em enfermagem (CONSELHO FEDERAL DE ENFERMAGEM, 2021). De acordo com o estudo de Da Silva e Machado (2020), o qual estuda as dificuldades da enfermagem em relação ao trabalho no sistema de saúde, o Sistema Único de Saúde/setor público é o maior e o mais importante empregador da enfermagem, retendo 58,9% de toda a força de trabalho da categoria. O mesmo traz a pesquisa sobre o Perfil da Enfermagem no Brasil, a qual indica que 59,3% das equipes de enfermagem estão “fortemente inseridas no sistema público” (COFEN, 2015; FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ, 2015).

Conforme um estudo publicado em 2020 (DA SILVA; MACHADO, 2020), o SUS após 30 anos da sua criação, presta atendimento a mais de 11 milhões de usuários por dia e realiza, aproximadamente, 127 procedimentos por segundo, reafirmando seus princípios de equidade, universalidade, integralidade, descentralização e participação social, ofertando a possibilidade de acesso à saúde por todos.

E junto existência do SUS, sempre teve a atuação da Enfermagem, a qual representa mais da metade de todos os profissionais de saúde atuantes no Brasil. Assim, o funcionamento do Sistema Único de Saúde depende da força de trabalho dos enfermeiros,

auxiliares e técnicos de enfermagem presentes em cada município brasileiro e em cada instituição de saúde.

E não podemos esquecer de um fenômeno importante, que é a escassez de enfermeiros em algumas localizações do Brasil, principalmente quando se fala nos interiores do país. Nessa realidade, muitas vezes os técnicos em enfermagem são os únicos profissionais presentes para prestar alguma assistência à saúde da população, gerando uma sobrecarga de trabalho, e muitas vezes os mesmos realizam atividades privativas do enfermeiro para suprir as necessidades instaladas ali.

Segundo Da Silva e Machado (2020) 56,8% dos enfermeiros vivem e trabalham nas capitais, deixando os interiores com carência de profissionais para o atendimento à população. A deficiência destes profissionais levam os auxiliares e técnicos a executarem determinadas atividades que deveriam ser de responsabilidade somente das enfermeiras

Assim, é possível reafirmar a importância do profissional técnico em enfermagem no Sistema Único de Saúde para suprir as necessidades da saúde de uma população, tornando-se imprescindível uma formação qualificada e de acordo com a realidade da saúde brasileira e do mundo do trabalho.

2.2 FORMAÇÃO TÉCNICA INTEGRADA AO ENSINO MÉDIO

Na década de 1980, concomitantemente às discussões de redemocratização política, a educação brasileira também buscava sua reestruturação, ressurgindo a discussão sobre a educação politécnica. Foi nesse contexto que os educadores passaram a se empenhar na formulação de uma nova LDB.

A LDB, Lei nº 9394/96, evidenciava os conceitos de desenvolvimento omnilateral e formação politécnica, introduzidos pelo pesquisador Saviani e transformado em projeto de lei pelo deputado Otávio Elísio em 1991, onde no Art.35 trazia que a educação escolar de 2º grau “[...] tem por objetivo geral propiciar aos adolescentes a formação politécnica necessária à compreensão teórica e prática dos fundamentos científicos das múltiplas técnicas utilizadas no processo produtivo”(FRIGOTTO; CIAVATTA; RAMOS, 2005).

Apesar de a nova LDB contemplar os conceitos de desenvolvimento omnilateral e formação politécnica, no final da década de 1980, o Brasil mergulhou numa conjuntura política contraditória ao debate e à defesa dessa formação, principalmente com o ingresso

das políticas neoliberais nos governos de Fernando Collor e, em seguida, Fernando Henrique Cardoso, as quais deram início a um período de redução dos direitos sociais e a estruturação do novo padrão de acumulação flexível.

A sociedade encontrava-se diante do seguinte e crescente dilema: por um lado, aumentavam as possibilidades materiais e tecnológicas para a ampliação da liberdade; por outro, diminuía os direitos sociais, ampliando as necessidades. Ou seja, o incalculável desenvolvimento das forças produtivas, que poderiam servir de base à educação politécnica, se deparava nos limites da organização da vida social (RODRIGUES, 2006).

Assim, em 1997, com o Decreto n. 2.208/97 e a Portaria n. 646/97 o governo assume uma nova direção para o ensino médio no Brasil. Proíbe a pretendida formação integrada e regulamenta formas fragmentadas e aceleradas de educação profissional em função das necessidades do mercado (FRIGOTTO; CIAVATTA; RAMOS, 2012). Essa proibição durou até a publicação do Decreto nº 5.154/04 no governo de Luís Inácio Lula da Silva, que instituiu a modalidade de Ensino Médio integrado à educação profissional técnica de nível médio.

Portanto, na atualidade, com as mudanças profundas que a sociedade vem vivenciando, especialmente no modo de viver e pensar das pessoas, alterando o mundo do trabalho, tornam-se necessárias modificações nas exigências da formação profissional. Unido ao conhecimento torna-se imprescindível o desenvolvimento de habilidades para a busca de soluções de problemas.

Assim, a educação profissional é desafiada a mudar, exigindo esforços e um trabalho complexo envolvendo toda a sociedade. Consequentemente, as instituições de ensino profissional não podem mais trabalhar de forma segregada, mas devem formar profissionais técnicos, pesquisadores, especialistas e de forma integrada capazes de contribuir, de forma efetiva, para as transformações que a sociedade necessita.

Assim, analisar o ensino médio integrado é complexo, pois exige refletir sobre o significado do termo “integrado”. Nesse sentido, os dicionários indicam que “integrado” diz-se de algo ou alguém que se incorporou, que se integrou; combinação de partes ou etapas que funcionam de forma completa (DICIO, 2021).

Então, refletir sobre o que é ou o que pode vir a ser a formação integrada é de extrema relevância, buscando entender o real sentido desta modalidade de ensino. A formação integrada ao ensino médio pretende ofertar a educação geral de forma

inseparável da educação profissional, onde se dá a preparação para o trabalho e a vida como um todo.

Portanto, busca dar enfoque ao trabalho como princípio educativo, no sentido de superar a dicotomia existente entre o trabalho manual e o trabalho intelectual, de incorporar a dimensão intelectual ao trabalho produtivo, e de formar trabalhadores capazes de atuar como dirigentes e cidadãos (GRAMSCI, 1991).

Para Ramos (2010), a formação integrada não deve ser tratada simplesmente como integração dos currículos do ensino médio e do técnico, mas como obrigação ética e política que garanta que esta formação tenha uma base unitária de formação geral. A formação integrada deve ser compreendida como uma solução transitória e possível (MOURA, 2007). Deve ser uma condição social e historicamente necessária para a travessia em direção à consolidação do ensino médio unitário com incorporação de elementos da educação politécnica (FRIGOTTO; CIAVATTA; RAMOS, 2005).

Machado (2010) defende que o currículo integrado possibilita a criação e vivências de um ensino de qualidade, a partir do delineamento de projetos pedagógicos comprometidos com a formação crítica e criativa dos estudantes, contribuindo para a sua afirmação como sujeitos que compreendem e transformam a si e a realidade.

Portanto, a formação integrada sugere tornar íntegro, inteiro, o ser humano fragmentado pela divisão social do trabalho entre a ação de executar e a ação de pensar, dirigir ou planejar. Trata-se de superar o aspecto operacional e tecnicista do trabalho, possibilitando conhecimentos científicos e tecnológicos e da sua apropriação histórico-social. Assim, garantindo ao trabalhador o direito a uma formação completa de acordo as demandas do mundo do trabalho e da sociedade.

Ainda, é importante relatarmos que dentro da modalidade integrada de ensino, existem 3 tipos diferentes: Ensino Profissional Integrado (EPI), Programa Nacional de Integração da Educação Profissional à Educação Básica na modalidade de Educação de Jovens e Adultos (PROEJA Integrado) e Ensino Profissional Integrado em Tempo Integral (EPITI).

O EPI é a modalidade de ensino onde integra o ensino médio básico ao ensino profissionalizante, sendo ofertada para jovens que ingressam no ensino médio logo após a conclusão do ensino fundamental e dentro da faixa etária regular (JÚNIA, 2011).

Já o EPITI é desenvolvido durante os dois turnos, onde as atividades e conteúdos relacionadas ao ensino médio e ao curso profissionalizante acontecem de forma integrada.

Nesta modalidade não devem ser ministrados os conteúdos do ensino médio em um turno e do ensino técnico no turno oposto, pois se enquadraria como ensino concomitante e não integrado (PEREIRA, 2020).

O PROEJA integrado objetiva oferecer aos jovens e adultos trabalhadores, oportunidades de escolarização que aliam a educação básica à educação profissional. Esta modalidade, permite a continuidade dos estudos e a obtenção de uma formação profissional para os jovens e adultos que não tiveram o acesso ou a conclusão do ensino básico na faixa etária de suas vidas denominada de idade própria ou regular (FARIA; ASSIS, 2014; VIRIATO; DA COSTA GOTARDO, 2009).

Assim, a partir destes diferentes tipos ensino, é notório que o ensino profissionalizante na modalidade integrada ao ensino médio, além de possibilitar uma formação integral crítica, reflexiva e criativa para o indivíduo, se estruturou de uma forma que atende a diferentes perfis de alunos que vão em busca de uma formação profissional. Em uma sociedade onde existem pessoas que não tiveram a oportunidade de finalizar os estudos na idade apropriada e também é permeada por jovens estudantes trabalhadores que auxiliam na renda de casa, não se pode fechar os olhos para as diferentes necessidades destes grupos.

2.3 FORMAÇÃO E TRAJETÓRIA PROFISSIONAL

Com o crescimento da oferta de cursos técnicos de nível médio no Brasil houve um aumento na inserção por jovens e adultos nesta modalidade de ensino, que antes não tinham acesso a esta formação pela baixa oferta de cursos nas cidades e também, por motivos, socioeconômicos.

Os cursos técnicos de nível médio, por aumentar o nível de escolaridade, podem influenciar positivamente nas chances de ingresso no mercado de trabalho em profissões que exijam maior qualificação. Isso também pode significar uma maior probabilidade de efetivação de sua escolha profissional, atuando na profissão de identificação pessoal, e podendo futuramente cursar o nível superior na área.

Outro fator que tem influenciado na inserção dos jovens no mundo do trabalho, é a formação técnica integrada ao ensino médio comum, onde o jovem já sai da escola com o ensino médio finalizado e uma profissão garantida. Assim, os jovens têm uma maior

possibilidade de desenvolvimento econômico podendo melhorar suas condições sociais e futuramente aumentar sua qualificação profissional.

Entretanto, entre a escolha profissional e a consolidação dessa escolha com a atuação no mundo do trabalho, há um percurso com muitos fatores condicionantes que podem interferir na inserção, e conseqüentemente, na trajetória profissional. Dessa forma, a escolha profissional do aluno coloca-se como questão, visto que elementos como a necessidade de entrar no mundo do trabalho rapidamente podem ter um peso decisivo na concretização ou não de suas escolhas (BASTOS, 2005).

Em uma sociedade capitalista com baixa oferta de emprego, onde empregam profissionais qualificados em trabalhos não qualificados e vice-versa, e incentiva a competição individual para o ingresso em instituições formativas e no mercado de trabalho, as chances de realização pessoal e profissional de acordo com as escolhas dos egressos do ensino técnico mostram-se desafiadoras.

Assim, torna-se importante saber e entender o “caminhar” profissional dos egressos dos cursos técnicos em enfermagem, ainda mais ao se tratar de uma modalidade que surge como promissora para a educação e para o mundo do trabalho, frente a uma sociedade onde as oportunidades não são igualitárias, como a formação técnica integrada ao ensino médio.

Atualmente, a dinâmica do mercado de trabalho e sua transformação permanente passam a exigir das instituições de ensino uma preocupação constante sobre as suas demandas de formação, que de algum modo perdem a capacidade de produzir conhecimentos que possam repercutir sobre os problemas complexos da sociedade atual.

Para tal, coloca-se como desafio para os educadores saber quem é esse educando, conhecer o mundo do trabalho no qual este será inserido, entender as possibilidades de escolha desse jovem e compreender a realidade socioeconômica, política e cultural que permeiam e condicionam a efetivação das escolhas profissionais. Essa realidade não é a única determinante do destino do jovem sócio economicamente desfavorecido. Mas, mesmo com esta realidade, existe a possibilidade, ainda que pequena, de efetivação de suas escolhas.

Entretanto, algumas realidades socioeconômicas, políticas e culturais, entre outras, reduzem bastante a probabilidade do indivíduo atingir suas metas, forçando a modificação de suas escolhas, as quais deveriam ser a partir dos seus gostos/identificação pessoais,

negando-as ou adaptando-as para obter maiores chances de se inserir no mundo do trabalho (BASTOS, 2005).

Portanto, conhecer e compreender a trajetória profissional dos alunos egressos do curso técnico em enfermagem na modalidade integrada permite verificar o que acontece nessa trajetória que resulta em situações de escolha ou não-escolha, sempre estabelecendo relações entre as escolhas individuais e os determinantes políticos, econômicos e sociais nos quais esses indivíduos estão inseridos.

Ainda, segundo Colenci e Berti (2012), conhecer a trajetória profissional dos egressos é uma forma de analisar, compreender e refletir sobre as questões relativas ao ensino em Enfermagem e às características inerentes ao mercado de trabalho.

Nesta perspectiva, a exigência do saber técnico científico foi crescendo no decorrer dos anos, devido à evolução científica no setor hospitalar, principalmente nas décadas de 1940 e 1950, fazendo com que a formação precisasse se aprimorar em competência técnica para formar profissionais de saúde preparados para atuar na realidade do momento (SILVA, 2012a).

A realidade da formação brasileira continua rodeada de desafios. Entre eles estão: manter a formação profissional com qualidade compatível às exigências contemporâneas e com o desenvolvimento científico e tecnológico da área; propiciar aos egressos a capacidade de aprender a aprender, de trabalhar em equipe, de comunicar-se, de ter agilidade frente às situações adversas e de atender às demandas do mercado de trabalho; e por fim, formar indivíduos criativos, críticos e, sobretudo, cidadãos comprometidos com a ética da vida (PAIVA et al., 2011).

Mesmo com as novas exigências do mercado de trabalho, a enfermagem ainda tem resquícios de uma formação tradicional e tecnicista, com dificuldades de formar profissionais mais críticos e reflexivos. Os técnicos de enfermagem são formados, em sua maioria, com pouca possibilidade de adquirir conhecimentos que lhes permitam uma atuação no mercado de trabalho como agentes transformadores e que contribuam para a sociedade.

O próprio Catálogo Nacional de Cursos Técnicos que é um instrumento que disciplina a oferta de cursos de educação profissional técnica de nível médio, para orientar as instituições, estudantes e a sociedade em geral, e subsidia o planejamento dos cursos e correspondentes qualificações profissionais e especializações técnicas de nível médio (BRASIL, 2021), ainda traz um perfil puramente tecnicista da formação técnica em

enfermagem, trazendo como objetivos desta formação apenas competências técnicas, deixando de lado uma formação permeada por reflexão e criticidade.

Em contrapartida, para que o cuidar da enfermagem seja de acordo com as demandas sociais e realizado com qualidade, é imprescindível que a educação profissional proporcione a formação de profissionais com conhecimento científico, habilidades técnicas e raciocínio crítico e reflexivo que satisfaçam as exigências sociais e do mundo do trabalho.

O novo perfil do profissional requisitado pelo mercado de trabalho se constrói dinamicamente em função das transformações pelas quais passa o mundo do trabalho. É preciso ampliar e diversificar a atuação profissional junto à sociedade, no sentido de atender as exigências colocadas pela complexidade da dinâmica social na formação e (re)qualificação de profissionais para um mercado de trabalho (re)configurado e em constante transformação (TEIXEIRA; OLIVEIRA; FARIA, 2008).

No entanto, os desafios formativos implicam na necessidade de estabelecer critérios adequados de avaliação da qualidade do ensino institucional, como capacidade crítica, reflexiva, criativa e de reconhecer os seus direitos enquanto cidadãos, assim como a concordância deste com as necessidades do mercado de trabalho. Como exemplo destes critérios de avaliação há o monitoramento de egressos e sua trajetória profissional, que deverão subsidiar a comparação das características da formação e sua articulação com o mundo do trabalho e da vivência em sociedade.

O conhecimento da situação dos egressos em relação à sua trajetória profissional relatada pelos mesmos se configura como ponto crucial para subsidiar futuras definições sobre a oferta de vagas, planejamento de cursos pós-técnicos específicos em diversas áreas, levando-se em conta a realidade do mundo do trabalho (BONFIM, 2008).

Assim sendo, é de grande importância para o desenvolvimento de uma instituição de ensino realizar avaliações periódicas de seus egressos como forma de verificar a eficiência e viabilidade da oferta dos cursos e da modalidade na instituição que os abraçam (TEIXEIRA; OLIVEIRA; FARIA, 2008).

Então, a partir do monitoramento dos egressos, a instituição é levada a refletir sobre si própria e a se conhecer melhor, buscando o aperfeiçoamento do desempenho e a melhoria da qualidade das ações desenvolvidas pelos sujeitos dos processos de ensino. Portanto, influenciando de forma positiva no ensino, possibilitando melhorias no currículo

e projeto político pedagógico de acordo as necessidades dos seus estudantes e atendendo às necessidades profissionais do mundo do trabalho.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

3.1 CLASSIFICAÇÃO METODOLÓGICA

Este estudo é um subproduto do projeto guarda-chuva denominado “Panorama da educação técnica em enfermagem na modalidade integrada no nordeste: limites, avanços e possibilidades”, desenvolvido pelo grupo GEPASE com a participação de pesquisadores, doutorandos, mestrandos e bolsistas de Iniciação Científica. É uma pesquisa descritiva-exploratória, sob abordagem qualitativa que possibilitou analisar a trajetória profissional dos egressos da formação técnica em enfermagem na modalidade integrada na Bahia.

Ao evidenciar a inserção no mundo do trabalho e experiências profissionais após finalização do curso, descrevemos a trajetória profissional dos egressos dos cursos técnico em enfermagem na modalidade integrada, trazendo suas motivações para escolha da profissão, assim como suas expectativas profissionais, o que reforça sua tipologia descritiva, a qual descreve acontecimentos, experiências e fatos da realidade, fornecendo informações detalhadas sobre determinado assunto, a fim de preencher possíveis lacunas, expandir a compreensão sobre o mesmo e possibilitar a inferência sobre a realidade estudada (TRIVIÑOS, 2015).

Ao se tratar da característica exploratória da pesquisa, entende-se que alguns estudos vão além da identificação da existência de relação entre as variáveis, e acabam proporcionando uma nova visão do problema (GIL, 2019). Portanto, permitiu obter as primeiras impressões sobre a trajetória profissional dos egressos dos cursos técnicos em enfermagem na modalidade integrada, uma vez que existe pouca literatura disponível sobre o assunto. Sendo assim, o estudo amplia o conhecimento sobre a temática, gerando pressupostos, lançando luz sobre a trajetória profissional de técnicos de enfermagem no mundo do trabalho baiano.

A abordagem qualitativa permite as interpretações que os seres humanos fazem a respeito de como vivem, constroem seus artefatos, de si mesmos e de como sentem e pensam. (MARCONI; LAKATOS, 2011; MINAYO, 2014). Assim, a partir desta abordagem é possível analisar a trajetória profissional dos técnicos em enfermagem a partir de seus próprios pensamentos, falas, sentimentos e entendimentos sobre a situação.

3.2 INSTITUIÇÕES COPARTICIPANTES

Entende-se por instituição coparticipante aquela em que se desenvolve alguma etapa da pesquisa, onde são recrutados sujeitos de pesquisa e/ou seus dados (CONEP, 2010). Portanto se configuraram como instituições coparticipantes deste estudo, as escolas onde foram coletados os dados dos egressos dos cursos técnicos em enfermagem na modalidade integrada.

A identificação das instituições coparticipantes deste estudo se deu a partir do banco de dados do projeto guarda-chuva. Os dados foram coletados a partir do Sistema Nacional de Informações da Educação Profissional e Tecnológica, atualizados em novembro de 2018, conforme dados da Tabela 1.

Tabela 1 - Número de escolas que ofertavam curso técnico em enfermagem na modalidade integrada no Nordeste, por estado no ano de 2018. Salvador, Bahia, 2020.

Estado	Nº de Escolas
Alagoas	1
Bahia	18
Ceará	32
Maranhão	1
Piauí	14

Fonte: Banco de dados do Grupo GEPASE, 2018.

Portanto, para este projeto, tomamos como base o universo de 18 escolas que ofertavam o curso técnico em enfermagem na modalidade integrada no estado da Bahia. No período de novembro de 2018 a abril de 2019 iniciamos a aproximação com as instituições, a princípio, através de contatos telefônicos e por endereço eletrônico a fim de realizar o convite para participação da pesquisa.

Após tentativas exaustivas com as escolas, conseguimos retorno de 04 instituições que aceitaram participar da pesquisa, mediante assinatura do termo de coparticipante (Apêndice A) e de concessão para a pesquisa (Apêndice B). Logo após, o projeto com os devidos termos foram enviados para o Comitê de Ética em Pesquisas (CEP) e após a aprovação foram agendadas visitas presenciais nas escolas para identificar e realizar uma busca ativa dos contatos destes egressos. Entretanto, na fase de coleta dos dados, uma das escolas não respondeu aos nossos contatos para agendamento da visita e fornecimento dos

dados. Entendemos, portanto, que a instituição havia desistido de participar da investigação.

Assim, as escolas coparticipantes deste estudo foram três instituições: uma localizada em Salvador e duas no interior do estado nas cidades Riachão do Jacuípe e Miguel Calmon. A partir das respostas dos questionários enviados para as escolas (Apêndice C) construímos uma sucinta apresentação de cada uma.

A escola localizada em Salvador é estadual e foi criada em 1979. Os cursos técnicos na modalidade integrada foram implantados em 2008, porém a primeira turma de técnicos em enfermagem nesta modalidade foi criada em 2012, com primeira turma concluinte em 2015. A escola oferta o curso técnico em enfermagem integrado em 3 tipos diferentes: Programa Nacional de Integração da Educação Profissional à Educação Básica na modalidade de Educação de Jovens e Adultos, Ensino Profissional Integrado e Ensino Profissional Integrado em Tempo Integral. Estes cursos têm duração de 2 anos e meio, 4 e 3 anos respectivamente.

A escola localizada em Riachão do Jacuípe é uma instituição estadual, criada em 1968. O curso técnico em enfermagem na modalidade integrada foi implantado em 2015, apenas na modalidade PROEJA, com duração de 2 anos e meio.

A instituição localizada em Miguel Calmon também é estadual e foi criada em 1959. O curso técnico em enfermagem na modalidade integrada foi implantado em 2012, com primeira turma concluinte em 2015. A sua oferta também só é na modalidade PROEJA com duração de 2 anos e meio.

3.3 PARTICIPANTES DO ESTUDO

Para participação no estudo consideramos como critério de inclusão todos os egressos dos cursos técnicos em enfermagem na modalidade integrada das instituições coparticipantes, aptos ao exercício profissional.

Consideramos, portanto, como marco inicial para coleta de dados, os egressos da primeira turma concluinte entre as escolas coparticipantes da pesquisa, ou seja, todos os egressos a partir de 2015. Como marco final da coleta, consideramos o ano de 2018, último ano de conclusão antes do ano de coleta de dados. A Tabela 2 apresenta o quantitativo de concluintes em cada escola.

Tabela 2 - Número de concluintes de cursos técnico em enfermagem na modalidade integrada por escola coparticipante e ano de conclusão do curso. Salvador, Bahia, 2020.

Escola	Nº concluintes / Ano				Total
	2015	2016	2017	2018	
Salvador	23	25	17	16	81
Riachão do Jacuípe	-	-	-	10	10
Miguel Calmon	13	14	16	10	53
Total	36	39	33	36	144

Fonte: Relação nominal de concluintes fornecidas pelas escolas coparticipantes.

As escolas coparticipantes forneceram uma relação nominal com informações de contato dos concluintes de cada escola. De posse dessa relação iniciamos as tentativas de contato com esses egressos a fim de convidar para participarem da pesquisa. Encontramos, então, o primeiro desafio: a maior parte dos números de telefones informados pelas escolas estavam desatualizados. Dado que estes telefones foram fornecidos há, pelo menos, 04 anos atrás, muitos números não pertenciam mais aos antigos donos ou estavam simplesmente fora de área ou inexistentes.

Em uma das escolas, o gestor incluiu a pesquisadora deste estudo em grupos de aplicativo de mensagens instantâneas para facilitar o acesso aos contatos dos egressos. Entretanto, a experiência não foi exitosa porque nos grupos havia estudantes de diferentes cursos, não sendo possível identificar apenas os concluintes de curso técnico em enfermagem na modalidade integrada.

Tentamos contato também por e-mail e através da metodologia *snowball*, a qual permite contatar pessoas através de outras. Este método torna-se útil para estudar determinados grupos difíceis de serem acessados (VINUTO, 2014). Ao fim das tentativas, conseguimos contato com 43 egressos, sendo 21 de Salvador, 8 de Riachão de Jacuípe e 14 de Miguel Calmon.

Em conversa via aplicativo ou por chamada telefônica com os 43 egressos, identificamos que nem todos os concluintes listados pelas escolas tinham de fato concluído o curso técnico em enfermagem. As escolas consideraram em suas listas, os estudantes que haviam concluído todo o curso, mas também aqueles que haviam concluído apenas as disciplinas teóricas, restando ainda cursar as disciplinas práticas obrigatórias.

Desta forma, foi necessário excluir da pesquisa aqueles que ainda não haviam cursado as disciplinas práticas, dado que o objetivo da nossa pesquisa é analisar a trajetória profissional desses egressos. Aqueles que não concluíram as disciplinas práticas, não

concluíram, portanto, o curso e não estão aptos ao exercício profissional. Assim, nosso universo de possíveis participantes foi reduzido para 29 egressos.

Assim, enviamos para os 29 egressos, o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (Apêndice D). Neste momento, tanto por mensagem quanto por ligação, apresentamos a pesquisa, seus objetivos e importância e realizamos o convite para participação na mesma. Dois egressos se recusaram a participar e 27 manifestaram em interesse em receber e responder o questionário.

No entanto, ao longo do processo, 08 egressos não responderam mais aos nossos contatos e entendemos que haviam desistido de participar. Assim, os sujeitos participantes desta pesquisa foram 19 egressos dos cursos técnicos em enfermagem na modalidade integrada das cidades de Salvador, Riachão do Jacuípe e Miguel Calmon.

3.4 PROCESSO DE COLETA DE DADOS

Oferecemos aos egressos participantes as opções para realização da entrevista: à distância – ligação ou mensagens de voz instantâneas – ou presencialmente, em local de preferência dos egressos. Após escolha, agendamos o horário das entrevistas.

No caso dos egressos que demonstraram preferência pela entrevista à distância, antes desta acontecer, o link do TCLE foi enviado por aplicativo de mensagens ou e-mail. Este foi construído com apoio do *Google Forms*®. O egresso recebia uma cópia do TCLE pelo seu e-mail. Em caso de entrevista presencial, o TCLE era entregue impresso antes de iniciar a entrevista, onde o egresso assinava duas vias – uma ficava com o egresso e outra com a pesquisadora.

A coleta de dados se deu através de um roteiro de entrevista semiestruturado (Apêndice E) dividido em 02 partes. A primeira parte trazia questões sobre a caracterização destes egressos, como idade, idade ao finalizar o curso, sexo, cor, estado civil, local de residência, ano de início e ano de conclusão do curso, instituição de formação, vínculo empregatício antes e após a realização do curso e se tem alguma outra formação.

A segunda parte do roteiro buscava entender a trajetória profissional a partir da realização do curso técnico em enfermagem na modalidade integrada até o momento atual. Neste momento o egresso era livre para falar sobre sua trajetória. Quando necessário, a pesquisadora fazia intervenções com questões para nortear e dar continuidade à narrativa.

O roteiro foi construído após extensa revisão de literatura para que o mesmo possibilitasse analisar a trajetória profissional dos egressos dos cursos técnicos em enfermagem na modalidade integrada e sua relação com o mundo do trabalho. O roteiro foi revisado por estudiosos na temática para que as questões fossem adequadas ao entendimento dos participantes do estudo e foi realizado um teste de validação, onde quatro profissionais o responderam.

As entrevistas eram iniciadas informando ao egresso a importância da pesquisa e que esta seria gravada com dispositivo eletrônico e que seriam respeitados a autonomia, individualidade, anonimato, possibilidade de desistência e/ou interrupção da participação na pesquisa. As entrevistas tiveram duração média de 15 minutos.

Em seguida eram realizadas as transcrições das falas e, sem tratamento algum, eram enviadas a cada participante para validação das mesmas. Foram enviadas por e-mail ou aplicativo de mensagens e dado um prazo inicial de 07 dias para retorno com aprovação, não aprovação, alteração ou supressão de algum trecho. Passado este prazo era feita a cobrança do retorno e disponibilizados mais 07 dias, sendo este o limite para retorno da validação. Assim, obtivemos 100% do retorno das validações.

Após a validação, a transcrição passou por um tratamento detalhado onde foram retirados os excessos de vícios de linguagem, os erros gramaticais e de concordâncias nominais e verbais, evitando vieses na análise dos dados pelo software.

A realização destas entrevistas ocorreu em três etapas. A primeira ocorreu entre os dias 05 e 17 de outubro de 2019, quando foram entrevistados 10 egressos. Após o processo de transcrição das falas, foi realizada uma análise prévia e sucinta pra averiguar a necessidade de continuar com novas entrevistas ou se já havia ocorrido a repetição ou esgotamento das falas. Visto o surgimento de novos elementos, decidimos dar continuidade ao contato com os egressos.

A segunda etapa de entrevistas aconteceu entre 10 de novembro e 13 de dezembro de 2019, quando foram entrevistados 05 egressos. Em seguida, após a análise das entrevistas, percebemos a repetição das falas e a saturação dos dados. No entanto, decidimos continuar a coleta em respeito aos egressos que gentilmente haviam aceitado participar. Assim, a terceira e última etapa aconteceu entre 15 e 25 de janeiro de 2020 quando entrevistamos os 04 últimos egressos participantes.

3.5 ANÁLISE DOS DADOS

Os dados da primeira parte do instrumento, os quais dizem respeito a caracterização dos egressos foram organizados em planilha com o apoio do Programa *Microsoft Excel*® que permitiu, ainda, apresentar os dados em forma de tabelas e quadros, com valores absolutos e percentuais das variáveis.

À luz da análise de conteúdo temática houve a possibilidade de descobrir os núcleos de sentido, levando desta forma à constituição de categorias e subcategorias, que na opinião de Bardin (2016) é utilizada quando se pretende estudar ideias, opiniões, vivências, valores, atitudes.

Através da análise temática desmembrou-se o texto em unidades, ou seja, foram descobertos os diferentes núcleos de sentido que constituem a comunicação e, posteriormente, realizou-se o seu reagrupamento em classes ou categorias. As etapas propostas pela autora foram: pré-análise, exploração do material ou codificação e tratamento dos resultados: inferência e interpretação.

Na fase pré-analítica as entrevistas com os egressos foram organizadas cada uma em um corpo documental, no qual realizou-se uma leitura flutuante, e em seguida, atingindo níveis mais aprofundados, garantindo dados significativos e representativos para o alcance dos objetivos propostos. Consistiu em um processo ou definição do corpus de análise, formulação dos objetivos da análise e elaboração dos indicadores que fundamentaram a interpretação final.

Aqui os documentos da transcrição das entrevistas foram organizados no software WebQda®, o qual oferece apoio na codificação, observação das frequências de repetição e estabelecimento dos “nós” e das categorias, de acordo com a ordem em que foram realizadas.

Cada documento foi intitulado com a letra “E” de egresso, o número correspondente a ordem e a data de realização da entrevista, como visto na Figura 1.

Com as entrevistas organizadas dentro do software, foi realizada uma leitura na qual foi possível identificar o sentido e sistematizar as ideias das entrevistas, analisando as semelhanças entre as mesmas através, também, da contabilidade da repetição de palavras, permitindo a escolha das Unidades de Contexto (UC).

Figura 1 – Fase de organização do corpo documental no software WebQda®. Salvador, Bahia, 2020.

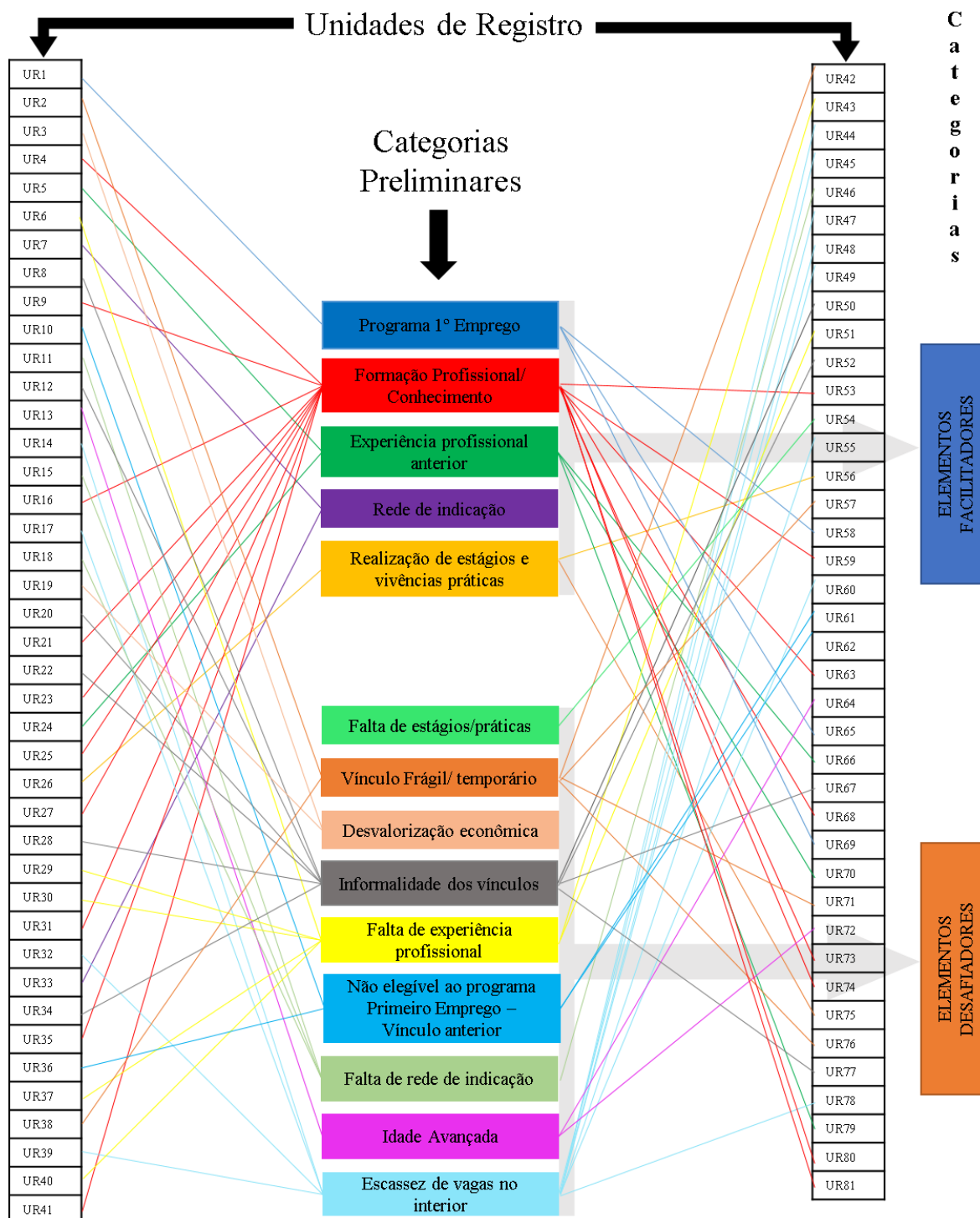
TRAJETÓRIA PROFISSIONAL DOS EGRESSOS DO CURSO TÉCNICO EM ENFERMAGEM (0%/100)
Fontes Internas

	NOME	NOTA	CLASSI...	CÓDIG...	REFS
<input type="checkbox"/>	E1 09/10/19		✓	9	11
<input type="checkbox"/>	E2 10/10/19		✓	12	14
<input type="checkbox"/>	E3 15/10/19		✓	10	13
<input type="checkbox"/>	E4 16/10/19		✓	6	6
<input type="checkbox"/>	E5 16/10/19		✓	7	7
<input type="checkbox"/>	E6 16/10/19		✓	6	7
<input type="checkbox"/>	E7 16/10/19		✓	8	9
<input type="checkbox"/>	E8 16/10/19		✓	8	10
<input type="checkbox"/>	E9 16/10/19		✓	7	7
<input type="checkbox"/>	E10 17/10/19		✓	5	6
<input type="checkbox"/>	E11 13/11/19		✓	8	9
<input type="checkbox"/>	E12 11/11/19		✓	8	12
<input type="checkbox"/>	E13 27/11/19		✓	5	5
<input type="checkbox"/>	E14 06/12/19		✓	8	10
<input type="checkbox"/>	E15 20/01/20		✓	6	6
<input type="checkbox"/>	E16 20/01/20		✓	9	9
<input type="checkbox"/>	E17 20/01/20		✓	15	17
<input type="checkbox"/>	E18 21/01/20		✓	6	6
<input type="checkbox"/>	E19 13/12/19		✓	13	15

Fonte: Dados da pesquisa, 2020.

A exploração do material ou codificação consistiu no processo onde os dados brutos, após transformados sistematicamente e agregados em UC e Unidades de Registro (UR), permitiu a descrição mais próxima das características pertinentes ao conteúdo expresso nas entrevistas.

Figura 2 – Processo de codificação do *corpus* da pesquisa. Salvador, Bahia, 2020.



Fonte: Dados da pesquisa, 2020.

Nesta etapa, houve a leitura mais aprofundada do conteúdo, onde o WebQda® permitiu a identificação e marcação das falas pelo autor, colocando-as em evidência, criando-se as UC, as quais futuramente permitiram a desmembração das UR, que são as

que realmente aparecem no trabalho final. Lembrando que, de cada UC podem emergir mais de uma UR.

Em seguida, ocorreu a classificação e agregação das informações em categorias temáticas, considerando que a ocorrência das UR têm relação direta com as categorias levantadas.

Na medida que as UR eram identificadas pela autora, elas eram codificadas de acordo com o seu núcleo de sentido e com apoio do WebQda® estas codificações geravam uma matriz, na qual permitia o agrupamento das falas similares. Assim, as UR foram agrupadas conforme o critério de similitude temática, ou seja, todos os temas semelhantes foram agrupados, a fim de originar as categorias.

Vale ressaltar que, este processo não é realizado de forma autônoma pelo software. Depende da pesquisadora para identificar a UR e alocar na codificação condizente. O WebQda® não tem a capacidade de identificar ou julgar o sentido de cada fala para alocar de acordo a seu núcleo de sentido. Ele apenas facilita a organização e agrupamento dos dados para otimizar a interpretação futura.

Por fim, foi realizado o tratamento e interpretação dos dados, considerados como terceira e última etapa da análise de conteúdo. Esta etapa refere-se ao procedimento analítico propriamente dito, ou seja, atribuição de sentidos e análise qualitativa das categorias à luz da literatura.

3.6 ASPECTOS ÉTICOS DA PESQUISA

Para o desenvolvimento desta pesquisa adotou-se as recomendações presentes na Resolução nº466 de 12 de dezembro de 2012 e na Resolução 510/2016, as quais tratam sobre as diretrizes e normas regulamentadoras envolvendo pesquisas com seres humanos. Desta forma esta pesquisa atendeu os fundamentos éticos e científicos que envolvem o respeito ao participante em sua dignidade e autonomia, avaliando os riscos e benefícios.

A pesquisa foi realizada após apreciação do CEP da Escola de Enfermagem da UFBA sob o Certificado de Apresentação para Apreciação Ética (CAAE) 15582919.0.0000.5531 (Anexo A).

4 APRESENTAÇÃO, ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

A análise da trajetória profissional dos egressos dos cursos técnicos em enfermagem na modalidade integrada evidenciou elementos facilitadores e desafiadores em suas trajetórias profissionais. Para melhor compreensão dessa trajetória, iniciamos com a apresentação e a caracterização dos egressos participantes desse estudo. Em seguida, apresento os elementos facilitadores e desafiadores para inserção e permanência no mundo profissional através de dois artigos científicos.

4.1 APRESENTAÇÃO DOS EGRESSOS

Os participantes desta pesquisa foram 19 egressos de cursos técnicos em enfermagem na modalidade integrada do estado da Bahia. A caracterização dos participantes foi possível a partir do levantamento das informações sócio profissionais e pessoais, visando o alcance de um dos objetivos propostos neste estudo.

A princípio, acreditamos que seja importante apresentar, resumidamente, as características desses egressos, aos quais estaremos nos referindo daqui em diante:

Egresso 01 – Sexo feminino, parda, 36 anos, casada, reside em Salvador. Realizou o curso entre 2015 e 2018, e finalizou com 35 anos de idade. Antes trabalhava como vendedora de lanches autônoma, e hoje trabalha como técnica em enfermagem em um hospital público. Começou a trabalhar três meses após a finalização do curso, sendo contratada através do programa meu primeiro emprego.

Egresso 02 – Sexo feminino, preta, 55 anos, casada, reside em Salvador. Realizou o curso entre 2015 e 2018, quando finalizou o curso tinha 54 anos. Antes trabalhou como atendente de telemarketing, hoje está desempregada e nunca trabalhou como técnica em enfermagem. No passado havia feito o curso de atendente em enfermagem, e atualmente fez o curso de *home care*.

Egresso 03 – Sexo feminino, preta, 29 anos, solteira, reside no Distrito Itapurá em Miguel Calmon. Realizou o curso entre 2014 e 2016. Finalizou o mesmo com 26 anos de idade. Antes e durante o curso trabalhou como atendente de farmácia, e hoje atua como técnica em enfermagem em uma clínica privada, sendo este o primeiro emprego como técnica em enfermagem. Foi contratada menos de um ano após a formação, através de indicação.

Egresso 04 – Sexo masculino, branco, 25 anos, solteiro, reside em Miguel Calmon. Realizou o curso entre 2014 e 2016. Concluiu o mesmo com 22 anos de idade. Desde antes a sua formação trabalha em feiras livres. Nunca exerceu a profissão de técnico em enfermagem.

Egresso 05 – Sexo feminino, parda, 22 anos, casada, reside em Miguel Calmon. Realizou o curso entre 2015 e 2017. Ao finalizar o curso tinha 20 anos de idade. Antes da finalização do curso trabalhava como empregada doméstica, e atualmente não trabalha. Após finalização do curso não chegou a procurar emprego.

Egresso 06 – Sexo feminino, parda, 23 anos, solteira, residente da cidade de Miguel Calmon. Realizou o curso entre 2014 e 2017, tendo concluído com 21 anos de idade. Anteriormente ao curso trabalhou como cuidadora e diarista, mas atualmente não trabalha e nunca exerceu a profissão de técnica em enfermagem.

Egresso 07 – Sexo masculino, pardo, 32 anos, divorciado, reside em Miguel Calmon. Realizou o curso entre 2013 e 2015, tendo concluído aos 28 anos de idade. Desde antes à realização do curso atua como pintor de construção civil. Relata que nunca trabalhou como técnico em enfermagem, e que quando surge oportunidades, cuida de idosos.

Egresso 08 – Sexo feminino, preta, 33 anos, solteira, residente da cidade de Miguel Calmon. Iniciou o curso em 2014, concluindo em 2017 aos 31 anos de idade. Antes e durante a realização do curso atuava como vendedora em lanchonete. Um mês após o curso começou a trabalhar como cuidadora, e entre cinco e seis meses depois foi aprovada em concurso para atuar como técnica em enfermagem em Unidade Básica de Saúde.

Egresso 09 – Sexo feminino, branca, 30 anos, solteira, reside em Miguel Calmon. Iniciou o curso em 2013, finalizando em 2015 aos 26 anos de idade. Antes e durante o curso trabalhava fazendo doces. Cinco meses após a realização do curso ingressou, através do programa meu primeiro emprego, em um hospital privado. Um ano e meio após foi contratada no segundo trabalho em um hospital público, saindo do primeiro trabalho, e permanecendo no último até o momento.

Egresso 10 – Sexo feminino, parda, 30 anos, solteira, reside em Miguel Calmon. Iniciou o curso em 2014, sendo concluído em 2016 aos 27 anos de idade. Antes do curso atuou como cuidadora. Atualmente exerce a profissão de manicure e nunca trabalhou como técnica em enfermagem.

Egresso 11 – Sexo masculino, pardo, 40 anos, solteiro, reside em Riachão do Jacuípe. Realizou o curso entre 2015 e 2018, tendo finalizado com 39 anos de idade. Antes do curso atuava como cabelereiro. Um mês após a conclusão do curso foi trabalhar como auxiliar de dentista, e fez o curso de instrumentação cirúrgica. Aproximadamente um ano depois, foi indicado para trabalhar como técnico em enfermagem no Programa de Saúde da Família (PSF), onde atua até o momento.

Egresso 12 – Sexo Feminino, parda, 37 anos, divorciada, reside na cidade de Riachão do Jacuípe. Realizou o curso entre os anos de 2015 e 2018, concluindo aos 36 anos de idade. Antes do curso trabalhava de forma autônoma como vendedora de roupas. Ao concluir, trabalhou três meses em um laboratório como recepcionista, mas acredita que sua formação contribuiu. Atualmente não está empregada e nunca atuou como técnica em enfermagem. Possui o curso de instrumentação cirúrgica.

Egresso 13 – Sexo feminino, preta, 35 anos, solteira, reside em Riachão do Jacuípe. Iniciou o curso em 2015, finalizando em 2018 aos 34 anos de idade. Desde antes ao curso trabalha como auxiliar de serviços gerais e nunca atuou como técnica em enfermagem.

Egresso 14 – Sexo feminino, parda, 43 anos, solteira, reside em Riachão do Jacuípe. Realizou o curso entre 2015 e 2018, finalizando aos 42 anos de idade. Desde antes ao curso atua como cuidadora de forma autônoma. Possui o curso de instrumentação cirúrgica.

Egresso 15 – Sexo feminino, parda, 45 anos, casada, reside em Miguel Calmon. Iniciou o curso em 2013, finalizando em 2015 aos 41 anos de idade. Desde antes ao curso é concursada atuando como recepcionista em serviço de saúde. Nunca trabalhou como técnica em enfermagem.

Egresso 16 – Sexo feminino, parda, 41 anos, solteira, residente da cidade de Miguel Calmon. Realizou o curso entre 2014 e 2016, finalizando aos 38 anos de idade. Antes do curso era auxiliar de secretaria. Após três meses de finalização do curso, através de indicação, foi contratada como técnica em enfermagem em PSF. Possui o curso de instrumentação cirúrgica.

Egresso 17 – Sexo Feminino, preta, 60 anos, casada, reside em Salvador. Iniciou o curso em 2012, finalizando em 2015 aos 56 anos de idade. Antes do curso trabalhava como doméstica. Menos de um ano após a finalização do curso, através do programa meu primeiro emprego, foi contratada por uma empresa terceirizada como técnica em enfermagem em uma maternidade pública. Hoje se encontra no segundo contrato, através

de outra empresa, mas atuando na mesma maternidade. Também atua como cuidadora através de uma cooperativa. Possui especialização em unidade de terapia intensiva e em hemodiálise.

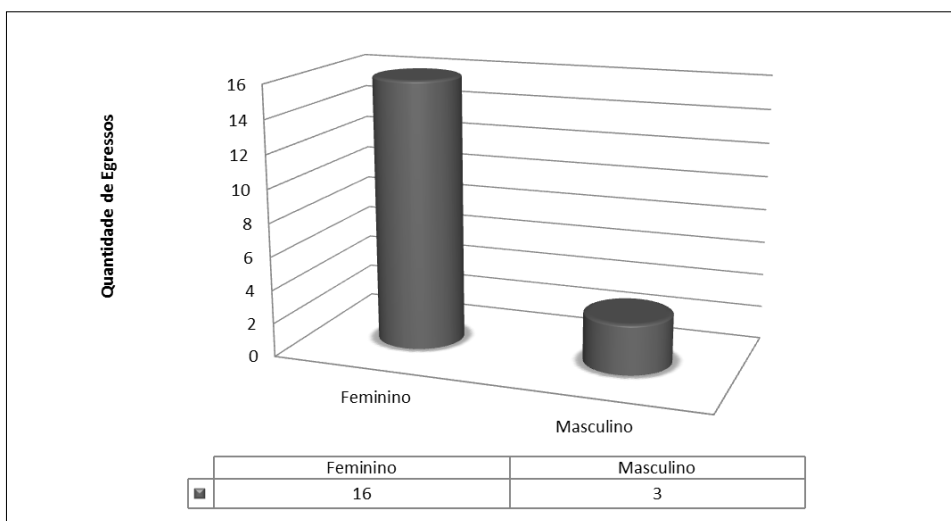
Egresso 18 – Sexo feminino, preta, 39 anos, solteira, reside em Miguel Calmon. Realizou o curso entre 2015 e 2018, finalizando aos 38 anos de idade. Antes do curso não realizava nenhuma atividade remunerada, e hoje trabalha como doméstica.

Egresso 19 – Sexo Feminino, parda, 32 anos, solteira, reside em Miguel Calmon. Realizou o curso entre 2013 e 2017, finalizando aos 30 anos de idade. Antes do curso não realizava nenhuma atividade remunerada. Dois meses após a conclusão do curso, através do programa meu primeiro emprego, foi contratada por um hospital público, sendo demitida oito meses depois. Encontra-se desempregada até o momento, mas relata que faz trabalhos esporádicos como cuidadora, de forma autônoma.

4.2 CARACTERIZAÇÃO DOS EGRESSOS

Do total de 19 participantes 84,2% pertenciam ao sexo feminino e 15,8% ao sexo masculino, conforme dados da Figura 3.

Figura 3 – Caracterização dos egressos participantes da pesquisa conforme sexo. Salvador, Bahia, 2020.



Fonte: Dados da pesquisa, 2020.

A predominância do sexo feminino na enfermagem é fato conhecido e discutido entre pesquisadores e especialistas da área. Estudo desenvolvido por Paiva e colaboradores

(2019), realizado com egressos de um curso técnico em enfermagem, aponta que 80% dos egressos eram mulheres. Também é possível ver resultados semelhantes nos estudos de Costa, Borges e Donoso (2013) e da pesquisa “Perfil da Enfermagem no Brasil” (COFEN, 2015), onde o sexo feminino é maioria na categoria técnica em enfermagem representando 86,7% e 84,7%, respectivamente.

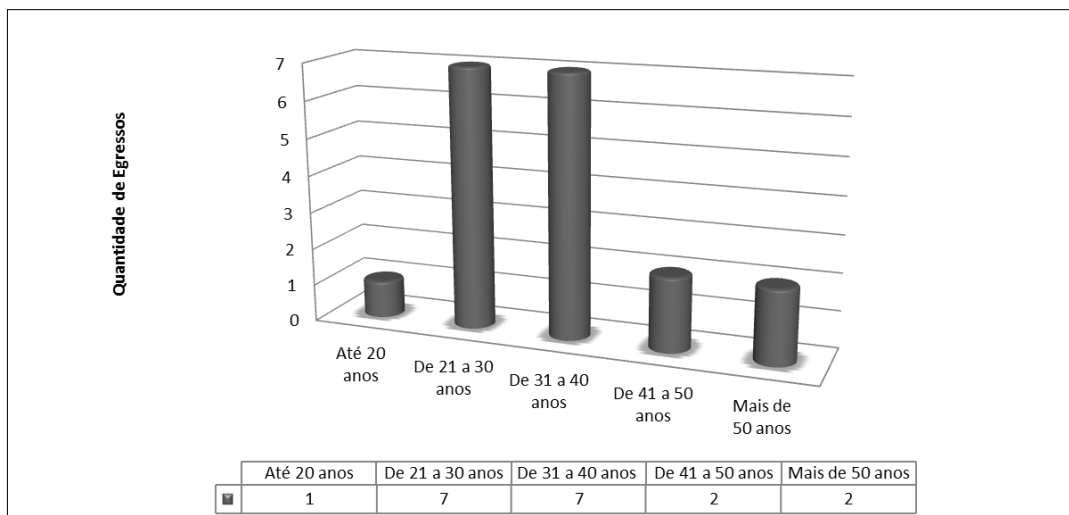
O mesmo é possível observar em um estudo com enfermeiras egressas de um programa de residência, onde das quarenta colaboradoras, houve predominância do sexo feminino, demonstrando o caráter e a história essencialmente feminina da enfermagem, a qual causa a imagem de feminização da categoria (SILVA, 2012b). Portanto, percebe-se que toda a categoria da enfermagem, independente da qualificação ou do nível de formação, segue uma tendência feminina.

Pode-se dizer que a enfermagem surgiu nas instituições religiosas, a partir dos trabalhos realizados pelas freiras em prol dos enfermos. Historicamente as mulheres sempre desempenharam o papel de cuidadoras, associando o cuidado à figura materna. Ainda, ressaltamos que, a enfermagem brasileira é estruturada pelo modelo “*nightingaleano*”, desenvolvendo uma profissão feminina, assim reconhecida em qualquer espaço da sociedade (PAIVA et al., 2019).

Mesmo com esta predominância feminina, estudos apontam a busca e inserção cada vez maior de homens na profissão. Desde o início da década de 90 existe uma tendência à masculinização da enfermagem. Autores evidenciam que apesar da categoria ser composta por mulheres, na sua maioria, já se registra a presença de 15% de pessoas do sexo masculino (SILVA; MACEDO; VAL, 2021).

Quanto à faixa etária ao finalizar o curso, houve uma variação entre 20 e 56 anos, havendo predominância no grupo de egressos que concluíram o curso entre 21 e 40 anos de idade (Figura 4).

Figura 4 – Caracterização dos egressos participantes da pesquisa conforme idade ao concluir o curso. Salvador, Bahia, 2020.



Fonte: Dados da pesquisa, 2020.

Este resultado era de certa forma esperado, uma vez que a maioria dos egressos (18) dos cursos analisados são oriundos da modalidade PROEJA integrado, o qual já tem como objetivo formar jovens e adultos que não tiveram a oportunidade ou condições para finalizar o ensino médio anteriormente.

Esses números estão alinhados aos estudos realizados por Vieira e colaboradores (2017) e Figueiredo (2013) que indicam uma procura cada vez mais tardia pela formação técnica em saúde, sobretudo a partir dos 20 anos, indicando o retorno à escola em busca de uma formação técnica que lhes poderia facilitar o acesso ou uma colocação mais qualificada no mundo do trabalho.

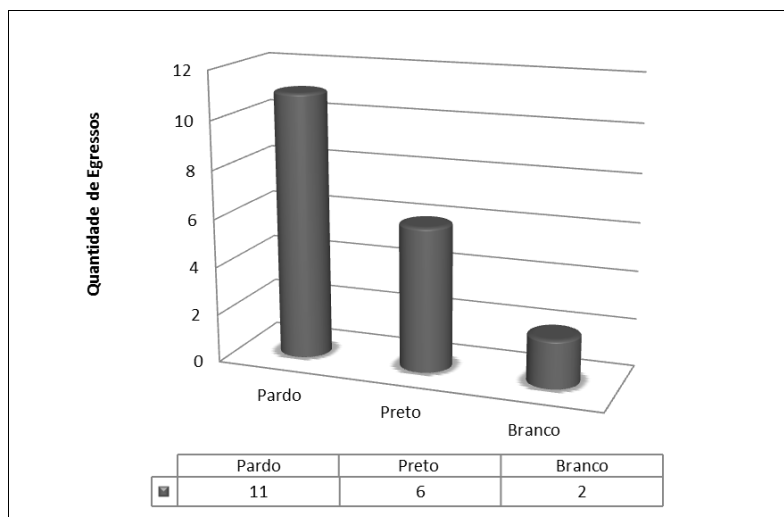
De acordo com a auto declaração de cor, 57,9% dos egressos se consideram pardos, 31,6% negros e somente 10,5% brancos (Figura 5).

Este resultado também era esperado, já que este estudo foi realizado na Bahia onde, em 2018, 58,1% da população se autodeclarou parda (IBGE, 2018). Os nossos resultados acompanham, portanto, a tendência da população geral baiana e os resultados apontados em pesquisa com alunos de curso técnico integrado onde os pesquisados, na sua maioria se autodeclararam pardos (QUADROS, 2017).

Sabe-se a educação de nível técnico, historicamente, é considerada como uma formação que oferta competências apenas para o trabalho técnico e não intelectual, voltada para as classes menos favorecidas financeiramente, que são compostas por maior número de negros e pardos, como reflexo do período escravocrata vergonhosamente vivido por este país. Segundo Senkevics e Carvalho (2015) alguns fatores como zona rural, pertencentes

aos grupos de cor/raça preto ou pardo são cruciais para a compreensão das desigualdades sociais vivenciadas no Brasil que, perpassam também pela educação.

Figura 5 – Caracterização dos egressos participantes da pesquisa conforme auto declaração de cor. Salvador, Bahia, 2020.



Fonte: Dados da pesquisa, 2020.

Quanto ao estado civil, a maioria dos egressos (63,2%) eram solteiros, seguindo a tendência dos estudos de Paiva e colaboradores (2019) e Nogueira (2015), os quais trazem que os solteiros representam uma maioria de 50% e 76% respectivamente entre os egressos da formação técnica.

O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) revela que 42,9% dos brasileiros não vivem em nenhum tipo de união conjugal, e ao serem questionados sobre, justificam independência, liberdade e privacidade (IBGE, 2019),

Ainda há escassez de estudos que comprovam a maioria de profissionais solteiros, mas acredita-se que este fato se explica por apresentar maior disponibilidade para o trabalho, retardando a constituição de uma família. Com a inserção das mulheres no mercado de trabalho, ser esposa, muitas vezes, passa a ficar em segundo plano para as mesmas, dando prioridade à formação e carreira profissional, ou buscando equilíbrio entre sucesso profissional e vida pessoal (COSTA; BORGES; DONOSO, 2013; SANTANA et al., 2015).

Dos egressos participantes, doze foram da cidade de Miguel Calmon, quatro de Riachão do Jacuípe, e três de Salvador. Ou seja, a maioria dos participantes deste estudo são provenientes do interior. A explicação existente para tal, é que os egressos do interior

tiveram maior aderência à pesquisa em relação aos da capital baiana. Uma das escolas do interior possuía um acervo de informações sobre os alunos mais sistematizado e organizado, que, de certa forma, contribuiu para o contato com os egressos. Ainda, nesta mesma instituição, tivemos a contribuição dos próprios egressos. Ao começar as entrevistas, estes egressos informavam aos colegas que as entrevistas estavam acontecendo, e os mesmos iam até a nós na escola ou entrava em contato por ligação.

4.3 ELEMENTOS FACILITADORES E DESAFIOS PARA A INSERÇÃO NO MUNDO DO TRABALHO

4.3.1 Artigo 1

Egressos da formação técnica em enfermagem na modalidade integrada: uma trajetória permeada por desafios

Graduates of technical nursing education in the integrated modality: a trajectory permeated by challenges

Resumo

A formação técnica em enfermagem na modalidade integrada surge como uma alternativa promissora, com a missão de formar cidadãos autônomos, críticos, reflexivos e criativos, capazes de compreender os diversos aspectos inerentes ao mundo do trabalho, assim facilitando a inserção e permanência destes jovens em uma profissão. No entanto, na prática, esta trajetória é permeada por dificuldades que comprometem o alcance desses propósitos. Assim, o objetivo desta pesquisa é identificar e analisar os desafios para inserção e permanência no mundo do trabalho relatados por egressos da formação técnica em enfermagem na modalidade integrada. Para tanto, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com 19 egressos, das quais foram extraídos elementos considerados desafiadores na trajetória profissional: falta de experiência na profissão, limitações das iniciativas governamentais, baixa oferta de vagas no interior do estado, rede de indicações e precariedade dos vínculos. Neste contexto, fica evidente a desarmonia entre o número de indivíduos formados e qualificados e a quantidade de profissionais inseridos no mundo do trabalho, o que explicita a necessidade de implementar estratégias para atenuar esta problemática.

Palavras-chave: Educação profissional integrada. Escola técnica. Avaliação dos egressos. Educação técnica em enfermagem.

Abstract

Technical training in nursing in the integrated modality emerges as a promising alternative, with the mission of training autonomous, critical, reflective and creative citizens, capable of understanding the various aspects inherent to the world of work, thus facilitating the insertion and permanence of these young people in a profession. However, in practice, this trajectory is permeated by difficulties that compromise the achievement of these purposes. Thus, the objective of this research is to identify and analyze the challenges for insertion and permanence in the world of work reported by graduates of technical training in nursing in the integrated modality. For this purpose, semi-structured interviews were carried out with 19 graduates, from which elements considered challenging in their professional trajectory were extracted: lack of experience in the

profession, limitations of government initiatives, low supply of vacancies in the interior of the state, network of indications and precariousness of bonds. In this context, the disharmony between the number of trained and qualified individuals and the number of professionals in the world of work is evident, which highlights the need to implement strategies to alleviate this problem. **Keywords:** Professional education. Integrated teaching method. Technicians. Nursing education.

Introdução

A Lei de Diretrizes e Bases (LDB) da Educação Nacional de 1996 estabeleceu que a educação profissional deve compreender os processos formativos que se iniciam na vida familiar, na convivência humana e se desenvolvem, especialmente, nas instituições de ensino e no trabalho. Assim, o Ensino Médio da educação básica tem, dentre outros objetivos, a preparação básica para o trabalho, de modo que, concluída a formação geral do educando, este seja direcionado para o exercício de profissões técnicas (BRASIL, 1996).

Entretanto, a edição do Decreto n. 2.208/97 estabeleceu a necessidade de uma organização curricular própria para a educação, independente do Ensino Médio. Portanto, a busca de uma concepção unitária de formação, por meio do Ensino Médio, sofreu um grave retrocesso, proibindo o ensino na modalidade integrada. Posteriormente, esse princípio foi resgatado no Decreto nº 5.154/04, que manteve a educação profissional como etapa formativa própria, contudo, no nível médio, possibilitando a oferta integrada entre profissional e Ensino Médio (BRASIL, 2014).

Conforme Simões (2007), o ensino técnico integrado representa para a juventude uma possibilidade econômica, de inserção social, por meio da integração de campos do saber, de desenvolvimento pessoal e transformação da realidade social. As relações entre teoria e prática, trabalho manual e intelectual, cultura técnica e cultura geral, interiorização e objetivação representam um avanço conceitual e a materialização de uma proposta pedagógica avançada em direção à politecnia.

Assim, ressalta-se o alinhamento da formação técnica integrada ao Ensino Médio com as mudanças do mundo do trabalho, destacando, neste estudo, o campo da saúde. Nesta área, busca-se formar profissionais capazes de responder às características específicas impostas pelas grandes transformações na prática social do trabalho.

Dessa forma, permite-se a superação do enfoque tradicional da formação profissional tecnocrática e seu caráter discriminatório (VIAMONTE, 2011). O propósito tem sido alcançar um perfil de trabalhador que apresente maior escolaridade, flexibilidade, maior acesso à informação, capacidade de decisão frente a problemas complexos, valorização dos traços de personalidade, criatividade, iniciativa e espírito crítico (GARAY, 2014).

Considerando que o mercado de trabalho em saúde sofre, constantemente, transformações importantes determinadas pelos aspectos econômicos, sociais e políticos, há uma exigência de reformulações na formação, para que os egressos das escolas atendam a essas novas demandas. Nesta perspectiva, Santiago et al (2017) afirmam que a formação profissional integrada ao Ensino Médio contribui para a construção de um itinerário formativo com mais possibilidades, realidade nem sempre presente no Ensino Médio tradicional.

Busca-se, com essa concepção, não a divisão de possibilidades que visualize o egresso apenas como técnico de enfermagem em sua atuação no mercado de trabalho, mas sim a soma de possibilidades que o introduz neste ambiente.

Ainda são recorrentes os problemas relacionados à força de trabalho da saúde, especialmente quanto aos desequilíbrios na distribuição geográfica dos profissionais, com

concentração em centros urbanos. Além disso, persistem barreiras como a centralidade no profissional médico e no desenvolvimento limitado das outras categorias profissionais e tendência à formação dos profissionais de saúde centrada no hospital e em tecnologias sofisticadas e desvinculadas das reais necessidades do sistema de saúde (CARVALHO; SANTOS; CAMPOS, 2013).

Assim, no sentido de ampliar a proposta da educação profissional integrada ao Ensino Médio, o Plano Nacional de Educação (PNE) 2014-2024 traz como metas: oferecer, no mínimo, 25% das matrículas de educação de jovens e adultos nos ensinos Fundamental e Médio na forma integrada à educação profissional; triplicar as matrículas da educação profissional técnica de nível médio, assegurando a qualidade da oferta; e expansão mínima de 50% no segmento público (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 2014). Essas metas partem do pressuposto que a modalidade integrada proporcionará melhores condições de cidadania, de trabalho e de inclusão social aos jovens e adultos em busca de uma formação profissional de qualidade e de novos horizontes para suas vidas, mediante a inserção profissional.

No entanto, sabemos que a trajetória profissional é permeada por gargalos e desafios que impactam diretamente na inserção destes técnicos em enfermagem recém-formados - desprovidos de experiência prática – no mundo do trabalho. É também notório o quanto tem sido difícil assegurar a permanência destes indivíduos em suas respectivas áreas de formação.

Algumas realidades socioeconômicas, políticas e culturais, entre outras, reduzem a probabilidade de um indivíduo atingir suas metas profissionais, forçando a modificação de suas escolhas, as quais, idealmente, deveriam se dar por uma identificação pessoal. Neste caso, nega-se a essas pessoas a possibilidade de maiores chances de inserção no mundo do trabalho ou impõe-se a necessidade de adaptação (BASTOS, 2005).

Portanto, conhecer e compreender a trajetória profissional dos alunos egressos do curso técnico em enfermagem na modalidade integrada permite verificar os desafios presentes neste percurso que resultam em situações de escolha ou não-escolha. Esta compreensão demanda o cuidado de estabelecer relações entre as preferências individuais e os determinantes políticos, econômicos e sociais nos quais esses indivíduos estão inseridos, uma vez que determinam a inserção e a permanência no mundo do trabalho.

Assim, diante do contexto, tornou-se objetivo deste trabalho analisar os desafios para inserção e permanência no mundo do trabalho relatados por egressos da formação técnica em enfermagem na modalidade integrada.

Metodologia

Trata-se de um estudo qualitativo, descritivo e exploratório, realizado com egressos da formação técnica em enfermagem na modalidade integrada de três instituições de ensino no estado da Bahia (em Salvador, Miguel Calmon e Riachão do Jacuípe). Constituíram critérios de inclusão todos os egressos dos referidos cursos e instituições coparticipantes, aptos ao exercício profissional.

Consideramos, como marco inicial para coleta de dados, a conclusão da primeira turma entre as escolas coparticipantes da pesquisa, em 2015. Como marco final da coleta, adotamos o ano de 2018, por ser o último de conclusão antes do ano da coleta de dados. A Tabela 1 apresenta o quantitativo de concluintes em cada escola.

Tabela 1 - Número de concluintes de cursos técnico em enfermagem na modalidade integrada por escola coparticipante e ano de conclusão do curso.

Escola	Nº concluintes / Ano				Total
	2015	2016	2017	2018	
Salvador	23	25	17	16	81
Riachão do Jacuípe	-	-	-	10	10
Miguel Calmon	13	14	16	10	53
Total	36	39	33	36	144

Fonte: Próprios autores (2020).

Os contatos com os egressos foram realizados por meio de aplicativos de mensagens instantâneas e ligações telefônicas. Ao fim das tentativas, conseguimos contato com 43 egressos, 21 deles de Salvador, 8 de Riachão de Jacuípe e 14 de Miguel Calmon. Importante ressaltar o primeiro e grande desafio: a maior parte dos números de telefones estava desatualizada. Muitos números não pertenciam mais aos respectivos donos ou estavam fora de área ou inexistentes.

Após o contato com os egressos, identificamos que nem todos os concluintes listados pelas escolas tinham, de fato, concluído o curso técnico em enfermagem. Dentre os concluintes, havia alunos que finalizaram apenas as disciplinas teóricas, faltando cursar as disciplinas práticas obrigatórias, sendo estes excluídos da pesquisa. Restou, neste momento, um universo de possíveis participantes com 29 egressos.

Enviamos a Carta-Convite da Pesquisa e o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) para os 29 egressos. Dois se recusaram a participar e 27 manifestaram interesse em responder o questionário. Ao longo do processo, 08 egressos não responderam mais aos nossos contatos, sendo considerados desistentes. Assim, os sujeitos participantes desta pesquisa foram 19 egressos dos cursos técnicos em enfermagem na modalidade integrada.

A coleta de dados foi por meio de entrevistas semiestruturadas, com questões para caracterização destes egressos, a fim de conhecê-los melhor, e perguntas disparadoras sobre suas trajetórias profissionais. O egresso era livre para falar sobre sua trajetória e, quando necessário, havia intervenções da pesquisadora para nortear e dar continuidade à narrativa. As entrevistas foram realizadas de forma presencial ou remota, conforme preferência do participante, com duração média de 15 minutos cada.

A realização destas entrevistas ocorreu em três etapas, entre outubro de 2019 e janeiro de 2020, sendo encerradas após esgotamento das falas, ou seja, no momento em que não foram mais observados novos elementos.

Para análise dos dados, utilizamos a análise de conteúdo temática, a qual permite descobrir os núcleos de sentido, levando à constituição de categorias e subcategorias (BARDIN, 2016). Os documentos da transcrição das entrevistas foram organizados no *software* WebQda®, o qual ofereceu apoio em todas as etapas da análise.

A pesquisa foi realizada após aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa da Escola de Enfermagem da Universidade Federal da Bahia, sob o parecer 3.461.727. Durante todo o

seu desenvolvimento foram seguidas as recomendações da Resolução nº466 de 12 de dezembro de 2012 do Conselho Nacional de Saúde.

Resultados e Discussões

Neste estudo, com base nas entrevistas com os egressos dos cursos técnicos em enfermagem na modalidade integrada, foi possível extrair alguns elementos desafiadores para a trajetória profissional, sintetizados em seis categorias: Falta de experiência na profissão; Limitações das iniciativas governamentais (subdividida em: apoio à realização de estágios e alcance do primeiro emprego e incentivo à contratação de pessoas mais velhas); Baixa oferta de vagas no interior do estado; Rede de indicações; e A precariedade dos vínculos (subdividida em: informalidade do vínculo e desvalorização econômica e social)

1. Falta de experiência na profissão

O setor da saúde sofreu um grande crescimento nas últimas décadas e, paralelamente, houve um aumento dos cursos, vagas e instituições formadoras de seus recursos humanos. Entretanto, não podemos falar o mesmo das oportunidades empregatícias no mundo do trabalho, visto que essas instituições vêm lançando um alto número de profissionais no mercado de trabalho, incompatível com o quantitativo de vagas. Nesta situação, aumenta-se a competição e, por conseguinte, as exigências profissionais necessárias para ocupar o cargo.

De acordo com Sobrosa et al (2015), o ingresso e a permanência no mundo do trabalho têm sido dificultados pelas exigências do empregador, especialmente no caso de recém-formados, cujo principal obstáculo é a falta de experiência na atividade laboral pretendida.

A falta de experiência profissional se torna uma dificuldade e, na maioria das instituições de saúde, dificulta a contratação (JESUS et al., 2013). Em pesquisa sobre a inserção profissional na enfermagem, os egressos com experiência prévia na área não relataram dificuldades para conseguir o primeiro emprego (COLENCI; BERTI, 2012). Neste contexto, o conhecimento oriundo da prática profissional é rico de situações cotidianas, fáceis ou difíceis, e isso facilita a identificação de formas de enfrentamento (MATTOSINHO et al., 2010).

Nesse sentido, a falta de requisitos como qualificação, habilidades e experiências na área tornam-se grandes empecilhos para o ingresso e permanência no mundo do trabalho pelos recém-formados, deixando-os com sensação de impotência e fracasso em relação às perspectivas profissionais (SOBROSA et al., 2015). Essa realidade foi mencionada pelos participantes:

[...] eles pedem muita experiência e alguns de nós ainda não tivemos experiência na área. A nossa experiência foi só o estágio, então dificulta um pouco para a gente [...] eles não vão deixar de colocar uma pessoa que já tem experiência na área para colocar outra que vai estar começando [...]. E10

A experiência prática constitui um diferencial para o processo decisório dos empregadores. Seguir uma carreira é um desafio para todos, especialmente para aqueles que se preparam para entrar no mercado, como os jovens, geralmente os mais atingidos pelo desemprego (CARVALHO; MACEDO; SILVA, 2017). Neste estudo, os egressos não eram

majoritariamente jovens/adolescentes, porém adultos recém-formados, que igualmente se deparam com a falta de experiência:

[...] é uma coisa que eu tenho sentido falta, que ninguém aprende só de ler livros... A gente precisa botar a mão na massa, a gente precisa acompanhar o dia a dia do paciente, a gente precisa estar botando em prática a escrita em relação a todo o processo com o paciente [...]. E14

O mundo profissional hipervaloriza as habilidades práticas e o produtivismo, pois considera que destreza prática leva à realização das atividades com agilidade e eficiência. Isso se acentua quando se trata dos profissionais de nível técnico, por terem histórico de uma formação tecnicista.

No entanto, diante da complexidade no contexto de trabalho não devemos reduzir a competência profissional - considerada como experiência - apenas à destreza instrumental, mas sim a um trabalho cognitivo complexo, ético e reflexivo, que demanda uma formação voltada a estes fins. A qualificação profissional não está, portanto, pautada apenas na habilidade técnica, mas na capacidade profissional de aplicar o conhecimento em situações práticas da realidade (JESUS et al., 2013). Porém, as falas explicitaram o quanto a experiência prática é mais valorizada do que a capacitação técnica quando se trata da inserção no mundo do trabalho:

A gente faz o curso, uma dificuldade [...] eu fiz também um curso de Home Care. Estou esperando, aguardando, para ver se me chamam. [...] desde a minha juventude eu fiz e também não consegui trabalho. Tinha feito curso de atendente de enfermagem na época [...]. E02

No trecho acima, o egresso, mesmo com todas as suas formações, não conseguiu adentrar no mundo do trabalho, o que comprova a valorização da experiência em detrimento da escolaridade.

Estudo concluiu que para os indivíduos de 15 a 24 anos, “o mercado de trabalho valoriza mais a experiência que a escolaridade” e um ano a mais de experiência aumenta em 20% a empregabilidade dos jovens, ao passo que um ano a mais de escolaridade aumenta essa empregabilidade em apenas 1% (ROCHA, 2008).

2. Limitações das iniciativas governamentais

Apesar da limitada experiência prática dos egressos recém-formados, é possível que esses profissionais alcancem sucesso na carreira que decidiram seguir, desde que o processo formativo aproxime vida acadêmica e teoria à realidade e futura atuação. Dessa forma, será possível viabilizar oportunidades e alicerces para que estes jovens ingressem no mundo do trabalho.

Imprescindível também que o governo e as empresas invistam em programas de incentivo para quem está iniciando a vida profissional, como estágios e ações que facilitem o alcance do primeiro emprego, de acordo com as diferenças entre os distintos grupos de egressos da formação profissionalizante. O estágio é uma forma de integração do estudante ao mundo do trabalho, possibilitando maior contato com a profissão futuramente exercida. Facilitar a inserção do egresso no primeiro emprego subsidia a sua experiência para que possa seguir sua trajetória profissional.

Assim, esta categoria se subdivide em dois itens: Apoio à realização de estágios e alcance do primeiro emprego e Incentivo à contratação de pessoas mais velhas.

2.1. Apoio à realização de estágios e alcance do primeiro emprego

Os recém-formados, por não terem ainda desenvolvido as habilidades práticas, sentem-se inseguros e despreparados para enfrentar a realidade do mundo do trabalho. O descompasso entre o ensino acadêmico e as expectativas no campo de trabalho tem sido relatado por alunos de enfermagem. Por outro lado, as contribuições práticas durante a formação proporcionam uma sensação de conforto, dando-lhe subsídios para superar as situações novas. Com a integração teórico-prática, os profissionais de enfermagem buscam aplicar o que aprenderam na atuação profissional (MATTOSINHO et al., 2010).

A grade curricular dos cursos prevê os estágios obrigatórios para articular a teoria aprendida em sala de aula e a prática, por meio da experiência no exercício profissional (DIAS, 2009). Há, ainda, a possibilidade de realizar estágios extracurriculares, o que depende da disponibilidade de oferta das empresas, mas contribui igualmente para a aproximação do estudante com a profissão.

O poder público pode incentivar a contratação de estudantes e recém-formados nas empresas, por meio da oferta de estágios ou da obrigatoriedade da presença de aprendizes (CARVALHO; MACEDO; SILVA, 2017). Uma dessas iniciativas é o Decreto nº 9.579 de 22 de dezembro de 2018 (BRASIL, 2018), que regulamenta a contratação de aprendizes, sendo este um grande avanço para a inclusão do jovem no mercado. Este Decreto, na subseção I, artigo 51, traz a obrigatoriedade das empresas empregarem um número de aprendizes equivalente a cinco por cento, no mínimo, e quinze por cento, no máximo, dos trabalhadores existentes cujas funções demandem formação profissional (BRASIL, 2018).

Outra iniciativa governamental importante para os recém-formados é o programa Primeiro Emprego, o qual tem como objetivo diminuir o desemprego entre jovens e adolescentes e inserir egressos e estudantes da Educação Profissional, que nunca trabalharam, no mundo do trabalho por meio de contrato de estágio, aprendizagem ou ocupação formal (BAHIA, 2019). No entanto, na medida em que as entrevistas deste estudo foram acontecendo, surgiram elementos nas falas que demonstram dificuldades para adentrar no mundo do trabalho mesmo com a existência do programa:

Você não consegue. [...] tem o Primeiro Emprego. Só que eu trabalhei só 6 meses como telemarketing, mesmo assim não me chamaram não. E02

Este egresso possui 54 anos. Uma idade que seria difícil nunca ter trabalhado anteriormente. Esta questão se configura como um dos maiores gargalos do programa Primeiro Emprego, uma vez que é voltado para quem não possui experiência profissional. Todavia, deveria ser levado em consideração que uma experiência como atendente de telemarketing terá pouca influência para o desenvolvimento profissional de um técnico em enfermagem.

A partir do momento em que são implantados, nas instituições de ensino, programas para formação profissional de pessoas com idades mais avançadas e mais experiência de vida, é preciso que sejam desenvolvidas e lançadas estratégias, de acordo com as necessidades deste grupo, de forma a incluí-los no mundo do trabalho.

2.2. Incentivo à contratação de pessoas mais velhas

Ressaltamos que os participantes deste estudo, em grande maioria, foram oriundos do Programa Nacional de Integração da Educação Profissional à Educação Básica na modalidade de Educação de Jovens e Adultos (PROEJA). Este programa é destinado para jovens e adultos trabalhadores, maiores de 18 anos, que não finalizaram o Ensino Médio básico, e pretendem cursá-lo junto a um curso profissionalizante (FARIA; ASSIS, 2014;

MOURA, 2017), ou seja, oferece oportunidades de escolarização que aliam a educação básica à educação profissional, o que reforça, portanto, a necessidade de trazer esta discussão de forma alinhada.

Pela Constituição, o poder público deve criar programas de profissionalização para os idosos e adultos, aproveitando seus potenciais e habilidades para atividades regulares e remuneradas. No entanto, essas considerações legais que deveriam acontecer na prática, muitas vezes não acontecem ou acontecem de forma ineficaz (GOULART JÚNIOR et al., 2009). Assim, percebe-se que o PROEJA integrado surge alinhado com essas ideias.

O PROEJA integrado tem a meta de atender à demanda social por políticas públicas relacionadas à Educação de Jovens e Adultos, que possibilitem ações educacionais fundamentadas em princípios epistemológicos com um corpo teórico que respeite as dimensões sociais, econômicas, culturais, cognitivas e afetivas do estudante. Para tanto, deve atender a essa clientela excluída tanto da oferta profissional técnica de nível médio, quanto do próprio Ensino Médio (FARIA; ASSIS, 2014).

Atualmente, vivenciamos uma realidade educacional no país, na qual pessoas de idade mais avançada têm procurado, cada vez mais, retomar os estudos que não puderam ser concluídos durante a juventude. O governo disponibiliza vários programas de formação para esta população, como a Educação para Jovens e Adultos (EJA), o próprio PROEJA integrado e outros. Contudo, não é suficiente oferecer apenas a formação e não pensar em uma forma de inserir estes adultos de meia-idade no mundo do trabalho.

Como já relatado aqui anteriormente, o país possui programas como o Primeiro Emprego e decretos, a exemplo do Decreto nº 9.579/2018, que alicerçam e embasam a inserção dos profissionais recém-formados no mundo do trabalho. Todavia, há gargalos que se acentuam quando tratamos de adultos com a idade avançada e idosos.

O referido Decreto, em seu artigo 53º, esclarece que “aprendiz é o maior de 14 anos e menor de 24 anos que celebra o contrato de aprendizagem” (BRASIL, 2018). Quanto ao programa Primeiro Emprego, o próprio Estado da Bahia traz, dentro do seu conceito, que “É uma ação social de combate ao desemprego dos jovens [...]” (BAHIA, 2019). Assim, quando se trata da educação técnica na modalidade PROEJA integrado, notamos um impasse, pois há um perfil de egressos com idade superior a 24 anos e, portanto, desassistidos por essas iniciativas. São pessoas que não tiveram a oportunidade de concluir o Ensino Médio e/ou realizar um curso profissionalizante no passado, mas aproveitaram o ensejo do ensino integrado para obter as duas formações ao mesmo tempo.

O aumento da escolaridade, com a postergação do ingresso no mercado de trabalho, significa taxas crescentes de desemprego para a faixa etária acima dos 25 anos, fato que transfere, para uma grande parcela destes profissionais, a dificuldade de inserção associada à falta de experiência (ROCHA, 2008). Essa dificuldade foi ressaltada em algumas falas:

[...] a dificuldade é horrível. Você não consegue. [...] teve o da escola que disse que tem o primeiro emprego. [...] Estou aguardando [...]. Disse que é para quem nunca trabalhou, e também para mais jovens, né. Deve ser isso também. Mas, como eu estou dizendo, é o meu sonho. E02

No auge da minha idade seria difícil conseguir um trabalho, emprego, atuação ou alguma coisa assim. E17

E17 é um participante com mais de 60 anos, que está trabalhando, mas reconhece a dificuldade dos mais velhos ingressarem no mercado de trabalho. O outro egresso (E02) se refere ao programa Primeiro Emprego, que visa combater o desemprego entre jovens e

adolescentes, inserindo-os no mundo do trabalho. No entanto, este programa já se torna naturalmente excludente para as pessoas das faixas etárias mais elevadas ao deixar claro, em seu conceito e objetivo, ser destinado para jovens e adolescentes. Além disso, reforça a exclusão ao assumir com público-alvo quem nunca teve vínculo empregatício, ou seja, uma pessoa com meia-idade – perfil do PROEJA integrado -, provavelmente já manteve algum vínculo empregatício no passado e, portanto, está fora deste programa.

Atualmente, em que pessoas de idades mais avançadas têm procurado retomar os estudos não concluídos durante a juventude por falta de oportunidades, é necessário pensar em uma forma de inserir estes adultos de meia-idade no mundo do trabalho. Talvez, uma alternativa seja aprimorar o programa Primeiro Emprego, de forma que desconsidere empregos anteriores, ainda que fora da área de formação.

Com o aumento da longevidade, as pessoas querem permanecer ativas e inseridas no processo produtivo. O trabalho para os idosos, além de ofertar fonte de renda, muitas vezes essencial e complementar à aposentadoria, é também uma forma de se manterem úteis e ocupados, uma questão de dignidade. Assim, deve-se compreender que o envelhecimento não significa improdutividade e dependência (VANZELLA, 2011).

A realização de um curso profissionalizante por pessoas de idade mais avançada ou idosas, que muitas vezes se viam sem perspectivas futuras, significa a abertura de um “leque” de possibilidades para o desenvolvimento econômico e social. Trata-se do caso de um dos egressos que finalizou o curso, conseguiu se inserir no mercado de trabalho já próximo aos 60 anos de idade e continuava trabalhando como técnica em enfermagem.

A própria modalidade integrada surge diante da crítica à dualidade da educação brasileira que defende o Ensino Médio integrado sob os eixos: trabalho, ciência e cultura, o que significa incorporar à formação geral a preparação para o trabalho, com profissionais capazes de compreender os diversos aspectos inerentes ao mundo do trabalho, assim facilitando a inserção e permanência destes jovens em uma profissão. Não significa, no entanto, oferecer uma formação apenas para atender às necessidades do mercado capitalista, mas que permita aos educandos a compreensão e inserção no mundo do trabalho com participação qualitativa (XAVIER; FERNANDES, 2019).

No entanto, a incompatibilidade entre o número de egressos e a quantidade de profissionais absorvidos pelo mundo do trabalho gera uma dicotomia nos objetivos e na missão de uma formação técnica de nível médio na modalidade integrada. Ao mesmo tempo em que esta modalidade pretende formar cidadãos íntegros, capazes de atuar qualitativamente de forma crítica, reflexiva e criativa de acordo com as necessidades do mundo do trabalho, o sistema reduz as possibilidades de inseri-los na carreira profissional almejada.

3. Baixa oferta de vagas no interior do estado

Os egressos do ensino integrado, recém-formados, se deparam com uma realidade estrutural marcada intensamente pelo desemprego, pois existe um descompasso entre a formação e a inserção no mundo do trabalho, gerando, também na área da saúde, um desencontro entre as trajetórias ocupacionais e realizações profissionais (FRANCISCO, 2015; GUIMARÃES, 2002; VIEIRA et al., 2017). As empresas, diante do elevado número de candidatos a uma vaga, escolhem os mais capacitados. Isso também acontece no setor da saúde, ainda que ele absorva grande parte dos profissionais, como evidenciam as falas a seguir:

[...] a concorrência é muita, e as oportunidades são poucas. E12

A maioria dos alunos ficam desempregados mesmo, porque falta emprego. E16

Muitas vezes, o que atrai os alunos para a escola de nível técnico é a dificuldade de ocupar vagas com melhores salários e/ou maior estabilidade (FIGUEIREDO, 2013). Assim, por se tratar de uma formação mais rápida e de menor custo, tem sido bastante procurada. Os cursos de técnicos de enfermagem, em especial, são bastante requisitados, tendo em vista o alto número de contratações neste setor.

A Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil (COFEN, 2015) aponta que o *boom* de escolas e cursos de enfermagem gerou desequilíbrio entre oferta e demanda de mão de obra e, como consequência, chegamos ao desemprego aberto e estrutural.

Paralelamente, algumas mudanças econômicas nas últimas décadas causaram significativas transformações no panorama brasileiro, sobretudo nas esferas política, social, cultural e econômica. O trabalho vem passando por intensa fase de mudanças, sendo o desemprego estrutural uma das mais nocivas consequências desse processo. Os jovens, independentemente da escolaridade, representam um dos segmentos da sociedade mais atingidos (BONFIM, 2008).

Essa realidade também é vivenciada pelos egressos da formação de nível técnico em enfermagem, inclusive da modalidade integrada. Os resultados deste estudo mostram que, após a realização do referido curso, dos 19 egressos participantes, apenas sete trabalhavam como técnicos em enfermagem. E dos 12 que estavam desempregados na área, cinco disseram que não estavam realizando qualquer atividade remunerada, sendo que, anteriormente à realização do curso, os desempregados eram apenas dois.

Outro fator, além da experiência e idade, apontado como agravante para o desemprego foi a localização. A maioria dos egressos deste estudo era do interior do estado da Bahia e atribuiu a falta de vagas ao tamanho da cidade:

[...] pois a realidade do município é muito diferente de outras regiões [...]. A grande maioria ficou desempregado porque a cidade não comporta o número de formandos que teve. Eu sou da primeira turma, depois de mim já formaram mais duas turmas. Então, pelo menos no interior, não tem trabalho pra esse tanto de gente. E14

Eu moro numa cidadezinha pequena. São poucas vagas de emprego. Eu digo assim, não é um lugar desenvolvido com muitas clínicas, aqui a gente só tem um hospital. E19

Segundo eles, viver em cidades menores dificulta ainda mais a inserção no mundo do trabalho. O Nordeste do país, pelo baixo desenvolvimento econômico, sofre mais acentuadamente com a falta de empregos e esta situação se agrava no interior.

Conforme o perfil da enfermagem na Bahia (COFEN, 2015), 74,5% dos profissionais relataram dificuldade para encontrar emprego. A área já apresenta situação de desemprego aberto, com 9,4% dos profissionais entrevistados relatando situações de desemprego nos últimos 12 meses.

As Regiões Sul e Sudeste, economicamente as mais desenvolvidas no Brasil, têm maior número de cursos de Enfermagem e, portanto, não só lançam grande número de profissionais no mercado como disponibilizam maior número de vagas e apresentam maior empregabilidade. Há, portanto, uma concentração destes profissionais nos grandes centros urbanos, onde mais da metade de todo o contingente reside e trabalha, já que no interior o

mercado de trabalho é restrito, com poucas vagas e oportunidades de emprego (COLENCI; BERTI, 2012; DA SILVA; MACHADO, 2020; PAIVA et al., 2019).

Uma das cidades do interior a que os egressos deste estudo se referiram tem em torno de 30.000 habitantes e a outra pouco mais de 33.000 habitantes. Normalmente, cidades com uma população deste tamanho contam com uma rede de saúde pequena, incapaz de absorver todos os profissionais.

O Sistema Único de Saúde/setor público é o maior empregador da enfermagem, retendo 58,9% de toda a força de trabalho da categoria (DA SILVA; MACHADO, 2020). Pesquisa sobre o Perfil da Enfermagem no Brasil indica que 59,3% das equipes de enfermagem estão “fortemente inseridas no sistema público” (COFEN, 2015; FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ, 2015). Quanto ao setor privado, este também é um grande empregador, responsável pela contratação de 31,6% dos profissionais da enfermagem (DA SILVA; MACHADO, 2020).

Assim, quando existe desaceleração ou contração econômica, são os jovens/recém-formados que recebem o maior impacto do desemprego em virtude da pouca qualificação e experiência. Quanto mais jovem e menor a escolarização, maiores são as taxas de desemprego, porque o capital humano acumulado é menor (TEIXEIRA, 2005). Assim, em lugares no interior com poucas vagas de emprego e baixa economia, recém-formados inexperientes estão mais suscetíveis a vivenciar a não empregabilidade.

4. Rede de indicação

O jovem recém-formado ainda está indo ao encontro da sua identidade profissional, da sua autonomia nas decisões pessoais e profissionais, da sua independência financeira e da sua participação ativa na sociedade por meio do trabalho” (MELO; BORGES, 2007). Ele possui apenas a sua formação principal como qualificação, tendo como ponto desafiador a falta de experiência prática. No caso de alguns participantes deste estudo, a idade avançada limitava ainda mais as possibilidades de adentrar ao mundo do trabalho, de modo que indicações de trabalho por terceiros podem minimizar o peso desses fatores e facilitar a galgar o primeiro emprego.

Neste contexto de falta de vagas associada a poucas experiências, muitos consideravam a ausência de pessoas para auxiliar ou indicar a entrada no mercado de trabalho como outro aspecto desafiador.

Eu tenho colocado currículos, mas, pelo que eu estou vendo, só está tendo vagas por indicações. Eu tenho uma colega que trabalha em hospital e perguntei a ela. Ela disse que só está colocando por indicação. E02

Assim, aqui é muito difícil mesmo de arrumar. Se você tiver conhecimento com as pessoas você consegue, entendeu? Porque aqui é mais assim ... você tem que ser indicado por alguém [...]. E06

A imprescindibilidade de apoio neste momento em que o profissional egressa da formação profissional e busca se inserir profissionalmente é reforçada pela necessidade de oferta ou indicação para um emprego. Conforme Teixeira (2005), a falta de contato com pessoas capazes de empregar ou indicar para uma vaga dificulta a possibilidade de inserção profissional pelos egressos recém-formados. Em outro estudo, ficou comprovado que 8,5% dos graduados em enfermagem conseguiram o primeiro emprego por meio de indicação (JESUS et al., 2013).

De acordo com um site de consultoria de recursos humanos, pesquisa com mais de 40 mil profissionais identificou que 59% das funções do mercado de trabalho são preenchidas por indicação e 75% das organizações usam a indicação de colaboradores para divulgação de vagas ofertadas (CATHO, 2015).

A indicação se tornou, portanto, um fator importantíssimo na busca por uma colocação profissional, principalmente se o candidato indicado superar as expectativas dos contratantes. Esta vem se tornando uma forma de recrutamento de recursos humanos comum no mercado de trabalho, o que dificulta a inserção de profissionais que não possuem pessoas para indicá-los a uma vaga. No entanto, quando falamos em indicação, deve-se haver cautela quanto a real qualificação do profissional para assumir a função.

5. A precariedade dos vínculos

Concomitante ao aumento de profissionais e da procura por um emprego, cresce o número de vínculos empregatícios precários, existindo sobrecarga de trabalho, carga horária elevada, salários injustos, fragilização dos vínculos e outros.

O trabalho precário é aquele incerto e imprevisível, causador de instabilidade e insegurança contínua ao trabalhador, submetendo-o à exploração. É resultado da flexibilização de direitos trabalhistas historicamente conquistados pela classe (ARAÚJO-DOS-SANTOS et al., 2018; EBERHARDT; CARVALHO; MUROFUSE, 2015). Na Enfermagem, entre as formas de precarização destacam-se o tipo de vínculo, a instabilidade, a renda, a jornada de trabalho, o direito à livre associação e as condições de trabalho (MELO et al., 2016).

Nas falas dos egressos dos cursos técnicos em enfermagem na modalidade integrada foram identificados vários elementos que representam a precarização, incluindo tipo de vínculo, trabalhos informais e salários baixos.

Com base nas entrevistas, observamos que os egressos estão trabalhando sob uma forma de vínculo frágil, o contrato. Esta é a realidade da maioria dos egressos participantes deste estudo: sete estavam atuando como técnicos em enfermagem, seis deles sob forma de contrato.

Eu trabalhei três meses e eles me deram trinta dias fazendo experiência [...]. Fizeram treinamento comigo e trabalhei de carteira assinada dois meses, praticamente tirando férias dela, que ela estava com férias vencida e tudo mais. E12

Depois dos oito meses, aqui na cidade, o hospital teve que demitir alguns funcionários, aí nessa demissão eu fui junto. Eu só tinha oito meses de casa, então o acerto ia ser menos [...]. E19

Muitos profissionais trabalham sob a forma de contrato temporário, mostrando preocupação com o fim da vigência do mesmo. Na fala do egresso 19, fica evidente a fragilidade e falta de segurança dos contratos, pois o funcionário pode ser desligado da empresa a qualquer momento, ou em data predefinida.

As esferas tanto públicas quanto privadas vivenciam a precarização do trabalho, por meio de contratos com prazo determinado e temporários, subcontratos e ameaça de desemprego. Essas condições tornam o trabalhador responsável pelo gerenciamento dos riscos que se apresentam nas mudanças constantes em seu espaço de trabalho (FRANCISCO, 2015).

Portanto, na atualidade, além do desemprego, a precarização dos empregos vem se tornando preocupante para a sociedade. A deterioração da qualidade dos empregos nas últimas décadas teve como principal causa o processo de globalização, privatização e liberalização, que transformou as atividades laborais em informais, precárias e concentradas no setor terciário.

5.1. A informalidade dos vínculos

Na década de 90 cresceu o emprego informal no Brasil que representou, em média, 70% de cada 10 novos postos gerados; os do setor terciário somaram 90% de cada 10 novos postos e mais da metade destes postos não oferece proteção social e trabalhista adequadas. Esta informalidade afeta mais os jovens que os adultos (TEIXEIRA, 2005). Além disso, apesar do autor enfatizar o jovem, provavelmente pela pouca experiência, acredita-se que o mesmo se aplica aos recém-formados desta pesquisa, independentemente da idade, pois são igualmente afetados pela inexperiência.

Corroborando o exposto, nas falas seguintes podemos identificar elementos que representam informalidades nos vínculos empregatícios:

Tem dois anos. Mas de carteira mesmo, eu só tenho um ano de carteira assinada. E03

[...] separadamente, eu sempre tenho dado alguns períodos de plantão com uma cooperativa que sempre me chamava para atuar. E17

Um dos egressos atuou como técnico em enfermagem, inicialmente de maneira informal, e após um ano teve a carteira assinada. O outro, mesmo com vínculo empregatício, complementa a renda exercendo um trabalho informal.

Em virtude da escassez e dificuldades de adentrar no mundo do trabalho, bem como da precariedade de alguns vínculos e da necessidade econômica, os indivíduos se submetem a vínculos fragilizados com informalidades e/ou ilegalidades. Pelas circunstâncias atuais da enfermagem, os profissionais vivenciam múltiplos vínculos combinados entre formalidade e informalidade (VIEIRA et al., 2017).

Pesquisa analisou os desafios do mercado de trabalho para enfermagem e evidenciou inúmeros fatores que indicam a precariedade das atividades laborais, como pessoas que trabalham em dois ou três bicos, fazendo plantões extras, rendendo colegas em plantões, substituindo colegas em férias ou, até mesmo, praticando subjornadas (MACHADO et al., 2016).

O profissional de enfermagem de nível técnico, como de qualquer outra área de formação técnica, é historicamente visto como desenvolvedor de atividades operacionais e braçais, sem uso da intelectualidade, o que sabemos não ser verídico. Esta estigmatização social leva à desvalorização profissional, já que a sociedade valoriza os trabalhos considerados intelectuais, e esta desvalorização, muitas vezes, está diretamente ligada a condições de precarização do trabalho e informalidades.

Um grande impulsor desta precariedade é a vivência do desemprego. Por necessidade de obter renda, os profissionais desempregados aceitam as oportunidades que surgem, independentemente da qualidade e segurança profissional. Para muitos, o trabalho informal acaba sendo a única saída:

[...] estou cuidando ainda de uma paciente, estou acabando [...] mas não tenho carteira assinada que geralmente vocês pedem muito, muita experiência. [...] mas eu achei muito proveitosa a minha trajetória até aqui. Eu estou há três meses com essa paciente de forma integral com ela. Acompanhei no ambiente hospitalar,

fiquei com ela na residência e estou fazendo um curativo que é três vezes na semana. E14

A fala deixa evidente a forma de vínculo informal que permeia a enfermagem. O mercado está repleto de altos índices de desemprego, aumento dos trabalhadores em tempo parcial com contratos de trabalho não padronizados e/ou precários, queda da taxa de sindicalização e/ou não reconhecimento dos sindicatos, expansão do individualismo e declínio da ética da ação coletiva, desemprego juvenil crescente e informalidade (TEIXEIRA, 2005).

5.2 Desvalorização econômica e social

Em um contexto onde há crescimento do desemprego, do tempo de procura por trabalho e desocupação recorrente, a fragilização dos vínculos e intensificação das transições ocupacionais tornaram-se frequentes (VIEIRA et al., 2017).

Imersa nesta realidade de fragilização dos vínculos, existe a desvalorização econômica da profissão. Ou seja, salários inadequados para a formação e atuação do profissional, que, muitas vezes, funcionam como gatilho para que ele busque uma segunda ou outra atuação:

É um salário. Tem direito a insalubridade de 20%. Acho que poderia ter uma melhora, porque a gente trabalha com [...] hospital infectocontagioso, a gente trabalha com alto risco de contaminação, entendeu? Aí poderia dar uma “melhoradinha” para segurança do próprio profissional. E01

Só aqui mesmo como técnico. E final de semana, sábado e domingo cortando cabelo ainda. E11

Muitas vezes, os profissionais cumprem extensas jornadas de trabalho, com riscos inerentes à saúde e recebem salários não condizentes com a função exercida e a exposição aos riscos. Neste contexto, em busca de atingir as metas das empresas, submetem-se a contratos terceirizados, com ritmos de trabalho intensos e baixos salários (VIEIRA et al., 2017).

Estudo (PAIVA et al., 2019) com egressos de um curso técnico em enfermagem apresentou que 30% destes profissionais estavam ganhando valor inferior a um salário-mínimo e os outros 70% recebiam entre um e dois salários-mínimos. Ainda segundo o estudo, após a realização do curso, 20% dos profissionais tiveram uma redução dos salários e 80% não apresentaram melhora na renda mensal.

Salários baixos são intrínsecos ao excesso de profissionais disponíveis no mercado de trabalho, levando ao pensamento alinhado à lei da oferta e da procura, a qual estabelece relação entre a procura de um produto e a quantidade oferecida. Ou seja, quanto mais tenho um produto a oferecer, e este é pouco procurado, o preço tende a diminuir.

Da mesma forma, no caso de uma profissão desvalorizada economicamente, quando a oferta de determinado profissional excede ao número de vagas existentes, tende a haver uma queda nos salários. A lei da oferta é utilizada por autores para explicar a desvalorização econômica dos técnicos em enfermagem (PAIVA et al., 2019):

Pensando que o técnico de enfermagem seja o produto, e o mercado de trabalho seja o consumidor (quem procura), existe uma oferta de técnicos de enfermagem muito maior que o número de vagas (procura) no mercado de trabalho, o que leva a uma redução dos salários oferecidos (PAIVA et al., 2019, p. 148).

Assim, exercer uma profissão na qual você se enxerga desvalorizado socialmente e economicamente, com condições de trabalho precárias e pouca segurança, pode se tornar extremamente desmotivador, impactando na saúde e qualidade da atuação. Com tantas

barreiras, dificuldades e problemas, é natural perceber que grande parte dos profissionais da enfermagem não tem uma visão positiva do futuro.

Diante dos problemas e da desmotivação com a enfermagem, chegamos à conclusão de que muitos profissionais tendem a escolher outros caminhos em busca de melhores condições de trabalho, melhores salários e vínculos mais seguros:

[...] eu não procurei não, porque tem motivos assim... Questão de salário. [...] a área é boa, bem procurado, graças a Deus. [...] eu achei trabalho para Jacobina, ia ter que alugar casa. Com tudo, com todo custo, não dava a mesma renda que eu tirava na área da pintura. Por exemplo, o salário da área de técnico de enfermagem aqui [...] não chega a 1.300. Então, eu fui calcular e ver os benefícios... E7

Destaca-se que, mesmo com qualificação profissional adquirida mediante a realização de um curso técnico, não houve melhores oportunidades de trabalho que permitissem a inserção na carreira profissional como técnico em enfermagem. Essa situação causa a evasão da profissão ou, até mesmo, a não inserção, em busca de melhores oportunidades.

Estudo revelou que, apesar de 60% dos egressos de um curso técnico em enfermagem atuarem no setor saúde, apenas 30% desenvolviam atividades laborais como técnicos em enfermagem e 10% atuavam em outra área. Segundo os autores, o grande número de profissionais técnicos em enfermagem pode levar a uma saturação de vagas no mercado de trabalho e, conseqüentemente, à oferta de baixos salários, o que incentiva uma evasão da profissão, como vimos acima (PAIVA et al., 2019).

Neste mesmo cenário, em estudo sobre a inserção de egressos de enfermagem no mercado de trabalho, os participantes relataram não compensar trabalhar na área, pois os salários não são equivalentes à responsabilidade exigida de quem exerce esta função (COLENCI; BERTI, 2012).

Percebe-se que a evasão da profissão está vinculada às condições de trabalho como um todo, entretanto, muito mais às questões financeiras. Infelizmente, na sociedade atual, fortemente capitalista e com altos impostos, as questões remunerativas têm muito peso e significância no momento de escolher uma carreira/trajetória profissional.

Além das condições de trabalho e destas questões remunerativas, outro fator que influencia a evasão da enfermagem é a falta de empregos na área. Muitas vezes, o profissional está à procura e não encontra um trabalho para exercer sua profissão, optando por se adequar às oportunidades que surgem, como é possível ver na fala a seguir:

[...] eu trabalhei numa área que não foi a minha. Trabalhei em laboratório. Gostei que também ganhei experiência. Teve treinamento pra depois ir trabalhar no laboratório. [...] foi pouco tempo. Foi praticamente tirando férias de uma moça que trabalhava lá. Mas tá um pouco difícil até o momento, então eu fiz esse de instrumentação pra ver se há uma chance a mais de emprego, e “tocar” a vida pra frente. Se não der certo com esse, tornar fazer e partir pra outra área pra ver, até chegar lá. Desistir, nunca! E12

É factível que os egressos aproveitam as oportunidades que surgem, e estas podem ser boas, muitas vezes até melhores que a atuação como técnico em enfermagem quando analisadas questões como vínculo trabalhista, condições de trabalho, carga horária e salários. Porém, também podem não ser tão boas assim, como no caso de um dos participantes, E12, que aceitou um vínculo temporário, cobrindo férias de outra colaboradora, pela necessidade de trabalhar.

Os egressos buscam uma nova qualificação/cursos para aperfeiçoamentos profissionais como estratégia para conquistar uma vaga no mundo do trabalho. Dos 19 egressos que participaram deste estudo, cinco realizaram outra formação e, destes, dois conseguiram ingressar no mercado de trabalho posteriormente como técnicos em enfermagem.

Pesquisa (VIEIRA et al., 2017) mostrou que muitos trabalhadores da saúde pretendem sair da profissão, e até mesmo do setor, como também relatado neste estudo por dois técnicos em enfermagem: um desejava sair do setor da saúde e o outro realizar o curso de pedagogia. Porém, não identificamos egressos com desejos de sair da área da saúde, talvez por considerarem este um setor com empregabilidade considerável. Alguns cursavam ou queriam realizar outras formações e também cursos de nível superior.

São inúmeras as evidências de precariedade nos vínculos empregatícios no mundo do trabalho para os técnicos em enfermagem e, também, diversos os fatores que a influenciam e são por ela influenciados. Portanto, a forma de enfrentamento destes profissionais se torna a aderência a informalidades, evasão e/ou não inserção na profissão, ou até mesmo aceitar vínculos precários.

Considerações finais

O desenvolvimento deste estudo com egressos da formação técnica na modalidade integrada possibilitou a identificação e análise dos desafios para inserção destes profissionais no mundo do trabalho e ao longo de sua trajetória profissional.

É notória a desarmonia entre o número de indivíduos formados e qualificados e a quantidade de profissionais inseridos no mundo do trabalho. Tal situação explicita a necessidade de que o sistema e as empresas procurem estratégias para oferecer mais oportunidades aos recém-formados, evitando o desemprego. As falas mostraram que, além de poucas vagas, são vários os fatores desfavoráveis que se configuram como desafios na trajetória profissional dos egressos do curso técnico em enfermagem: pouca ou nenhuma experiência, idade, economia local, qualificação individual e precariedade dos vínculos.

Neste contexto, quando colocada em prática a proposta da modalidade integrada de ensino - formar profissionais críticos, reflexivos e criativos capazes de compreender os diversos aspectos inerentes ao mundo do trabalho, assim facilitando a inserção e permanência destes jovens em uma profissão - a missão de inserir os profissionais no mundo do trabalho não está se consolidando de uma forma plausível.

Torna-se, portanto, necessário o aprimoramento das iniciativas governamentais e das instituições empregatícias, de forma a absorver um número maior de egressos recém-formados no mundo do trabalho.

Referências

ARAÚJO-DOS-SANTOS, T. et al. Job insecurity among nurses, nursing technicians and nursing aides in public hospitals. **Revista da Escola de Enfermagem da U S P**, v. 52, p. e03411, 2018.

BAHIA. **Programa primeiro emprego. Secretaria de Educação do Estado da Bahia.** Disponível em: <<http://estudantes.educacao.ba.gov.br/primeiroemprego>>. Acesso em: 25 mar. 2020.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. 5. ed. São Paulo: Edições 70, 2016.

BASTOS, J. C. Efetivação de Escolhas Profissionais de Jovens Oriundos do Ensino Público: Um Olhar sobre suas Trajetórias. **Revista Brasileira de Orientação Profissional**, v. 6, n. 2, p. 31–43, 2005.

BONFIM, A. A. **A trajetória profissional dos egressos do curso técnico em agropecuária da EAF de São Cristóvão – SE**. [s.l.] Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, 2008.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDB 9.394, de 02 de dezembro de 1996**. Brasil, 1996.

BRASIL. **Decreto n. 5154 de 23 de julho de 2004 - Regulamenta outras leis (9394)** Brasil, 2014. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2004/decreto/d5154.htm>. Acesso em: 24 jan. 2021

BRASIL. **Decreto nº 9.579, de 22 de novembro de 2018. Consolida atos normativos editados pelo Poder Executivo federal que dispõem sobre a temática do lactente, da criança e do adolescente e do aprendiz, e sobre o Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente**. Brasil, 2018. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2018/Decreto/D9579.htm#art126>

CARVALHO, A. K. A.; MACEDO, M. A.; SILVA, T. S. Experiências de Inserção no Mercado de Trabalho: Estudo com Egressos do Curso de Administração. **Rev. Cienc. Gerenc**, v. 21, n. 33, p. 56–62, 2017.

CARVALHO, M. DE; SANTOS, N. R. DOS; CAMPOS, G. W. DE S. A construção do SUS e o planejamento da força de trabalho em saúde no Brasil: breve trajetória histórica. **Saúde em Debate**, v. 37, n. 98, p. 372–387, 2013.

CATHO. **Indicação: vantagens e complicações**. Disponível em: <<https://www.catho.com.br/carreira-sucesso/carreira/dicas-emprego/comportamento/indicacao-vantagens-e-complicacoes/>>.

COFEN. **Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil**. Disponível em: <<http://www.cofen.gov.br/perfilenfermagem/#apresentacao>>. Acesso em: 8 fev. 2017.

COLENCI, R.; BERTI, H. W. Formação profissional e inserção no mercado de trabalho: percepções de egressos de graduação em enfermagem. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, v. 46, n. 1, p. 158–166, 2012.

CONSELHO FEDERAL DE ENFERMAGEM. **6º Conaten debate índice de desemprego dos profissionais de nível médio Conselho Federal de Enfermagem - Brasil**. Disponível em: <http://www.cofen.gov.br/6o-congresso-nacional-dos-tecnicos-e-auxiliares-de-enfermagem-acontece-em-sao-paulo_64575.html>. Acesso em: 26 mar. 2020.

DA SILVA, M. C. N.; MACHADO, M. H. Health and work system: Challenges for the nursing in Brazil. **Ciencia e Saude Coletiva**, v. 25, n. 1, p. 7–13, 2020.

DIAS, M. S. DE L. **Planejamento de carreira: uma orientação para estudantes universitários**. 1. ed. São Paulo: Vetor, 2009.

EBERHARDT, L. D.; CARVALHO, M. DE; MUROFUSE, N. T. Vínculos de trabalho no setor saúde: o cenário da precarização na macrorregião Oeste do Paraná. **Saúde em Debate**, v. 39, n. 104, p. 18–29, 2015.

FARIA, D. A.; ASSIS, S. M. O PROEJA integrado à educação profissional: desafios, possibilidades e práticas docentes. **HOLOS**, v. 2, p. 123, 2014.

FIGUEIREDO, J. B. **Trajetória educacional de alunos de cursos técnicos em saúde: o caso da Escola Técnica Estadual de Saúde Herbert José de Souza (ETESHJS) da FAETEC**. [s.l.] Fundação Oswaldo Cruz, 2013.

FRANCISCO, D. S. **Gestão do trabalho e valorização profissional: a questão da sobrequalificação para o trabalhador técnico do SUS**. [s.l.] FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ, 2015.

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. **Pesquisa inédita traça perfil da enfermagem no Brasil**.

GARAY, A. B. S. **Reestruturação Produtiva e Desafios de Qualificação: Algumas Considerações Críticas**. p. 1–15, 2014.

GOULART JÚNIOR, E. et al. Considerações sobre a terceira idade e o mercado de trabalho: questionamentos e possibilidades. **Revista Brasileira de Ciências do Envelhecimento Humano**, v. 6, n. 3, p. 429–437, 2009.

GUIMARÃES, M. T. C. Juventude, educação e campo simbólico. **Rev Bras de Estudos de População**, v. 19, n. 2, p. 1–4, 2002.

JESUS, B. H. DE et al. Inserção no mercado de trabalho: trajetória de egressos de um curso de graduação em enfermagem. **Escola Anna Nery**, v. 17, n. 2, p. 336–345, 2013.

MACHADO, M. H. et al. Mercado de trabalho da enfermagem: aspectos gerais. **Enferm. Foco**, v. 7, n. esp., p. 35–62, 2016.

MATTOSINHO, M. M. S. et al. Mundo do trabalho: Alguns aspectos vivenciados pelos profissionais recém-formados em enfermagem. **ACTA Paulista de Enfermagem**, v. 23, n. 4, p. 466–471, 2010.

MELO, C. M. M. DE et al. Nurse workforce in state services with direct management: Revealing precarization. **Escola Anna Nery - Revista de Enfermagem**, v. 20, n. 3, 2016.

MELO, S. L. DE; BORGES, L. DE O. A transição da universidade ao mercado de trabalho na ótica do jovem. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 27, n. 3, p. 376–395, 2007.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Planejando a Próxima Década: Alinhando os Planos de Educação**. Brasília: [s.n.].

MOURA, D. H. Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Profissional com a Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos –PROEJA: Entre potencialidades e entraves diante de projetos societários em disputa. **Educação Profissional e Tecnológica em Revista**, v. 1, n. 1, p. 1–22, 2017.

PAIVA, J. M. M. Et Al. Escolas Técnicas do SUS: perfil dos egressos do curso técnico em

enfermagem. In: **Discursos, Saberes e Práticas da Enfermagem**. [s.l.] Atena Editora, 2019. p. 139–151.

ROCHA, S. A inserção dos jovens no mercado de trabalho. **Caderno CRH**, v. 21, n. 54, p. 533–550, 2008.

SANTIAGO, L. M. M. et al. Formação técnica em enfermagem integrada ao ensino médio. **Enfermagem em Foco**, v. 8, n. 3, p. 80–86, 2017.

SIMÕES, C. A. **Juventude e educação técnica: a experiência na formação de jovens trabalhadores da Escola Estadual Prof. Horacio Macedo/CEFET-RJ**. [s.l.] Universidade Federal Fluminense, 2007.

SOBROSA, G. M. R. et al. Influências percebidas na escolha profissional de jovens provenientes de classes socioeconômicas desfavorecidas. **Psicologia em Revista**, v. 21, n. 2, p. 314–333, 2015.

TEIXEIRA, E. J. **Juventude pobre, participação e redes de sociabilidade na construção do projeto de vida**. [s.l.] Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2005.

VANZELLA, E. A terceira idade e o mercado de trabalho. **Revista Brasileira de Ciências da Saúde**, v. 14, n. 4, p. 97–100, 2011.

VIAMONTE, P. F. V. S. Ensino profissionalizante e ensino médio : novas análises a partir da LDB 9394 / 96. **Educação em Perspectiva**, v. 2, n. 1, p. 28–57, 18 jan. 2011.

VIEIRA, M. et al. Trajetórias educacionais e ocupacionais de trabalhadores do Sistema Único de Saúde, e suas expectativas profissionais. **Saúde em Debate**, v. 41, n. spe2, p. 92–103, 2017.

XAVIER, T. R. T. M.; FERNANDES, N. L. R. Educação Profissional Técnica integrada ao ensino médio: considerações históricas e princípios orientadores. **Revista de Estudos e Pesquisas sobre Ensino Tecnológico (EDUCITEC)**, v. 5, n. 11, 2019.

4.3.2 Artigo 2

FORMAÇÃO TÉCNICA EM ENFERMAGEM NA MODALIDADE INTEGRADA: ELEMENTOS FAVORÁVEIS NA INSERÇÃO PROFISSIONAL

RESUMO

O artigo tem como objetivo analisar os elementos facilitadores relatados pelos egressos da formação técnica em enfermagem na modalidade integrada para inserção no mundo do trabalho, os quais foram extraídos das entrevistas com os 19 egressos participantes deste estudo. Os elementos facilitadores evidenciados pelas entrevistas possibilitaram a construção de 5 categorias: formação profissionalizante; experiência proporcionada pelos estágios e aulas práticas; experiências profissionais anteriores; iniciativas governamentais e rede de indicações. Tais fatores condizem com os objetivos da modalidade integrada, a qual tem a missão de formar sujeitos com conhecimento técnico na sua área mediante a aproximação precoce com o mundo do trabalho, com capacidade de articular vivências teóricas e práticas.

Palavras-chave: técnicos de enfermagem; educação técnica em enfermagem; educação profissionalizante; ensino médio; educação em enfermagem.

TECHNICAL TRAINING IN NURSING IN INTEGRATED MODALITY: FAVORABLE ELEMENTS IN THE PROFESSIONAL TRAJECTORY

ABSTRACT

The article aims to analyze the facilitating elements reported by the graduates of technical training in nursing in the integrated modality for insertion in the world of work, which were extracted from the interviews with the 19 graduates participating in this study. The facilitating elements evidenced by the interviews enabled the construction of 5 categories: professional training; experience provided by internships and practical classes; previous professional experiences; government initiatives and referral network. Such factors are consistent with the objectives of the integrated modality, which has the mission of training subjects with technical knowledge in their area through an early approach to the world of work, with the ability to articulate theoretical and practical experiences.

Keywords: nursing technicians; technical education in nursing; vocational education; high school; nursing education.

INTRODUÇÃO

Com a maior oferta de cursos técnicos de nível médio no Brasil aumentou também a inserção de jovens e adultos neste nível ensino, os quais, anteriormente, não tinham

acesso a uma formação profissionalizante, por motivos socioeconômicos, principalmente. Nota-se que o ingresso nesses cursos eleva o nível de escolaridade e, por conseguinte, as chances de ocupar vagas de maior qualificação no mercado de trabalho.

Na formação técnica integrada ao ensino médio comum, o jovem finaliza o ensino médio com uma profissão, de forma mais rápida. Isso aumenta a possibilidade de desenvolvimento econômico e de melhorias nas suas condições sociais, podendo futuramente favorecer sua qualificação profissional. Contudo, importante ressaltar que, a formação profissional e a escolarização não se constituem em garantias de ingresso no mercado de trabalho.

Entre a escolha profissional e a efetiva atuação no mundo do trabalho há um percurso repleto de fatores condicionantes que podem interferir na inserção, e consequentemente, na trajetória profissional. Dessa forma, a escolha profissional pode ser motivada, em parte, pela necessidade de ingressar rapidamente no mundo do trabalho (BASTOS, 2005).

Compreender a trajetória profissional dos egressos do curso técnico em enfermagem na modalidade integrada permite verificar o que aconteceu nesse percurso, bem como estabelecer relações entre as escolhas individuais e os determinantes políticos, econômicos e sociais nos quais esses indivíduos estão inseridos. Conhecer o caminhar profissional dos egressos é uma forma de analisar, compreender e refletir sobre as questões relativas ao ensino em Enfermagem e às características inerentes ao mundo do trabalho (COLENCI; BERTI, 2012).

Sabe-se que a formação é permeada por desafios. Um deles é manter a formação profissional com qualidade compatível às exigências contemporâneas e com o desenvolvimento científico e tecnológico. Necessário ainda desenvolver nos egressos a capacidade de aprender a aprender, de trabalhar em equipe, de comunicar-se, de ter agilidade e atender às demandas do mundo do trabalho, além de formar indivíduos criativos, críticos e comprometidos com a ética da vida (PAIVA et al., 2011).

No entanto, apesar das novas exigências do mercado de trabalho, a enfermagem possui resquícios de uma formação tradicional e tecnicista, com dificuldades de formar profissionais mais críticos e reflexivos. Os técnicos de enfermagem são formados, em sua maioria, com pouca possibilidade de adquirir conhecimentos que permitam uma atuação como agentes transformadores e que contribuam para a sociedade.

O Catálogo Nacional de Cursos Técnicos (CNCT), instrumento que subsidia o planejamento da oferta de cursos de educação profissional técnica de nível médio (BRASIL, 2021), ainda apresenta como objetivos da formação técnica em enfermagem apenas competências técnicas, deixando de lado uma formação reflexiva e crítica, o que reforça o perfil tecnicista da profissão.

Assim, para que o cuidar da enfermagem seja condizente com as demandas sociais e realizado com qualidade, é imprescindível que a educação profissional proporcione a formação de profissionais com conhecimento científico, habilidades técnicas e raciocínio crítico e reflexivo, que satisfaçam as exigências sociais e do mundo do trabalho. Este novo perfil profissional se constrói mediante transformações do mundo do trabalho, o qual também está sendo (re)configurado e em transformação (TEIXEIRA; OLIVEIRA; FARIA, 2008).

No entanto, os desafios formativos demandam critérios adequados de avaliação da qualidade do ensino e concordância deste com as necessidades do mundo do trabalho. Um desses critérios é o monitoramento de egressos e de suas trajetórias profissionais, por subsidiar a comparação das características da formação e sua articulação com o mundo do trabalho.

Conhecer a trajetória profissional dos egressos é ponto crucial para futuras definições sobre a oferta de vagas e planejamento de cursos, além de permitir verificar a eficiência destes cursos e da modalidade na instituição, levando-se em conta a realidade do mundo do trabalho (BONFIM, 2008; TEIXEIRA; OLIVEIRA; FARIA, 2008).

Neste sentido, tem-se o questionamento como se apresentam os elementos facilitadores para inserção no mundo do trabalho dos egressos da formação técnica em enfermagem na modalidade integrada?

O monitoramento dos egressos possibilita ainda que a instituição conheça melhor e reflita sobre o desempenho de seus alunos, buscando o aperfeiçoamento e a melhoria da qualidade das ações nos processos de ensino, no currículo e projeto político pedagógico, para que sejam compatíveis com as reais necessidades dos estudantes e do mundo do trabalho.

Portanto, este artigo tem como objetivo analisar os elementos facilitadores relatados pelos egressos da formação técnica em enfermagem na modalidade integrada para inserção no mundo do trabalho.

PERCURSO METODOLÓGICO

Trata-se de um recorte da dissertação de mestrado intitulada “Trajetória profissional dos egressos da formação técnica em enfermagem na modalidade integrada”. É uma pesquisa descritiva-exploratória, sob abordagem qualitativa, tendo como cenário três instituições coparticipantes: uma localizada em Salvador e duas no interior do estado, nas cidades Riachão do Jacuípe e Miguel Calmon.

Foram realizadas visitas presenciais nessas escolas para identificação e contato inicial com os egressos. Utilizou-se como critério de inclusão todos os egressos dos cursos técnicos em enfermagem na modalidade integrada aptos ao exercício profissional.

O marco inicial para coleta de dados foram os egressos da primeira turma concluinte entre as escolas coparticipantes da pesquisa, ou seja, todos os egressos a partir de 2015. Como marco final, adotamos o ano de 2018, último ano de conclusão antes da coleta de dados. A Tabela 1 apresenta o quantitativo de concluintes em cada escola.

Tabela 1 - Número de concluintes de cursos técnico em enfermagem na modalidade integrada por escola coparticipante e ano de conclusão do curso. Salvador, Bahia, Brasil, 2020.

Escola	Nº concluintes / Ano				Total
	2015	2016	2017	2018	
Salvador	23	25	17	16	81
Riachão do Jacuípe	-	-	-	10	10
Miguel Calmon	13	14	16	10	53
TOTAL	36	39	33	36	144

Fonte: Relação nominal de concluintes fornecida pelas escolas coparticipantes.

De posse da relação dos nomes dos egressos, iniciamos as tentativas de contato telefônico. Também fizemos contatos por meio de aplicativos de mensagens instantâneas, sempre utilizando a metodologia *snowball*, que permite contatar pessoas por intermédio de outras. Ao fim das tentativas, conseguimos contato com 43 egressos: 21 de Salvador, 8 de Riachão de Jacuípe e 14 de Miguel Calmon.

Em conversa com os 43 egressos, identificamos que as escolas também consideraram, em suas listas, os estudantes que haviam concluído apenas as disciplinas

teóricas, restando ainda cursar as disciplinas práticas obrigatórias. Dessa forma, excluindo esses egressos da pesquisa, reduzimos para 29 o número de possíveis participantes, dos quais 27 demonstraram interesse em participar da pesquisa. No entanto, no decorrer da coleta de dados não conseguimos manter o contato com oito sujeitos e, assim, fizeram parte deste estudo 19 egressos.

As entrevistas foram realizadas à distância – ligação ou mensagens de voz instantâneas – ou presencialmente, em local de preferência dos egressos. O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido foi aplicado de forma impressa ou eletrônica.

A coleta de dados foi realizada por meio de um roteiro de entrevista semiestruturado com questões de caracterização dos egressos e perguntas disparadoras que buscavam entender a trajetória profissional a partir da realização do curso técnico em enfermagem na modalidade integrada até o momento atual

. A realização destas entrevistas ocorreu entre outubro de 2019 e janeiro de 2020, em três etapas, sendo encerradas quando identificamos repetição das falas e saturação dos dados.

Realizamos a análise dos dados à luz da análise de conteúdo temática de Bardin (2016). O software WebQda® auxiliou na organização do material, codificação, observação das frequências de repetição e estabelecimento dos “nós” e das categorias.

A pesquisa foi realizada após aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa da Escola de Enfermagem da UFBA, sob o parecer 3.461.727.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para apresentação dos resultados será apresentada uma breve caracterização dos egressos e em seguida os elementos favoráveis para inserção no mundo do trabalho.

Quadro 1 – Caracterização dos egressos do curso técnico em enfermagem na modalidade integrada. Salvador, Bahia, Brasil, 2020.

CARACTERÍSTICA	N	%	CARACTERÍSTICA	N	%
Sexo			Cor		
Feminino	16	84,2	Pardo	11	57,9
Masculino	3	15,8	Preto	6	31,6

Faixa etária			Branco	2	10,5
20 - 30	9	47,4	Estado civil		
31 - 40	6	31,6	Solteiro	12	63,2
41 - 50	2	10,5	Casado	5	26,3
51 - 60	2	10,5	Divorciado	2	10,5

Fonte: Dados da pesquisa, 2020.

Quadro 2 – Perfil empregatício dos participantes do estudo quanto a inserção no mundo do trabalho enquanto técnicos em enfermagem. Salvador, Bahia, Brasil, 2020.

		Nº de egressos			Nº de egressos
Situação atual			Quantidade de vínculos		
Empregados		7	1		7
Desempregados		12	2 ou mais		0
Tipo de vínculo			Tempo entre conclusão do curso e inserção no 1º emprego		
Celetista		6	< 6 meses		5
Concursado		1	Entre 6 meses e 1 ano		1
			> 1 ano		1

Fonte: Dados da pesquisa, 2020.

Quanto ao vínculo empregatício, do total de egressos, sete (36,8%) atuavam como técnicos em enfermagem, dois (10,5%) deles já no segundo emprego. Um (5,3%) egresso relatou já ter trabalhado na área, mas estar desempregado no momento.

Dos egressos que se consideraram desempregados na área (12), seis referiram realizar atividades autônomas prestando cuidados domiciliares, mas não se consideravam técnicos em enfermagem. Ou seja, eles não reconheciam o trabalho autônomo e domiciliar como uma atividade da profissão ou um trabalho.

Quanto a maioria dos egressos que atuam enquanto técnicos em enfermagem serem celetista, Santiago et al (2017), em sua pesquisa afirma que os egressos do Ensino Médio Integrado possuem, em sua maioria, vínculo celetista, garantindo os direitos previstos em

lei. Um fator que fortalece a contratação na atenção à saúde é a maior ocorrência de seleções nestas instituições privadas ou filantrópicas, em que a rotatividade dos profissionais é mais frequente.

Sete egressos tiveram o primeiro emprego como técnicos em enfermagem na rede pública de saúde e apenas um começou a trabalhar na rede privada, o que demonstra o domínio do setor público de saúde na captação dos profissionais. Tal setor é o maior empregador dos profissionais de enfermagem e concentra cerca de 60% da força de trabalho representada por trabalhadores de nível médio (COFEN, 2015; FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ, 2015).

Destas sete instituições públicas, quatro pertenciam à rede hospitalar e três à atenção básica em saúde. Já a instituição privada era uma clínica ambulatorial, em mais uma comprovação de que o modelo de saúde adotado no país, o hospitalocêntrico, domina a oferta de vagas no mercado de trabalho da saúde.

Em relação ao vínculo empregatício dos egressos atuantes na profissão, seis eram contratados e um terceirizado. Apenas um egresso era concursado como técnico em enfermagem.

INSERÇÃO NO MUNDO DO TRABALHO

Em uma realidade de modificações constantes no mundo do trabalho e no sistema de ensino, existe uma necessidade de alinhamento entre a formação ofertada pelas instituições de ensino e o mercado de trabalho. Mesmo que a obtenção de uma formação técnica venha a ser vista como garantia de inserção profissional e de estabilidade profissional, é possível observar as dificuldades dos indivíduos capacitados em se inserir no mundo do trabalho (RAMOS; PARENTE; SANTOS, 2014).

A inserção profissional é um fenômeno social que pode se modificar ao longo do tempo e representa a transição do indivíduo do processo formativo para o sistema de emprego. Trata-se de um processo complexo, composto por atores e influenciado por fatores históricos/ sociais em determinado contexto institucional, o qual configura-se como construção pessoal, social e profissional do indivíduo (ALMEIDA, 2014; ALVES, 2009; DRANCOURT; BERGER, 1995).

Assim, existe uma lacuna importante entre a escolha profissional e a consolidação dessa escolha com o efetivo exercício profissional no mundo do trabalho. Essa lacuna é

permeada por uma série de elementos facilitadores e desafiadores para inserção deste profissional no mundo do trabalho.

Assim, a inserção profissional se trata de um processo repleto de fatores que contribuem – positiva e/ou negativamente – para empregabilidade dos indivíduos recém-formados, o que será objeto de análise neste estudo, sendo importante entender e avaliar o que interfere positivamente nesta caminhada.

Nas falas dos egressos participantes, surgiram pontuações que possibilitaram o agrupamento de elementos facilitadores para a inserção no mundo do trabalho, emergindo 5 categorias: Formação profissionalizante; Experiência proporcionada pelos estágios e aulas práticas; Experiências profissionais anteriores; Iniciativas governamentais e Rede de indicações.

A formação profissionalizante

A inserção no campo de trabalho é permeada por fatores que se tornam barreiras, mas algumas condições favorecem esta entrada e permitem uma gratificante e estimulante transição de estudante para trabalhador.

A formação voltada para a prática, a realização de estágios, o estímulo próprio e da instituição de ensino para o desenvolvimento educativo, científico e da produção de conhecimento contínua se tornam facilitadores nesta transição (MATTOSINHO et al., 2010).

[...] eu não tive dificuldade, agora assim, por questão de conhecimento, estas coisas. Porque depois que a gente estuda fica mais fácil para arrumar emprego. No meu caso mesmo, se eu não fosse formada, não estaria trabalhando aqui na clínica, porque aqui depende de alguns procedimentos da área de enfermagem. E03

O egresso identifica a formação profissionalizante como elemento facilitador para ingresso no mundo do trabalho, pois assim ele está apto a ocupar funções especializadas, o que amplia as possibilidades de concorrer a uma vaga de emprego. A partir da formação profissionalizante abrem-se oportunidades de atuação em organizações que demandam conhecimentos e saberes específicos de determinadas categorias profissionais, como os serviços de saúde, por exemplo.

[...] quero fazer outros cursos também relacionados com a área da enfermagem [...]. E03

Eu tenho atualização, especialização em UTI. Sou especializada também em HD, que é hemodiálise. [...] Então eu vou seguindo minha caminhada e estou querendo fazer um outro... Já estou em emergência, mas foi pela internet, que a gente faz só respondendo pergunta. Mas, eu quero atuar em urgência e emergência, mas até aqui eu não tive oportunidade de fazer, mas pretendo fazer sim [...]. E17

Em estudo, egressos da enfermagem identificaram a vontade de aprender e a busca pelo conhecimento como facilitadores no processo de inserção no mercado de trabalho. Para os autores, a educação é fundamental, pois permite a adaptação no meio onde se vive, e a busca constante pelo conhecimento favorece o desenvolvimento no campo profissional (JESUS et al., 2013).

Então, cabe também ao sujeito inserir-se no processo educativo, em busca do agir com consciência crítica e reflexiva, com o objetivo de integrar seus conhecimentos teóricos e práticos. Sabemos que uma boa formação, que estimula a criticidade e reflexão, pode ampliar horizontes profissionais na vida dos indivíduos.

Em pesquisa, recém-formados em enfermagem relataram que o conhecimento teórico e crítico, mesmo diante da escassez de vivências práticas durante a formação, facilita a transição e a inserção no mundo do trabalho, pois subsidia ações, e conseqüentemente, o desenvolvimento profissional. A valorização da criticidade é um aspecto indispensável para a educação em enfermagem voltada para atender às exigências no contexto de contínuas mudanças sociais (MATTOSINHO et al., 2010).

Assim, além do auto incentivo dos egressos em busca de formação crítica-reflexiva, como já falamos aqui, a instituição formativa também desempenha um importante papel neste processo. Nesse sentido, deve ser articuladora, mediadora e motivadora para apresentar o estudante ao mundo do trabalho, à experiência prática e à realidade profissional.

Partindo do pressuposto que o trabalho é um princípio educativo perante a modalidade integrada de ensino, é de suma importância que a formação ofereça

conhecimentos científicos e proporcione o desenvolvimento de habilidades práticas, mas que também aproxime o estudante das exigências do mercado, facilitando a sua transição para o mundo profissional e preparando-o para as dificuldades a serem encontradas (JESUS et al., 2013).

Experiência proporcionada pelos estágios e aulas práticas

No ensino da Enfermagem, tem sido difícil que as escolas incorporem as propostas para mudanças na formação dos profissionais estabelecidas pelas Diretrizes Curriculares Nacionais de Enfermagem, principalmente aquelas relativas à aquisição, desenvolvimento e avaliação das competências e das habilidades, dos conteúdos essenciais, das práticas/estágios e das atividades complementares. Todavia, são justamente essas competências que permitirão conciliar o plano curricular dos cursos às necessidades e objetivos da formação de profissionais da enfermagem (COLENCI; BERTI, 2012).

Uma forma de aproximar os estudantes durante o processo de formação à sua futura realidade profissional é através dos estágios, curriculares ou extracurriculares, os quais são importantes para o desenvolvimento da carreira de todo profissional. Além de ganho de experiência, eles possibilitam conhecimentos, competências, aprendizado rápido e prático, bem como facilitam o ingresso no mercado de trabalho.

Alguns egressos afirmaram que a experiência prática oportunizada pelos estágios e aulas práticas facilitaram a inserção no mundo do trabalho:

[...] coloquei um currículo, fui chamada a realizar uma prova e passei. Um requisito que foi bastante importante foi que eu fiz no estágio. E09

Ligaram para o hospital precisando de uma pessoa aqui onde eu estou, então deram informações que eu fui uma aluna excelente, responsável. Aí eu consegui. E16

Em outro estudo, estudantes que participaram de estágios também relataram facilidades para conseguir o primeiro emprego (CARVALHO; MACEDO; SILVA, 2017). O estágio é capaz de propiciar aproximação e entrosamento entre escola, empresa, estudante e sociedade, o que viabiliza o atendimento às necessidades do sistema educacional e das demandas quantitativa e qualitativa do mercado (MURARI; HELAL,

2010). Além disso, foi apontado como elemento capaz de reduzir possíveis estresses entre profissionais de enfermagem recém-formados (MATTOSINHO et al., 2010).

Quando uma empresa precisa contratar um novo profissional e nela já atua um estagiário que desempenha a função com qualidade, a preferência, naturalmente, será por este funcionário, uma vez que já foi previamente “moldado” e conhece as necessidades e o perfil da empresa. Assim, será necessário menos tempo e recursos humanos para treiná-lo.

As empresas justificam o estágio como mecanismo para formar e desenvolver no estudante competências profissionais condizentes com a cultura organizacional, com a finalidade de contratação futura (MURARI; HELAL, 2010).

Experiências profissionais anteriores

Assim como os estágios, as vivências anteriores, como a experiência profissional antes da finalização do curso, tornam-se facilitadoras, como visto na fala a seguir:

No meu caso, porque, como eu já trabalhava em farmácia, tenho um pouquinho de conhecimento em algumas medicações, aí facilitou, entendeu? Mas assim, para pegar uma pessoa para trabalhar na área mesmo eles pedem no mínimo seis meses de experiência. E03

Este egresso considera que, mesmo trabalhando em outra área diferente da enfermagem, a sua atuação em farmácia devido o conhecimento das medicações facilitou o seu acesso ao mercado de trabalho, e ainda enfatiza a dificuldade das pessoas que não tem experiência para conseguir o primeiro emprego.

Em um estudo sobre inserção profissional de egressos da enfermagem, os participantes afirmam que não tiveram dificuldades para conseguir o primeiro emprego pois já possuía experiência prévia na área da saúde (COLENCI; BERTI, 2012). Neste contexto, o conhecimento a partir da prática profissional é vista como uma experiência não vivenciada no curso. Sendo esta, rica de situações cotidianas, fáceis ou difíceis e suas formas de enfrentamento (MATTOSINHO et al., 2010).

Diante desta realidade, fica clara a significância que as empresas dão à vivência/experiência prática ao contratar um profissional. O fato de ter passado por alguma experiência oferece uma maior segurança ao recrutador quanto às habilidades e competências deste indivíduo.

É possível observar que além da experiência anterior ter se mostrado facilitadora para entrar no primeiro emprego, a vivência deste também facilita a continuidade de toda a trajetória profissional deste egresso, como aduz a fala a seguir:

[...] terminou em dezembro de 2018 e, em 2019, retornei para maternidade porque gostaram do meu trabalho, gostaram de mim [...]. [...] A diretora de lá pediu para retornar e, por isso, eu retornei. Então hoje está fazendo um ano que estou pela fundação [...] em um novo contrato. E até hoje tenho as melhores referências da FESF, que me deu oportunidade. E17

Corroborando com a discussão acima, as falas demonstram o quanto que obter experiência profissional a partir do primeiro trabalho facilita a entrada em outros vínculos empregatícios no futuro. E como visto na fala do egresso 17, o seu bom desempenho enquanto técnico de enfermagem no primeiro trabalho implicou de forma positiva na realização de um novo contrato.

Entretanto, para conseguir alcançar o primeiro emprego após a formação, os egressos passam por inúmeras dificuldades, necessitando de apoio para conseguirem se inserir no mundo do trabalho.

Iniciativas governamentais

De acordo com Dias (2019), as escolas técnicas, muitas vezes, adaptam sua pedagogia às novas necessidades de mercado, atendendo ao apelo economicista, transformando o fazer dos trabalhadores em competências para as atividades práticas. Trata-se de um saber endereçado ao mundo da produção capitalista. No entanto, a formação técnica em enfermagem na modalidade integrada deve ir muito além das habilidades ou competências técnicas. Ela deve permitir uma formação crítica, reflexiva e criativa de forma que permita uma transformação de vida do indivíduo.

A própria modalidade integrada surge diante da crítica à dualidade da educação brasileira que defende o ensino médio integrado sob os eixos: trabalho, ciência e cultura, o que significa incorporar à formação geral, a preparação para o trabalho, não implicando apenas numa formação para atender às necessidades do mercado capitalista, mas que

permita aos educandos a compreensão e inserção no mundo do trabalho com participação qualitativa (XAVIER; FERNANDES, 2019).

Para apoiar a inserção no mundo do trabalho, por jovens sem experiência alguma e recém formados, é de extrema importância que as empresas, instituições de ensino e o governo tomem iniciativas e estruturem programas para servir de alicerce no início da trajetória destes egressos.

Como apoio para a inserção destes profissionais no primeiro trabalho, o governo implantou o programa Primeiro Emprego, uma iniciativa do Governo estadual que visa inserir o estudante, recém formado e inexperiente, no mundo profissional. O programa visa o combate ao desemprego dos jovens e adolescentes, inserindo egressos e estudantes da Educação Profissional, que nunca trabalharam, no mundo do trabalho por meio de contrato de estágio, aprendizagem ou ocupação formal (BAHIA, 2019).

[...] na realidade, como eu já estava escrita no próprio sistema da Secretaria de Educação junto com a da Saúde, ligaram para mim para que comparecesse no SIM e fui encaminhada para todos os trâmites da empresa. Fiz tudo que foi necessário. E01

Conquistar o primeiro emprego é de extrema importância para o egresso inexperiente, pois “abre portas” para outras vivências. Nesse sentido, medidas como o programa Primeiro Emprego facilitam esta trajetória e permitem a obtenção de renda, além de experiência profissional. Afinal, sem oportunidades, “*como um recém-formado vai ter experiência?*” (COLENCI; BERTI, 2012, p. 162).

Rede de indicações

Com a falta de vagas associada a poucas experiências e poucos concursos, muitos recém formados enxergam que a possibilidade de uma indicação por conhecidos ou políticos podem acelerar a entrada no mundo do trabalho:

Eu tenho uma colega que trabalha em hospital e perguntei a ela. Ela disse que só está colocando por indicação. E02

Na verdade foi uma colega minha da minha mesma turma que já trabalhava com a médica, e me indicou. Foi indicação. E03

O pessoal aqui só arruma mais emprego em questão de concurso ou se você tiver alguém que lhe conheça bem para te colocar num emprego acessível, melhorzinho. E04

Melo e Borges (2007, p. 380) afirmam que “[...] o jovem de hoje é aquele que ainda busca a sua identidade profissional, a sua autonomia nas decisões pessoais e profissionais, a sua independência financeira e a sua participação ativa na sociedade por meio do trabalho”, logo, diante das dificuldades para conseguir o primeiro emprego e a falta de experiência, a indicação ou cargo político acaba sendo um dos meios mais acessíveis de inserção no mundo do trabalho.

O indivíduo recém formado carrega em si o peso de não haver experiência profissional. Tem apenas a sua formação principal como qualificação, e no caso dos participantes deste estudo, muitos já têm uma idade elevada não havendo uma grande aceitabilidade pelo mercado de trabalho. Portanto, o fato de haver indicações de trabalho por terceiros pode minimizar o peso destes fatores sob os recém formados que passam por obstáculos para conseguir o primeiro vínculo empregatício.

Segundo Teixeira (2005) a ajuda através da oferta ou indicação para um emprego confirma ainda mais a necessidade do jovem recém formado de ser apoiado neste momento difícil, que é se inserir profissionalmente, e que o mercado emprega muito através de indicação. Portanto, o jovem que não tem contato com pessoas que possam indicá-lo para uma vaga de emprego ou que possam empregá-lo, encontra-se mais distante da possibilidade de inserção profissional.

Estudos afirmam que vem crescendo o número de vagas de emprego que preferem contratações através de indicação, sendo apontado pelos profissionais atuantes na empresa (COLENCI; BERTI, 2012; JESUS et al., 2013). De acordo com um site de consultoria de recursos humanos, uma pesquisa com mais de 40 mil profissionais apontou que, 59% das funções preenchidas no mercado de trabalho são baseadas na indicação. De acordo com os dados, 70% dos trabalhadores utilizam seu networking para procurar emprego, e 75% das organizações usam a indicação de colaboradores como ferramenta de divulgação de vagas ofertadas (CATHO, 2015). Ainda, um estudo sobre inserção no mercado de trabalho por graduados em enfermagem, revela que 8,5% destes profissionais conseguiram o primeiro emprego através de indicação (JESUS et al., 2013).

A indicação se tornou um fator importantíssimo na busca por uma colocação profissional, principalmente se o candidato indicado superar as expectativas dos contratantes. Assim, vem se tornando uma forma de recrutamento de recursos humanos cada vez mais comum no mundo do trabalho.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Até aqui podemos observar fatores que facilitaram a inserção no mundo do trabalho como técnico em enfermagem. São, em síntese, experiências e vivências anteriores, a própria formação profissionalizante, indicações e políticas governamentais que favoreceram esta trajetória, geralmente árdua no início.

Tais fatores são ainda condizentes com os objetivos da formação na modalidade integrada, a qual tem a missão de formar sujeitos com conhecimento técnico na sua área mediante a aproximação precoce com o mundo do trabalho e que tenham a capacidade de articular as vivências acadêmicas com a prática profissional. Em contrapartida, a ausência ou escassez destes e de outros fatores dificulta o ingresso do mundo do trabalho.

Tomou-se como limitações deste estudo a escassez de banco de dados organizados-físico ou digital - nas escolas, assim como a antiguidade dos números telefônicos, onde muitos não pertenciam mais aos antigos donos, estavam fora de área ou eram inexistentes. Ainda, nota-se a escassez de estudos sobre a formação técnica em enfermagem, principalmente quando se trata da modalidade integrada.

Diante do exposto, ressaltamos a necessidade de estudar os desafios para a inserção no mundo do trabalho e uma análise das instituições de ensino sobre o processo formativo dos cursos técnicos em enfermagem ofertados, a fim de avaliar criticamente os currículos e os Projetos Políticos Pedagógicos e modificá-los para que sejam mais condizentes com a real missão e valor prometidos pela formação na modalidade integrada.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, M. S. A transição da escola para o mundo do trabalho constituída em objecto de estudo: Uma abordagem teórico-metodológica. **Cad. Cedes**, v. 34, n. 94, p. 385–400, 2014.

ALVES, N. **Inserção profissional e formas identitárias: o caso dos licenciados da Universidade de Lisboa**. Lisboa: Educa, 2009.

BAHIA. **Programa primeiro emprego. Secretaria de Educação do Estado da Bahia.** Disponível em: <<http://estudantes.educacao.ba.gov.br/primeiroemprego>>. Acesso em: 25 mar. 2020.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo.** 5. ed. São Paulo: Edições 70, 2016.

BASTOS, J. C. Efetivação de Escolhas Profissionais de Jovens Oriundos do Ensino Público: Um Olhar sobre suas Trajetórias. **Revista Brasileira de Orientação Profissional**, v. 6, n. 2, p. 31–43, 2005.

BONFIM, A. A. **A trajetória profissional dos egressos do curso técnico em agropecuária da EAF de São Cristóvão – SE.** [s.l.] Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, 2008.

BRASIL. **Catálogo Nacional de Cursos Técnicos.** 4. ed. Brasília: Ministério da Educação, 2021.

CARVALHO, A. K. A.; MACEDO, M. A.; SILVA, T. S. Experiências de Inserção no Mercado de Trabalho: Estudo com Egressos do Curso de Administração. **Rev. Cienc. Gerenc**, v. 21, n. 33, p. 56–62, 2017.

CATHO. **Indicação: vantagens e complicações.** Disponível em: <<https://www.catho.com.br/carreira-sucesso/carreira/dicas-emprego/comportamento/indicacao-vantagens-e-complicacoes/>>.

COFEN. **Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil.** Disponível em: <<http://www.cofen.gov.br/perfilenfermagem/#apresentacao>>. Acesso em: 8 fev. 2017.

COLENCI, R.; BERTI, H. W. Formação profissional e inserção no mercado de trabalho: percepções de egressos de graduação em enfermagem. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, v. 46, n. 1, p. 158–166, 2012.

DRANCOURT, N. C.; BERGER, R. L. **Que sais-je?: l'insertion des jeunes en France.** Paris: PUF, 1995.

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. **Pesquisa inédita traça perfil da enfermagem no Brasil.**

JESUS, B. H. DE et al. Inserção no mercado de trabalho: trajetória de egressos de um curso de graduação em enfermagem. **Escola Anna Nery**, v. 17, n. 2, p. 336–345, 2013.

MASSA, K. H. C.; DUARTE, Y. A. O.; FILHO, A. D. P. C. Analysis of the prevalence of cardiovascular diseases and associated factors among the elderly, 2000-2010. **Ciencia e Saude Coletiva**, v. 24, n. 1, p. 105–114, jan. 2019.

MATTOSINHO, M. M. S. et al. Mundo do trabalho: Alguns aspectos vivenciados pelos profissionais recém-formados em enfermagem. **ACTA Paulista de Enfermagem**, v. 23, n. 4, p. 466–471, 2010.

MELO, S. L. DE; BORGES, L. DE O. A transição da universidade ao mercado de trabalho na ótica do jovem. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 27, n. 3, p. 376–395, 2007.

MURARI, J.; HELAL, D. O estágio e a formação de competências profissionais em estudantes de administração. **Gestão & Planejamento - G&P**, v. 10, n. 2, 2010.

PAIVA, M. S. et al. Perfil profissional de egressas da Área de Gerenciamento do Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da UFBA. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, v. 45, n. spe, p. 1558–1565, 2011.

RAMOS, M.; PARENTE, C.; SANTOS, M. Graduates in Portugal: A typification of professional transition profiles. **Educacao e Pesquisa**, v. 40, n. 2, p. 383–400, 2014.

TEIXEIRA, D. J.; OLIVEIRA, C. C. G.; FARIA, M. A. DE. Perfil dos egressos do Programa de Mestrado Profissional em Administração da PUC Minas/FDC no período de 2000 a 2005. **E & G. Economia e Gestão**, v. 8, n. 16, p. 100–118, 2008.

TEIXEIRA, E. J. **Juventude pobre, participação e redes de sociabilidade na construção do projeto de vida**. [s.l.] Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2005.

XAVIER, T. R. T. M.; FERNANDES, N. L. R. Educação Profissional Técnica integrada ao ensino médio: considerações históricas e princípios orientadores. **Revista de Estudos e Pesquisas sobre Ensino Tecnológico (EDUCITEC)**, v. 5, n. 11, 2019.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo tratou de analisar a trajetória profissional dos egressos dos cursos técnicos em enfermagem na modalidade integrada na Bahia, entre os anos de 2015 e 2018, e diante dos resultados obtidos na pesquisa conseguimos visualizar diversos elementos que se configuram como facilitadores e desafiadores para a inserção destes recém-formados no mundo do trabalho enquanto técnicos em enfermagem.

Compreendendo que a formação técnica na modalidade integrada ao ensino médio surge visando romper a dualidade entre o tecnicismo e o intelectual, garantindo uma formação crítica, reflexiva, criativa e de acordo com a realidade do mercado de trabalho, de forma que venha a aumentar as possibilidades de inserção dos profissionais recém formado no primeiro emprego, esta modalidade de ensino pode servir de alavanca para a saúde pública do país, pensando em uma formação técnica em enfermagem mais qualificada, conforme a modalidade promete.

No entanto, meio a esta formação, e também após a conclusão da mesma, podem surgir variados fatores pessoais, sociais, econômicos e regionais que interferem na trajetória profissional dos egressos destes cursos técnicos em enfermagem, de forma positiva ou negativa, impactando na inserção profissional, e também na permanência no mundo do trabalho, na sua área de formação.

A própria formação profissionalizante surge nas falas como um elemento facilitador na trajetória profissional. A partir de uma formação profissional, o indivíduo se torna capaz de atuar em funções especializadas que necessitam de conhecimentos específicos, conforme a sua área de formação, aumentando as chances ao concorrer por uma vaga de emprego.

A experiência prática e a realização de estágios também surgem como facilitadores neste processo. Além de aumentar os conhecimentos do estudante através de uma atuação dentro da realidade e aproximá-lo do mundo do trabalho, podem gerar visibilidade para o profissional, aumentando a possibilidade de ser contratado pela empresa após a formação. A escassez e/ou o baixo alcance dos programas governamentais junto às empresas para incentivar a contratação de estagiários, se tornam dificultadores na trajetória profissional destes egressos.

Da mesma forma se configuram as experiências profissionais anteriores. Mesmo sendo em outras áreas aquém da enfermagem, aumentam as possibilidades de adentrar no

primeiro emprego, visto que as empresas hipervalorizam a experiência, muitas vezes subestimando a capacitação profissional. Neste sentido, a falta da experiência profissional foi evidenciada como um elemento desafiador, sendo esta decisória nos processos seletivos.

Para aumentar as chances de inserção no mundo do trabalho, o governo instituiu o programa Primeiro Emprego, sendo este citado como um elemento facilitador para quem não possui vivências profissionais anteriores. No entanto, este programa tem alguns gargalos a serem melhor trabalhados, os quais foram citados como elementos desafiadores: a destinação do programa para jovens e para os indivíduos que não possuem registro algum em carteira de trabalho. Estes se tornam entraves, quando nos referimos ao PROEJA, onde temos estudantes com idade avançada e maior probabilidade de já ter vivenciado trabalhos anteriores. Portanto, são necessárias readaptações e melhorias nas iniciativas governamentais, pensando nos diferentes grupos egressos da formação na modalidade integrada.

Outro elemento que facilita a inserção no mundo de trabalho é a rede de indicações. Sabe-se que na atualidade, com a baixa oferta de vagas, e principalmente no interior, ter alguém para indicar a inserção profissional reduz a dificuldade deste processo. O recrutamento por indicação vem se tornando cada dia mais comum, assim, não ter uma rede de indicação pode se tornar um desafio para entrar na profissão almejada.

Quando nos referimos ao interior do estado da Bahia, um desafio bastante citado, é a baixa oferta de vagas para atuar como técnicos em enfermagem, visto que são poucas as instituições de saúde sediadas nestas cidades. A partir do momento que são ofertadas vagas de cursos profissionalizantes, é preciso pensar em estratégias nas quais as vagas de emprego sejam disponibilizadas na mesma proporção, garantindo a finalidade principal de uma formação profissional, que é a inserção no mundo do trabalho.

Por fim, a precariedade dos vínculos é desafiadora para a inserção, mas principalmente para permanência no mundo do trabalho. A informalidade dos vínculos e a desvalorização social e econômica da enfermagem causam insatisfação profissional, levando muitas vezes a uma evasão da área e até mesmo, a desistência de se inserir profissionalmente no mundo de trabalho enquanto técnicos em enfermagem.

Mesmo diante de um número limitado de participantes deste estudo, foi possível perceber que são vários os elementos que interferem na trajetória profissional dos indivíduos. Dentro deste contexto, conhecer e discutir estas facilidades e os desafios

supracitados permite que as instituições de ensino e o governo trabalhem no fortalecimento dos elementos favoráveis para a inserção no mundo do trabalho, mas também pensem em formas de trabalhar os aspectos desfavoráveis, de forma que a trajetória profissional dos técnicos em enfermagem seja mais satisfatória para estes profissionais, garantindo uma assistência de saúde adequada e qualificada para a população brasileira.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, M. S. A transição da escola para o mundo do trabalho constituída em objecto de estudo: Uma abordagem teórico-metodológica. **Cad. Cedes**, v. 34, n. 94, p. 385–400, 2014.
- ALVES, N. **Inserção profissional e formas identitárias: o caso dos licenciados da Universidade de Lisboa**. Lisboa: Educa, 2009.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. 5. ed. São Paulo: Edições 70, 2016.
- BASTOS, J. C. Efetivação de Escolhas Profissionais de Jovens Oriundos do Ensino Público: Um Olhar sobre suas Trajetórias. **Revista Brasileira de Orientação Profissional**, v. 6, n. 2, p. 31–43, 2005.
- BONFIM, A. A. **A trajetória profissional dos egressos do curso técnico em agropecuária da EAF de São Cristóvão – SE**. [s.l.] Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, 2008.
- BORGES, F. T. et al. Escolas Técnicas do SUS (ETSUS) no Brasil: regulação da integração ensino serviço e sustentabilidade administrativa. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 17, n. 4, p. 977–987, 2012.
- BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDB 9.394, de 02 de dezembro de 1996**. Brasil, 1996.
- BRASIL. **Parecer CNE/CEB Nº 16/99 - Trata das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Profissional de Nível Técnico** Brasil, 1999.
- BRASIL. **Catálogo Nacional De Cursos Técnicos - Edição 2014**. 4. ed. Brasília: [s.n.].
- BRASIL. **Decreto n. 5154 de 23 de julho de 2004 - Regulamenta outras leis (9394)** Brasil, 2014b. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2004/decreto/d5154.htm>. Acesso em: 24 jan. 2021
- BRASIL. **Catálogo Nacional de Cursos Técnicos**. 4. ed. Brasília: Ministério da Educação, 2021.
- CECCIM, R. B.; FERLA, A. A. Educação Permanente em Saúde. In: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio (Ed.). **Dicionário da educação profissional em saúde**. Rio de Janeiro: EPSJV/Fiocru, 2006. p. 107–112.
- CECCIM, R. B.; FEUERWERKER, L. C. M. O quadrilátero da formação para a área da saúde: ensino, gestão, atenção e controle social. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, v. 14, n. 1, p. 41–65, jun. 2004.

- COFEN. **Lei nº 7.498/86, de 25 de junho de 1986 Dispõe sobre a regulamentação do exercício da Enfermagem e dá outras providências.** Brasil, 1986. Disponível em: <http://www.cofen.gov.br/lei-n-749886-de-25-de-junho-de-1986_4161.html>. Acesso em: 24 jan. 2021
- COFEN. **Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil.** Disponível em: <<http://www.cofen.gov.br/perfilenfermagem/#apresentacao>>. Acesso em: 8 fev. 2017.
- COLENCI, R.; BERTI, H. W. Formação profissional e inserção no mercado de trabalho: percepções de egressos de graduação em enfermagem. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, v. 46, n. 1, p. 158–166, 2012.
- CONEP. **Documento de conclusões do seminário interno sobre o tema: ‘Instituição Sediadora e Vinculada’ ocorrido em Reunião Extraordinária da CONEP em 12/08/2010 CARTA Nº 0212/CONEP/CNS.** Brasil, 2010. Disponível em: <https://conselho.saude.gov.br/Web_comissoes/conep/aquivos/conep/proponente_co_participante.pdf>. Acesso em: 12 fev. 2020
- CONSELHO FEDERAL DE ENFERMAGEM. **Enfermagem em dados.** Disponível em: <<http://www.cofen.gov.br/enfermagem-em-numeros>>. Acesso em: 28 jan. 2021.
- COSTA, F. DA C.; BORGES, E. L.; DONOSO, M. T. V. Perfil dos alunos de curso Técnico de Enfermagem de uma escola particular em Minas Gerais. **Revista de Enfermagem do Centro Oeste Mineiro**, v. 3, n. 1, p. 554–568, jun. 2013.
- DA SILVA, M. C. N.; MACHADO, M. H. Health and work system: Challenges for the nursing in Brazil. **Ciencia e Saude Coletiva**, v. 25, n. 1, p. 7–13, 2020.
- DICIO. **Integrado - Dicio, Dicionário Online de Português.** Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/integrado/>>. Acesso em: 6 jun. 2021.
- DRANCOURT, N. C.; BERGER, R. L. **Que sais-je?: l’insertion des jeunes en France.** Paris: PUF, 1995.
- FARIA, D. A.; ASSIS, S. M. O PROEJA integrado à educação profissional: desafios, possibilidades e práticas docentes. **HOLOS**, v. 2, p. 123, 2014.
- FIGUEIREDO, J. B. **Trajetória educacional de alunos de cursos técnicos em saúde: o caso da Escola Técnica Estadual de Saúde Herbert José de Souza (ETESHJS) da FAETEC.** [s.l.] Fundação Oswaldo Cruz, 2013.
- FRIGOTTO, G.; CIAVATTA, M.; RAMOS, M. Possibilidades e desafios na organização do currículo integrado. In: **Ensino médio integrado: concepção e contradições.** São Paulo: Editora Cortez, 2005. p. 106–127.

- FRIGOTTO, G.; CIAVATTA, M.; RAMOS, M. **Ensino médio integrado: concepção e contradições**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2012.
- FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. **Pesquisa inédita traça perfil da enfermagem no Brasil**.
- GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2019.
- GÖTTEMS, L. B. D.; ALVES, E. D.; SENA, R. R. DE. Brazilian nursing and professionalization at technical level: a retrospective analysis TT - La enfermería brasileña y la profesionalización de nivel técnico: un análisis en retrospectiva TT - A enfermagem brasileira e a profissionalização de nível técnico. **Rev. latinoam. enferm**, v. 15, n. 5, p. 1033–1040, 2007.
- GRAMSCI, A. **Os Intelectuais e a Organização da Cultura**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991.
- IBGE. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios**. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ba/pesquisa/10070/64506>>. Acesso em: 3 jun. 2021.
- IBGE. **Censo demográfico 2010**. Disponível em: <<https://censo2010.ibge.gov.br/resultados.html>>. Acesso em: 14 nov. 2019.
- JÚNIA, R. **MEC anuncia ensino médio em tempo integral: mas o que isso quer dizer?** Disponível em: <<https://www.epsjv.fiocruz.br/noticias/reportagem/mec-anuncia-ensino-medio-em-tempo-integral-mas-o-que-isso-quer-dizer>>. Acesso em: 16 maio. 2021.
- LUCCHESI, R.; BARROS, S. Pedagogy of the competences - A reference to the paradigmatic transition in the nursing teaching - A literature review. **ACTA Paulista de Enfermagem**, v. 19, n. 1, p. 92–99, 2006.
- MACHADO, L. Ensino médio e técnico com currículos integrados: propostas de ação didática para uma relação não fantasiosa. In: MOALL, J. (Ed.). **Educação Profissional e Tecnológica no Brasil Contemporâneo: desafios, tensões e possibilidades**. Porto Alegre: Artmed, 2010. p. 80–95.
- MARCONI, M. DE A.; LAKATOS, E. M. **Metodologia Científica**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2011.
- MINAYO, M. C. DE S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 14. ed. São Paulo: Hucitec, 2014.
- MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Planejando a Próxima Década: Alinhando os Planos de Educação**. Brasília: [s.n.].
- MOURA, D. H. Educação básica e educação profissional e tecnológica: dualidade histórica

- e perspectivas de integração. **Holos**, v. 23, n. 2, p. 1–30, 2007.
- NOGUEIRA, R. DE S. **Trajatória educacional e ocupacional de alunos do curso técnico de nível médio em nutrição e dietética: um estudo de caso no Senac Rio - unidade Centro Politécnico**. [s.l.] Fundação Oswaldo Cruz, 2015.
- PAIVA, J. M. M. et al. Escolas Técnicas do SUS: perfil dos egressos do curso técnico em enfermagem. In: **Discursos, Saberes e Práticas da Enfermagem**. [s.l.] Atena Editora, 2019. p. 139–151.
- PAIVA, M. S. et al. Perfil profissional de egressas da Área de Gerenciamento do Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da UFBA. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, v. 45, n. spe, p. 1558–1565, 2011.
- PEREIRA, I. B.; RAMOS, M. N. **Educação profissional em saúde**. [s.l.: s.n.].
- PEREIRA, I. DE J. **Trabalho como princípio educativo e formação integral nas matrizes curriculares da educação profissional e tecnológica da rede estadual da Bahia**. [s.l.] Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia, 2020.
- QUADROS, A. D. C. **A Trajetória e Desafios das Alunas do Curso Técnico em Agropecuária Integrado ao Ensino Médio do Instituto Federal do Norte de Minas Gerais**. [s.l.] Universidade Estadual do Sudoeste Da Bahia, 2017.
- RAMOS, A. DE S. et al. Política de Gestão do Trabalho e Educação Permanente na Bahia: “o SUS é uma escola. **Revista Baiana de Saúde Pública**, v. 33, n. 1, p. 40, 2012.
- RAMOS, M. Implicações Políticas e Pedagógicas da EJA integrada à Educação Profissional. **Educação & Realidade**, v. 35, n. 1, p. 65–85, 2010.
- RAMOS, M. N. Ensino Médio Integrado: Lutas Históricas e Resistências em Tempos de Regressão. **Educação Profissional e Tecnológica em Revista**, v. 1, n. 1, p. 27–49, 15 dez. 2017.
- RAMOS, M.; PARENTE, C.; SANTOS, M. Graduates in Portugal: A typification of professional transition profiles. **Educacao e Pesquisa**, v. 40, n. 2, p. 383–400, 2014.
- RODRIGUES, J. Qual cidadania, qual democracia, qual educação? **Trabalho, Educação e Saúde**, v. 4, n. 2, p. 417–430, set. 2006.
- SANT’ANNA, S. R. et al. A influência das políticas de educação nos currículos dos cursos de educação profissional técnica de nível médio em enfermagem. **Trab. Educ. Saúde**, v. 5, n. 3, p. 415–431, 2008.
- SANTANA, J. C. B. et al. Perfil dos técnicos em enfermagem de um serviço de atendimento pré-hospitalar. **Enfermagem Revista**, v. 18, n. 1, p. 16–27, 2015.

SANTIAGO, L. M. M. et al. Formação técnica em enfermagem integrada ao ensino médio. **Enfermagem em Foco**, v. 8, n. 3, p. 80–86, 2017.

SAVIANI, D. **Escola e Democracia**. 43. ed. São Paulo: Editora Autores Associados, 2018.

SENKEVICS, A. S.; CARVALHO, M. P. DE. Casa, rua, escola: Gênero e escolarização em setores populares urbanos. **Cadernos de Pesquisa**, v. 45, n. 158, p. 945–968, 2015.

SILVA, A. R. DA. **Inserção e trajetória profissional de egressos do curso de graduação em enfermagem/CESMAC, no município de Palmeira dos Índios/AL**. [s.l.] Universidade Cidade de São Paulo- UNICID, 2012a.

SILVA, G. B. DA; MACEDO, J. W. R. DE; VAL, L. F. DO. Curso de bacharelado em enfermagem: egressos do sexo masculino (2004 a 2017) * / Curso de bacharelado em enfermagem: egressos do sexo masculino (2004 a 2017) *. **Jornal Brasileiro de Desenvolvimento**, v. 7, n. 5, p. 52337–52346, 2021.

SILVA, R. M. DE O. **Especialização em enfermagem sob a forma de residência: experiência transicional na trajetória das egressas**. [s.l.] Universidade Federal da Bahia, 2012b.

SIMÕES, C. A. **Juventude e educação técnica: a experiência na formação de jovens trabalhadores da Escola Estadual Prof. Horacio Macedo/CEFET-RJ**. [s.l.] Universidade Federal Fluminense, 2007.

TEIXEIRA, D. J.; OLIVEIRA, C. C. G.; FARIA, M. A. DE. Perfil dos egressos do Programa de Mestrado Profissional em Administração da PUC Minas/FDC no período de 2000 a 2005. **E & G. Economia e Gestão**, v. 8, n. 16, p. 100–118, 2008.

TRIVIÑOS, A. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 2015.

VIEIRA, M. et al. Trajetórias educacionais e ocupacionais de trabalhadores do Sistema Único de Saúde, e suas expectativas profissionais. **Saúde em Debate**, v. 41, n. spe2, p. 92–103, 2017.

VINUTO, J. A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto. **Temáticas**, v. 22, n. 44, p. 203–220, 30 dez. 2014.

VIRIATO, E. O.; DA COSTA GOTARDO, R. C. Programa Nacional de Integração da Educação Profissional Com a Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos (PROEJA): Reflexões Sobre o Currículo. **Currículo sem Fronteiras**, v. 9, n. 1, p. 214–230, 2009.

APÊNDICES

APÊNDICE A – Termo de autorização da instituição coparticipante

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA ESCOLA DE ENFERMAGEM PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DA INSTITUIÇÃO COPARTICIPANTE

Eu, _____,
 diretor(a) _____ da _____ (o)
 _____, estou
 ciente e autorizo o (a) pesquisador (a) **Gilberto Tadeu Reis da Silva** a desenvolver nesta
 instituição o projeto de pesquisa intitulado “**Panorama da Educação Técnica em
 Enfermagem na modalidade integrada no Brasil: limites, avanços e possibilidades**”.

Declaro conhecer as Normas e Resoluções que norteiam a prática de pesquisa envolvendo seres humanos, em especial a Resolução CNS 466/12, de estar ciente das responsabilidades como instituição coparticipante do presente projeto de pesquisa, do compromisso de garantir a segurança e o bem-estar dos sujeitos de pesquisa aqui recrutados, dispondo de infraestrutura necessária para a garantia de tal segurança e bem-estar.

_____, ____ de _____ de 2018.

 Assinatura do(a) diretor(a) da instituição

APÊNDICE B – Termo de concessão

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
ESCOLA DE ENFERMAGEM
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM**

TERMO DE CONCESSÃO

Eu, _____, responsável pela coordenação pedagógica da(o) _____, e conseqüente guarda dos documentos Projeto Político Pedagógico, Planos de Ensino dos componentes da matriz curricular do curso técnico em Enfermagem, relatório de gestão e cadastro de egressos autorizo o acesso aos documentos que encontra-se sob minha guarda para que sejam coletados dados, os quais serão utilizados na execução do projeto intitulado **Panorama da Educação Técnica em Enfermagem na modalidade integrada no Brasil: limites, avanços e possibilidades**, sob a responsabilidade do pesquisador **Prof. Dr. Gilberto Tadeu Reis da Silva**, apenas com a finalidade acadêmica não comprometendo de nenhuma forma a integridade dos sujeitos da pesquisa os quais terão seu anonimato garantido conforme o que regulamenta a Resolução 466/12.

Informo estar ciente dos objetivos do projeto de pesquisa os quais são em linhas gerais analisar o panorama da educação técnica em enfermagem na modalidade integrada no Brasil tecendo subsídios que possibilitem avanços e inovação na política de formação, gestão e investigação desta área e dos benefícios atuais e potenciais que podem ser gerados com a execução deste trabalho que são: considerar como se dá o panorama da formação técnica em enfermagem na modalidade integrada e suas repercussões para o Brasil, para os trabalhadores e para a consolidação do SUS; subsidiar no alcance da meta 10 do Plano Nacional de Educação, clarificar as possibilidades de ampliação de oferta de cursos nessa modalidade, além de, publicizar os avanços desta modalidade em todo território nacional.

Declaro ainda estar ciente das normas, resoluções e leis brasileiras as quais normatizam a utilização de documentos para coleta de dados bem como da(s) justificativa(s) apresentada(s) pelos autores do presente protocolo de pesquisa para a coleta dos dados sem a obtenção do termo de consentimento livre e esclarecido assinados pelo sujeito da pesquisa com a qual concordo.

_____, ____ de ____ de 2018.

Assinatura do coordenador (a) pedagógico (a)

APÊNDICE C – Formulário das instituições coparticipantes

Formulário da Pesquisa "Panorama da Formação Técnica em Enfermagem na Modalidade Integrada no Brasil"

*Obrigatório

Endereço de e-mail *

Seu e-mail _____

Nome da Escola (razão social) *

Sua resposta _____

Endereço da Escola

Sua resposta _____

Situada

Zona Rural

Zona Urbana

Natureza Administrativa *

- Privada
- Pública
- Filantrópica
- Parceria Público-Privada
- Outro: _____

Esfera Administrativa *

- Federal
- Estadual
- Municipal

Ano de Criação da Escola *

Sua resposta _____

Entidade Mantenedora

Sua resposta _____

Ano de Implantação do Curso Técnico de Enfermagem na Modalidade Integrada na Escola *

Sua resposta _____

Modelo de Currículo Instituído no Curso Técnico de Enfermagem na Modalidade Integrada *

- Currículo por problematização
- Currículo por projetos
- Currículo por módulos de aprendizagem
- Currículo integrado
- Currículo por competências
- Outro: _____

Duração do Curso (em anos) *

Sua resposta _____

Carga Horária do Curso para o Ensino Médio *

Sua resposta _____

Carga horária do Curso para o Ensino Técnico *

Sua resposta _____

Periodicidade da Oferta do Curso Técnico de Enfermagem na Modalidade Integrada *

Sua resposta _____

Ano da Última Revisão do Projeto Pedagógico do Curso Técnico em Enfermagem na Modalidade Integrada *

Sua resposta _____

Os Docentes foram Capacitados para Atuar na Modalidade Integrada? *

- Sim
- Não
- Parcialmente, menos 50%
- Parcialmente, mais 50%

Existe Projeto de Educação Permanente para os Docentes da Modalidade Integrada? *

- Sim
- Não

Quantas Vagas Ofertadas em 2015 para o Curso Técnico de Enfermagem na Modalidade Integrada *

Sua resposta _____

Quantas Vagas Ofertadas em 2016 para o Curso Técnico de Enfermagem na Modalidade Integrada *

Sua resposta _____

Quantas Vagas Ofertadas em 2017 para o Curso Técnico de Enfermagem na Modalidade Integrada *

Sua resposta _____

Quantas Matrículas Efetuadas no Curso Técnico de Enfermagem na Modalidade Integrada em 2015 *

Sua resposta _____

Quantas Matrículas Efetuadas no Curso Técnico de Enfermagem na Modalidade Integrada em 2016 *

Sua resposta _____

Quantas Matrículas Efetuadas no Curso Técnico de Enfermagem na Modalidade Integrada em 2017 *

Sua resposta _____

Quantos Concluintes do Curso Técnico de Enfermagem na Modalidade Integrada em 2015 *

Sua resposta _____

Quantos Concluintes do Curso Técnico de Enfermagem na Modalidade Integrada em 2016 *

Sua resposta _____

Quantos Concluintes do Curso Técnico de Enfermagem na Modalidade Integrada em 2017? *

Sua resposta

Média de Evasão dos Últimos Três Anos do Curso Técnico de Enfermagem na Modalidade Integrada (número absoluto) *

Sua resposta

Média de Reprovação dos Últimos Três Anos do Curso Técnico de Enfermagem na Modalidade Integrada (número absoluto) *

Sua resposta

Média de Tempo para a Conclusão do Curso Técnico de Enfermagem na Modalidade Integrada nos Últimos Três Anos (número absoluto) *

Sua resposta

A Instituição Dispõe de Banco de Dados dos Egressos? *

- Sim
- Não
- Impresso
- Digital
- Outro: _____

Uma cópia das suas respostas será enviada para o endereço de e-mail fornecido

Enviar

Nunca envie senhas pelo Formulário Google.

APÊNDICE D – Termo de consentimento livre e esclarecido

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Nomes dos pesquisadores: Juliana Maciel Machado Paiva, Gilberto Tadeu Reis da Silva e Giselle Alves da Silva Teixeira

O (a) Sr (Sr^a) está sendo convidado a participar da pesquisa intitulada **PANORAMA DA EDUCAÇÃO TÉCNICA EM ENFERMAGEM NA MODALIDADE INTEGRADA NO NORDESTE: LIMITES, AVANÇOS E POSSIBILIDADES**, com objetivo de analisar o panorama da educação técnica em enfermagem na modalidade integrada na Bahia tecendo subsídios que possibilitem avanços e inovação na política de formação, gestão e investigação desta área.

Esse é um projeto de pesquisa desenvolvido por estudantes, professores e pesquisadores da Escola de Enfermagem da Universidade Federal da Bahia, que para ser realizada, dependerá da sua participação. Sua participação é voluntária, isto é, ocorrerá a partir da sua livre e espontânea vontade. A qualquer momento o (a) Sr (Sr^a) poderá recusar-se a responder qualquer pergunta ou desistir e retirar o seu consentimento, sem nenhum prejuízo.

Suas respostas serão tratadas de forma confidencial e anônima, ou seja, em nenhum momento seu nome será divulgado em qualquer fase do estudo. Os dados coletados serão utilizados apenas nesta pesquisa e os resultados poderão ser divulgados em periódicos e/ou eventos científicos, com garantia da privacidade de todos os participantes. Os dados serão armazenados na sala do Grupo de Estudos e Pesquisas em Administração dos Serviços de Enfermagem - GEPASE, localizada na Escola de Enfermagem da Universidade Federal da Bahia.

A coleta de dados será realizada através de questionário/entrevista eletrônica ou presencial, gravada através de dispositivo eletrônico.

Ainda, possíveis desconfortos decorrentes da participação na pesquisa podem ocorrer como: tomar o seu tempo e/ou interferir na rotina laboral. Com intuito e empenho de minimizá-los, algumas providências foram adotadas, a saber: organizar o questionário e roteiro para dar celeridade nas respostas, garantir o acesso aos resultados individuais e coletivos, garantir a confidencialidade e privacidade dos participantes e garantia de suspensão da pesquisa em caso de danos não previstos no TCLE.

O (a) Sr (Sr^a) não terá nenhum custo ou quaisquer compensações financeiras. O benefício relacionado à sua participação será contribuir para a produção e divulgação de conhecimentos, à promoção de fóruns de discussão, à formação de recursos humanos mais adequados às necessidades do sistema de saúde e da população e às perspectivas de desenvolvimento de grupo de estudos para fomento à capacitação de professores para atuação no nível profissionalizante de enfermagem. Os benefícios à pesquisadora serão apenas científicos e acadêmicos.

Em caso de qualquer dúvida ou esclarecimento, o (a) Sr (Sr^a) poderá entrar em contato comigo através dos telefones (71) 991299901 / (71) 986784028/ (71) 999354331/ (75) 988113161, e-mail pesquisapanorama2018@gmail.com ou com o Comitê de Ética em Pesquisa de Enfermagem da Universidade Federal da Bahia (CEPEE). Este é um órgão que defende os interesses dos participantes de pesquisas científicas e contribui para que os

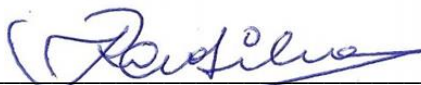
estudos sejam realizados dentro dos padrões éticos. O (A) Sr (Sr^a) poderá entrar em contato com o CEPEE pelo telefone (71) 3283-7615, ou pelo e-mail cepee.ufba@ufba.br ou ainda, ir diretamente ao local, que fica localizado na Escola de Enfermagem – UFBA, rua Dr. Augusto Viana, s/n, sala 435 – Canela, Salvador – BA. O CEPEE funciona nos seguintes horários: segunda – feira – 8h – 14h, terça – feira 11h – 17h, quarta – feira 8h – 14h, quinta – feira 8h – 14h, sexta – feira 11h– 17h.

Após ser esclarecido sobre a pesquisa e sua participação voluntária, assim como, quanto aos benefícios e riscos do estudo, o (a) Sr (Sr^a) deve assinar ao final deste documento, em duas vias. Uma das vias ficará com o (a) Sr (Sr^a) e a outra via permanecerá com o pesquisador responsável, que também assinará concordando com os termos deste documento.

Agradeço desde já a sua colaboração e ratifico quanto à importância da sua participação nesse estudo para o desenvolvimento do conhecimento científico.

Salvador, ____ de _____ de 2019.

Assinatura do (a) participante



Assinatura do Pesquisador

TERMO DE COMPROMISSO DO (A) PESQUISADOR (A)

Eu, Gilberto Tadeu Reis da Silva, me comprometo a discutir as questões acima apresentadas com este (a) participante do estudo e estou consciente que o (a) mesmo (a) compreendeu todos os itens supracitados.



Assinatura do pesquisador

Gilberto Tadeu Reis da Silva
gilberto.tadeu@ufba.br

APÊNDICE E – Roteiro de entrevista semiestruturada

**ROTEIRO PARA ENTREVISTA COM OS EGRESSOS DOS CURSOS TÉCNICOS
EM ENFERMAGEM NA MODALIDADE INTEGRADA**

Iniciais do Egresso:_____.

Data ___/___/_____.

Nº da entrevista:

Modalidade da entrevista:

 Presencial À distância

Início: h.

Término: h.

Tel:

E-mail:

PARTE I – CARACTERIZAÇÃO DAS COLABORADORAS


1. Nome_____
2. Idade_____
3. Sexo: Feminino Masculino
4. Cor: Preto Branco Pardo Amarelo Indígena
5. Estado civil: Solteiro Casado União estável Viúvo Divorciado
6. Local de residência antes do curso e atual (cidade/estado): _____
7. Ano que iniciou o curso técnico em enfermagem na modalidade integrada:
_____.
8. Ano que terminou o curso técnico em enfermagem na modalidade integrada:
_____.
9. Instituição:_____
10. Qual a área de atuação antes e após o Curso?
Antes
_____. Não trabalhava
Após
_____. Não trabalho
11. Fez outra formação?
Sim Qual? _____
Não

PARTE II - QUESTÃO NORTEADORA

1. Fale sobre sua trajetória profissional a partir da realização do curso técnico em enfermagem na modalidade integrada até o momento atual.
 - . Fale sobre as facilidades e dificuldades durante a sua trajetória profissional.
 - . No momento você está trabalhando como TE? (Natureza da instituição, vínculo)
Continua no primeiro emprego?
 - . Ao finalizar o curso técnico em enfermagem, você começou a trabalhar na profissão quanto tempo depois?
 - . Quanto ao seu primeiro emprego como técnico em enfermagem, qual a forma de ingresso? Qual a natureza da instituição?
 - . Há quanto tempo atua/ quanto tempo atuou como técnico em enfermagem?
 - . Você trabalha em quantos empregos como técnico em enfermagem?
 - . Você tem outra atividade remunerada além de atuar como técnico em enfermagem?

ANEXOS

ANEXO A – Parecer do comitê de ética em pesquisa

UFBA - ESCOLA DE ENFERMAGEM DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA	
---	---

PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Panorama da Educação Técnica em Enfermagem na modalidade integrada: limites, avanços e possibilidades

Pesquisador: GILBERTO TADEU REIS DA SILVA

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 15582919.0.0000.5531

Instituição Proponente: Escola de Enfermagem da Universidade Federal da Bahia

Patrocinador Principal: MINISTERIO DA CIENCIA, TECNOLOGIA E INOVACAO

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 3.461.727

Apresentação do Projeto:

Trata-se da 2ª versão do projeto: Panorama da Educação Técnica em Enfermagem na modalidade integrada: limites, avanços e possibilidades. Pesquisador apresenta as adequações éticas sugeridas pelo CEPEE.UFBA.

Objetivo da Pesquisa:

Vide parecer consubstanciado n.3.448.044 de 10 de julho de 2019.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Vide parecer consubstanciado n.3.448.044 de 10 de julho de 2019.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Vide parecer consubstanciado n.3.448.044 de 10 de julho de 2019.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Foram apensados com adequação das informações no TCLE.

Recomendações:

Apresentar relatório parcial e final ao CEPEE.UFBA via Plataforma Brasil.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Sugiro parecer de aprovação.

Endereço: Rua Augusto Viana S/N 3º Andar	CEP: 41.110-060
Bairro: Canela	
UF: BA	Município: SALVADOR
Telefone: (71)3283-7615	Fax: (71)3283-7615 E-mail: cepee.ufba@ufba.br

UFBA - ESCOLA DE
ENFERMAGEM DA
UNIVERSIDADE FEDERAL DA
BAHIA



Continuação do Parecer: 3.481.727

Considerações Finais a critério do CEP:

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1366686.pdf	10/07/2019 13:52:01		Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_Pesquisa.docx	10/07/2019 13:49:01	GILBERTO TADEU REIS DA SILVA	Aceito
Folha de Rosto	Folha_de_Rosto_Atual.pdf	12/06/2019 15:04:03	GILBERTO TADEU REIS DA SILVA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	Termo_Coparticipante_EEUFBA.pdf	12/06/2019 15:01:52	GILBERTO TADEU REIS DA SILVA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	Termo_Proponente_EEUFBA.pdf	12/06/2019 14:59:14	GILBERTO TADEU REIS DA SILVA	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_Panorama_Comite_de_Etica_Bahia.pdf	05/06/2019 15:10:43	GILBERTO TADEU REIS DA SILVA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	Termos_Escola_Carlos_Correa.PDF	02/06/2019 16:09:02	GILBERTO TADEU REIS DA SILVA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	Termos_Escola_Extremo_Sul.pdf	02/06/2019 16:08:37	GILBERTO TADEU REIS DA SILVA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	Termo_Concessao_Colegio_N_S_da_Conceicao.pdf	02/06/2019 16:05:33	GILBERTO TADEU REIS DA SILVA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	Termo_Coparticipante_Colegio_N_S_Conceicao.pdf	02/06/2019 16:03:24	GILBERTO TADEU REIS DA SILVA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TERMO_DE_COMPROMISSO_DO_PESQUISADOR.docx	02/06/2019 16:01:13	GILBERTO TADEU REIS DA SILVA	Aceito

Endereço: Rua Augusto Viana S/N 3º Andar
Bairro: Canela CEP: 41.110-060
UF: BA Município: SALVADOR
Telefone: (71)3283-7615 Fax: (71)3283-7615 E-mail: cepee.ufba@ufba.br

UFBA - ESCOLA DE
ENFERMAGEM DA
UNIVERSIDADE FEDERAL DA
BAHIA



Continuação do Parecer: 3.481.727

TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	Termo_Concessao_Bacia_do_Jacuipe_l.pdf	02/06/2019 16:00:45	GILBERTO TADEU REIS DA SILVA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	Termo_Coparticipante_Bacia_do_Jacuipe.pdf	02/06/2019 15:59:26	GILBERTO TADEU REIS DA SILVA	Aceito
Declaração de Pesquisadores	TERMO_DE_CONFIDENCIALIDADE.docx	02/06/2019 15:52:31	GILBERTO TADEU REIS DA SILVA	Aceito
Orçamento	Orcamento_da_Pesquisa.docx	02/06/2019 15:52:08	GILBERTO TADEU REIS DA SILVA	Aceito
Cronograma	Cronograma_da_Pesquisa.docx	02/06/2019 15:46:24	GILBERTO TADEU REIS DA SILVA	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

SALVADOR, 19 de Julho de 2019

Assinado por:

Maria Carolina Ortiz Whitaker
(Coordenador(a))

Endereço: Rua Augusto Viana S/N 3º Andar
Bairro: Canela CEP: 41.110-060
UF: BA Município: SALVADOR
Telefone: (71)3283-7615 Fax: (71)3283-7615 E-mail: cepee.ufba@ufba.br